

Osires de Araújo Silva Filho

**HUMANOS E MÁQUINAS: UMA
INVERSÃO DE PAPÉIS EM *UBIK*, DE
PHILIP K. DICK**

**UFPI
Programa de Pós-graduação em Letras
2018**

Osires de Araújo Silva Filho

**HUMANOS E MÁQUINAS: UMA
INVERSÃO DE PAPÉIS EM *UBIK*, DE
PHILIP K. DICK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira
Lopes

**UFPI
Programa de Pós-graduação em Letras
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

S586h Silva Filho, Osires de Araújo.
Humanos e máquinas: uma inversão de papéis em
Ubik, de Philip K. Dick / Osires de Araújo Silva Filho. –
2018.
96 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade
Federal do Piauí, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes.

1. Literatura Americana. 2. Ficção Científica
Distópica. 3. Técnica. 4. Consumismo. 5. Inteligência
Artificial. I. Dick, Philip K. II. Título.

CDD 810.9

Esta dissertação foi julgada suficiente como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí.

Teresina, 20 de fevereiro de 2018

Dr. Alcione Corrêa Alves
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr. Luizir de Oliveira

Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho

RESUMO

Humanos e Máquinas: uma inversão de papéis em Ubik estuda, a partir de um dos livros de maior sucesso de Philip K. Dick, o modo como as relações entre humanos e máquinas têm se alterado na modernidade tardia. Associa o fim do otimismo observado no início da era moderna, pautado no conhecimento científico e enaltecimento da razão, ao florescimento da cultura do risco, sobretudo após as duas Grandes Guerras Mundiais do século XX. Diante desse cenário pessimista, percebe a ascensão de dois gêneros literários com os quais *Ubik*, cuja primeira publicação ocorreu em 1969, pode ser identificado: distopia e ficção científica. Sob essa perspectiva, analisa as representações dos humanos e máquinas artificialmente inteligentes (objetos comuns do cotidiano, como portas e cafeteiras, mas com linguagem e pensamentos evoluídos) na sociedade capitalista, consumista e tecnológica de 1992 retratada no romance. Investiga como os avanços científicos e o consequente nascimento do *Homo faber* provocaram reflexos na maneira de lidar com a morte e na busca pelo prolongamento da vida, alterando também a relação humano-natureza ao longo da era moderna. Discute a transformação do humano (ou seu corpo) nas sociedades consumistas e a maneira que um estilo de vida voltado para a reciclagem de vontades, desejos e anseios rotineiros conduz os corpos a seres sem uma finalidade específica. Percebe o romance como crítico ao capitalismo, ao consumismo e ao desenvolvimento da Inteligência Artificial, quando geralmente os objetos inteligentes só funcionam mediante pagamentos e o ser humano é sobreposto, na maioria das vezes, pelo poder e vontade desses recursos tecnológicos. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se especialmente nos estudos de Giddens (1991; 2002), Harvey (2014), Claeys (2010), Fitting (2010), Rees (2008), Bauman (2008a; 2008b; 2010), Bacon (1623; 1999), Arendt (1997; 2010), Jonas (2006), Teixeira (2014; 2015), Bostrom (2016) e Yudkowsky (2008). O trabalho revela, por meio das relações entre a maneira pessimista com as quais os temas pesquisados são apresentados em *Ubik* e os problemas semelhantes encontrados em sociedades avançadas tecnologicamente, o poder de introdução de reflexões importantes dos romances de ficção científica distópica.

Palavras-chave

ficção científica distópica – Philip K. Dick – técnica – consumismo – inteligência artificial

ABSTRACT

Humans and Machines: an inversion of roles in Ubik studies, from one of Philip K. Dick's most successful books, the way human-machine relations have changed in late modernity. It associates the end of the optimism observed at the beginning of the modern era, based on scientific knowledge and praise of reason, to the flourishing of the culture of risk, especially after the two Great World Wars of the twentieth century. In the face of this pessimistic scenario, it perceives the rise of two literary genres with which *Ubik*, whose first publication occurred in 1969, can be identified: dystopia and science fiction. From this perspective, it analyzes the representations of humans and artificially intelligent machines (everyday objects such as doors and coffee pots, but with evolved language and thoughts) in the capitalist, consumerist, and technological society of 1992 portrayed in the novel. It investigates how the scientific advances and the consequent birth of the *Homo faber* provoked reflexes in the way of dealing with the death and in the search for the prolongation of life, also altering the relation human-nature throughout the modern era. It discusses the transformation of the human (or his/her body) in consumerist societies and the way a lifestyle geared toward recycling wills, desires, and frequently cravings drive bodies to beings without a specific purpose. It perceives the romance as a criticism of capitalism, consumerism and the development of Artificial Intelligence, when intelligent objects generally only work through payments, and the human being is overwhelmed, most of the time, by the power and will of these technological resources. The bibliographic research was based especially on the studies of Giddens (1991; 2002), Harvey (2014), Claeys (2010), Fitting (2010), Rees (2008), Bauman (2008a; 2008b; 2010), Bacon (1623; 1999), Arendt (1997; 2010), Jonas (2006), Teixeira (2014; 2015), Bostrom (2016) and Yudkowsky (2008). The work reveals, through the relations between the pessimistic way in which the topics researched are presented in *Ubik* and the similar problems encountered in technologically advanced societies, the power to introduce important reflections of dystopian science fiction novels.

Keywords

dystopian science fiction – Philip K. Dick – technique – consumerism – artificial intelligence

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE EM UBIK.....	11
2.1 Modernidade, modernismo, pós-modernismo e a publicação de <i>Ubik</i>	11
2.2 <i>Ubik</i> como romance pós-modernista.....	21
2.3 <i>Ubik</i>: uma ficção científica distópica	27
3 O HUMANO COMO GERADOR DE RISCO EXISTENCIAL EM UBIK.....	37
3.1 O medo da morte e o desejo de longevidade	37
3.2 <i>Homo faber</i>: um risco para todas as espécies	46
3.3 A transformação dos corpos nas sociedades consumistas.....	56
4 O RISCO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM UBIK	66
4.1 A crítica ao sistema capitalista	66
4.2 O risco de se gerar uma inteligência artificial não amigável.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta como corpus de pesquisa a obra literária *Ubik*, publicada pela primeira vez em 1969, de Philip Kindred Dick (1928-1982)¹, que, dispondo de características tanto do gênero literário distopia quanto ficção científica, suscita reflexões filosóficas e sociológicas acerca da própria realidade, assim como sobre qual seria a linha divisória que separa os humanos das máquinas.

PKD nasceu um pouco antes da Grande Depressão de 1929, em Chicago, e viveu num período extremamente importante da história de seu país e do mundo, marcado pelos levantes da Segunda Guerra Mundial, passando pela Guerra Fria, o assassinato do Presidente Kennedy, a Guerra do Vietnã, o nascimento da contracultura *hippie* do *Flower Power* e o escândalo de *Watergate*. Todos esses acontecimentos afetaram profundamente a visão de mundo do autor.

Ubik, um dos livros de maior sucesso de PKD, foi escrito durante o efervescente movimento *hippie* e acompanhou o nascimento do pós-modernismo. A obra, que chegou a ser descrita como uma comédia metafísica causticante e também uma história de terror existencial, encontra-se na lista, elaborada pelos críticos Lev Grossman e Richard Lacayo para a revista *Time*, dos cem melhores romances publicados desde 1923 em língua inglesa.

O livro é contado em grande parte do ponto de vista de Joe Chip, que trabalha para uma agência de antipsis, impedindo que precogs² invadam a privacidade de outras pessoas ou empresas. Essa organização de prudência é dirigida por um homem chamado Glen Runciter com a ajuda de sua esposa, Ella Runciter, que “morreu” fisicamente, mas é mantida em estado de meia-vida, no Moratório Entes Queridos.

A maior parte do trabalho da Runciter e Associados é dedicado à luta contra uma organização rival de telepatas, dirigida por Ray Hollis, que usa seus poderes para realizar

1 O escritor estadunidense, o qual será de referenciado pelas iniciais PKD, escreveu 44 romances e mais de 120 contos durante sua carreira. Sua obra tende a abordar homens e mulheres comuns, presos na trama de futuros extraordinários, dirigidos por corporações e governos autoritários, com uma tecnologia abrangente voltada para o controle da população.

2 “[...] O precog vê uma variedade de futuros, dispostos lado a lado, como os favos de uma colmeia. Para ele, um desses futuros possui uma luminosidade maior, e é o escolhido. Uma vez que o tenha escolhido, o antiprecog não pode fazer nada. O antiprecog deve estar presente quando o precog está no processo de decisão, não depois. O antiprecog faz que todos os futuros pareçam igualmente reais para o precog. Ele aborta o talento do outro de escolher. Um precog percebe de forma instantânea quando há um antiprecog por perto, porque toda a sua relação com o futuro é alterada. No caso dos telepatas, uma diminuição da capacidade semelhante...” (DICK, 2009, p. 35).

espionagem corporativa e causar problemas. A partir do desaparecimento de S. Dole Melipone, o psi mais poderoso de Hollis, parece que um grande confronto está prestes a acontecer entre as empresas rivais. Runciter leva Joe Chip e os principais operadores de sua organização para Mickville, uma colônia do solitário especulador financeiro conhecido interplanetariamente, Stanton Mick, na Lua. O que parecia ser um bom negócio era, na verdade, uma armadilha de Hollis: o homem que se passava por Stanton Mick, com sua voz de inseto metálico, flutuou até o teto da sala em que estavam Runciter e seus empregados, e explodiu. Ele não era um homem, mas uma bomba humanoide de autodestruição.

Todos se ferem com a explosão, mas Glen Runciter é o único que fica em estado grave e vai parar em bolsa térmica para continuar vivendo, em meia-vida. Assim, o chefe da firma de antitelepatas profissionais poderia continuar dirigindo a firma ao lado da sua esposa. Entretanto, ainda na volta da tripulação à Terra, a bordo da nave *Pratfall II*, sinais de retrocesso começam a aparecer: pessoas se sentem velhas, cigarros secam e quebram ao meio, o catálogo telefônico da nave está obsoleto.

Misteriosamente, Joe e os demais membros da tripulação começam a receber mensagens obscuras de seu antigo chefe e logo se questionam sobre quem de fato teria morrido na explosão. A partir de então, as personagens não conseguem mais saber o que é real ou irreal e o terror aumenta à medida que a deterioração começa a definhar um por um dos antipis da Runciter e Associados. A única esperança de mantê-los afastados desse processo fatal é uma substância chamada Ubik³ (de “ubíquo”).

Paralelamente, a história se inicia na sociedade capitalista e consumista da Confederação Norte-Americana de 1992. No contexto descrito, objetos comuns de uma residência, como portas, cafeteiras e máquinas de homeojornais são artificialmente inteligentes, alguns exibindo comportamento e linguagem caracteristicamente humanas. Enquanto isso, o corpo humano, impulsionado pelo medo da morte e desejo de prolongamento da vida, é retratado como objeto da técnica e transformado em mercadoria.

A partir desse enredo, o desenvolvimento do trabalho busca compreender o modo como as máquinas e humanos parecem inverter seus papéis. Isto posto, procura-se identificar relações entre a maneira pessimista como esses temas são apresentados e os problemas similares

3 “— Na lata de spray – prosseguiu Francesca Spanish – havia uma palavra, grandes letras douradas, brilhando. O fogo dourado escrevendo UBIK. Nada mais. Apenas essa palavra estranha. [...] Hoje, antes do funeral, procurei num dicionário e liguei para a biblioteca pública, mas ninguém conhecia essa palavra ou sabia de que língua é, e não está no dicionário. Não é inglês, o bibliotecário me disse. Tem uma palavra latina muito parecida: *ubique*. Significa...” (DICK, 2009, p. 173).

encontrados em sociedades avançadas tecnologicamente em uma ordem pós-moderna.

A pesquisa passa, então, a ser organizada em torno de objetivos norteadores. O primeiro é investigar como os avanços científicos na era da técnica, e o conseqüente nascimento do *Homo faber*⁴, provocaram reflexos no modo como humanos encaram a morte, na busca pelo antigo desejo de prolongamento da vida e reencarnação humanas, modificando ainda as perspectivas da relação humano-natureza do início da Idade Moderna e em condições de pós-modernidade.

O segundo objetivo é relacionar a forma como as sociedades consumistas, em que ninguém pode se tornar sujeito⁵ sem antes se transformar em mercadoria e manter segura sua subjetividade sem modificar ininterruptamente as capacidades exigidas de uma mercadoria atraente, convertem os corpos em mercadorias, e como esse estilo de vida consumista transforma os corpos em seres autotélicos.

Por fim, o último objetivo é investigar o comportamento das máquinas no romance como crítica ao capitalismo, ao consumismo e ao desenvolvimento da Inteligência Artificial, quando geralmente os objetos só funcionam mediante pagamentos, e o ser humano é sobreposto pelo poder e vontade desses recursos tecnológicos.

O primeiro capítulo dedica-se ao estudo da obra a partir da análise do contexto de sua publicação. A abordagem, organizada em três tópicos, inicia-se com o estudo da modernidade, seus reflexos na literatura e algumas de suas características identificáveis em *Ubik*. Também são analisadas as características que levam *Ubik* a ser descrito como produto cultural do pós-modernismo e, finalmente, os gêneros literários que o permeiam.

Baseando-se nos estudos de Giddens (1991) e Harvey (2014), o primeiro tópico procura conceituar modernidade, modernismo e pós-modernismo, além de localizar *Ubik* dentro desse amplo contexto. Em seguida, o romance em análise é apresentado como contemporâneo de um período de alterações sociais e políticas, também chamado de ordem pós-moderna. Depois, procura-se definir as ideias comuns dessa nova realidade: a reflexividade da modernidade, o fim da história e o surgimento de uma nova agenda política e social. Por fim, são elencadas algumas características relacionadas com as rupturas que desassocia as instituições sociais⁶ modernas das ordens sociais tradicionais.

4 Expressão criada por Bergson para designar o homem primitivo quando se revelou um fabricante de instrumentos antes de pensar propriamente; é da essencialidade humana refabricar coisas e refabricar a si mesmo.

5 Bauman (2008b) denomina os membros das sociedades consumistas de *Homo consumens*.

6 Lakatos (2013, p. 69) afirma que as instituições podem ser espontâneas (família) ou criadas (igrejas),

No segundo tópico, a atenção volta-se para os aspectos contingentes e acidentais da alteridade da vida cotidiana que são encontrados nas obras de ficção literária. *Ubik* é lido como um romance pós-modernista e, além disso, a passagem de um dominante epistemológico a um ontológico é identificada como uma característica das produções literárias do movimento. Os efeitos sociológicos de uma espacialidade disruptiva e da fragmentação da linguagem que podem ser associados ao pensamento e ação diários, conforme Harvey (2014), complementam a seção.

Ao final do primeiro capítulo, associa-se a perda de otimismo iluminista, baseado no avanço da ciência e na valorização da razão, ao florescimento da cultura do risco, conforme Giddens (2002). Atenção especial é dada ao conceito de risco existencial, exposto por Bostrom & Ćirković (2008), a fim de introduzir os temas dos outros dois capítulos que completam este trabalho. Também é destaque a ascensão de dois gêneros literários, sobretudo na segunda metade do século XX, que com *Ubik* podem ser identificados: distopia e ficção científica. Claeys (2010) e Fitting (2010) contribuem na conceitualização, caracterização e observação das semelhanças e diferenças entre os gêneros para, em seguida, serem apontados traços do romance que o levem a ser considerado uma obra de ficção científica distópica.

A partir do entendimento da cultura do risco, o segundo capítulo trata da maneira como *Ubik*, uma ficção científica distópica, faz alertas para o fato de o ser humano ser responsável por ameaçar o destino de toda a biosfera. O texto encontra-se disposto em três seções: primeiramente, o medo da morte e o desejo de viver eternamente são observados ao longo da modernidade e períodos precedentes; depois, o foco é a transformação do corpo humano em virtude da evolução técnica; ao final, a mudança corporal é atrelada a um contexto consumista.

Em *Ubik*, o desejo de prologamento da vida e ressurreição ocupam boa parte do enredo e, no início do segundo capítulo dessa dissertação, o medo da morte é identificado como o medo original, do qual os demais derivam. A partir de Bauman (2008a) são discutidas as três categorias básicas das estratégias adotadas pelos humanos para melhor lidar com este evento irremediável e verdadeiramente incognoscível.

apresentando-se também como regulativas (Estado) e operativas (Departamento Estadual de Trânsito). As instituições sociais compartilham as seguintes características: finalidade (satisfação das necessidades sociais); conteúdo relativamente permanente (padrões e papéis); serem estruturadas (coesão entre componentes); estrutura unificada (cada instituição funciona como uma unidade); possuem valores (código de conduta).

Dando continuidade ao segundo capítulo, a técnica e seu papel na transformação dos corpos humanos são vinculados à constatação de que a morte é inevitável. O empenho em adiar este evento o máximo possível com a ajuda da medicina e modernos procedimentos são fatos condizentes com uma das categorias das estratégias para a convivência com esta ameaça permanente. O nascimento do *Homo faber* coloca em risco tanto humanos, como os demais seres vivos, tratando-se, portanto, de um risco existencial. Bacon (1623; 1999), Arendt (1997; 2010) e Jonas (2006) são os guias teóricos das discussões.

Ao final do segundo capítulo, *Ubik* é analisado como um romance que faz duras críticas ao consumismo e novamente o corpo humano volta a ser o foco das discussões. Neste ponto do trabalho, é demonstrado como os corpos são transformados em mercadorias vendáveis em contextos em que a vida se encontra voltada para o consumo, e as ameaças consequentes dessa mudança no campo da subjetividade. A partir de Bauman (2008b) e Marx (2012) são analisadas as mudanças, na passagem de uma sociedade de produtores a uma sociedade de consumidores, nos fetichismos, no capital e no trabalho.

Em sentido oposto à transformação dos corpos em objetos da técnica e também em mercadoria, o terceiro capítulo da dissertação se detém aos objetos tecnológicos que vêm adquirindo capacidade de memória e processamento superior à humana, chamando a atenção para a linha cada vez mais frágil que separaria humanos e máquinas. Teixeira (2015) afirma que a ideia de que computadores só podem fazer tarefas para as quais foram programados está superada e que alguns robôs e programas de computador já são capazes de aprender com seus erros e modificar seus próprios comportamentos. Conforme este pesquisador, é preciso que os humanos estejam à altura da tecnologia desenvolvida para que não se tornem obsoletos e que se questionem sobre o acesso democrático a todos os aperfeiçoamentos no campo da Inteligência Artificial.

Como observado, máquinas tão inteligentes quanto às descritas por PKD estão cada vez mais próximas de se tornarem reais, e o capítulo final traz a Inteligência Artificial como mais uma ameaça já antecipada em *Ubik*. Em uma primeira etapa, o personagem Joe Chip é interpretado como uma vítima do sistema capitalista, cuja situação é agravada graças ao empenho das opressoras máquinas artificialmente inteligentes. Por fim, as análises estão empenhadas no modo como a Inteligência Artificial se constitui em um risco catastrófico existencial. Bauman (2010), Teixeira (2014; 2015), o filósofo Bostrom (2016) e o pesquisador em Inteligência Artificial, Yudkowsky (2008), auxiliam no andamento das reflexões dessa etapa da pesquisa.

2 AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE EM UBIK

Antes de dedicar-se aos objetivos específicos deste trabalho, este capítulo inicial localiza *Ubik* dentro de um contexto marcado por uma ordem pós-moderna e também como uma produção literária do movimento pós-modernista. Além disso, o romance é caracterizado como uma obra pertencente aos gêneros literários distopia e ficção científica e, em seguida, procura-se relacionar como esses gêneros estão atrelados à cultura do risco. São discutidos conceitos importantes a partir dos teóricos Giddens (1991; 2002), Harvey (2014), Claeys (2010), Fitting (2010) e Rees (2008) para um melhor entendimento das reflexões a serem apresentadas nos dois capítulos finais.

2.1 Modernidade, modernismo, pós-modernismo e a publicação de *Ubik*

Inicialmente, é primordial conceituar os termos modernidade, modernismo e pós-modernismo, e para esta tarefa serão utilizadas as abordagens de Giddens (1991) e Harvey (2014). De modo geral, o termo “modernidade” refere-se ao costume de vida ou organização social que emergiu na Europa Ocidental a partir do século XVII e que ulteriormente conseguiu influenciar diversas regiões do planeta. Enquanto isso, foi durante o século XVIII que o projeto da modernidade – o equivalente a um grande esforço intelectual dos pensadores iluministas para o desenvolvimento da ciência objetiva, da moralidade e da lei universais, bem como da arte autônoma nos termos das suas próprias lógicas internas – entrou em cena. O grande intuito era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida cotidiana. Por meio do domínio científico da natureza, os seres humanos se livrariam da escassez, das necessidades e das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de pensar e se organizar socialmente prometiam a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição e também a liberação do uso arbitrário do poder. Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda a humanidade serem reveladas.

O pensamento iluminista perfilhou a ideia de progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição de ideias adotadas pela modernidade. Tratou-se de um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de suas amarras.

[...] Ele [o Iluminismo] levou a injunção de Alexander Pope de que “o estudo próprio da humanidade é o homem” muito a sério. Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. Abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana (uma vez permitidos os benefícios da educação) e razão universal. [...] (HARVEY, 2014, p. 23).

A primeira metade do século XX – com seu militarismo e duas guerras mundiais, incluindo os seus campos de concentração e as experiências nucleares em Hiroshima e Nagasaki – colocou em dúvida todo esse otimismo. Além disso, o pensamento iluminista internalizava problemas e contradições consideráveis. Um exemplo disso é a onipresença da questão da relação entre os meios e os fins, enquanto os alvos em si nunca podiam ser precisamente individualizados exceto em termos de algum plano utópico que frequentemente parecia tão limitador para alguns quanto libertador para outros. Também incomodava a questão de determinar exatamente quem podia considerar-se possuidor da razão superior e sob que condições essa razão deveria ser exercida como poder. Francis Bacon⁷, um dos precursores do pensamento iluminista, concebeu em seu tratado utópico *New Atlantis* (1627) uma casa de sábios que seriam os guardiões do conhecimento, os juízes éticos e os verdadeiros cientistas; enquanto vivessem no mundo exterior à vida diária da comunidade, eles exerceriam sobre esta uma grande força moral.

Ainda no início do século passado, em especial depois da intervenção de Friedrich Nietzsche, não era mais possível dar à razão iluminista uma posição de destaque na construção de metanarrativas embasadas na essência eterna e imutável da natureza humana. Na medida em que Nietzsche dera início à sobreposição da estética acima da ciência, da razão e da política, a exploração da experiência estética tornou-se um poderoso mecanismo para o estabelecimento de uma nova mitologia quanto àquilo a que o eterno e o imutável poderiam referir-se em meio a toda a enfermidade, fragmentação e caos patente da vida moderna.

A partir dessa nova concepção do projeto modernista, artistas, poetas, escritores, arquitetos, compositores, pensadores e filósofos passaram a ter uma posição “fora do comum”. Se o eterno e imutável não mais podia ser automaticamente pressuposto, o artista moderno tinha um papel criativo a desempenhar na definição da essência da humanidade. Se a destruição

7 Nascido em Londres, em 22 de janeiro de 1561, Bacon é considerado o pai do empirismo moderno por ter formulado os fundamentos dos métodos de análise e pesquisa da ciência moderna. Para o filósofo, a verdadeira ciência é a ciência das causas e seu método é conhecido como racionalista experimental. Faleceu na mesma cidade em que nasceu em 9 de abril de 1626. Mais discussões sobre o otimismo iluminista e outras ideias de Bacon serão abordadas no tópico 2.2 deste trabalho.

criativa era uma condição essencial da modernidade, era provável que cabia ao artista como indivíduo um papel de protagonista, mesmo que as consequências acarretassem dissabores.

Assim como o Iluminismo, que ao mesmo tempo buscava afetar a estética da vida diária, o modernismo tinha suas contradições. Os artistas, apesar de suas tendências por uma retórica *anti-establishment* e antiburguesa, empenhavam muito mais energia disputando entre si e com as suas próprias tradições para vender seus produtos do que o faziam engajando-se na política cotidiana. A arte modernista se aproxima do que Benjamin denomina “arte áurica”, no sentido de que o artista tinha de assumir uma aura de criatividade, em defesa da arte pela arte, para produzir um objeto cultural original, único, e, portanto, eminentemente mercadejável a preço de monopólio.

[...] O resultado [desta concepção] era muitas vezes uma perspectiva altamente individualista, aristocrática, desdenhosa (particularmente da cultura popular) e até arrogante da parte dos produtores culturais, mas também indicava como a nossa realidade poderia ser construída e reconstruída através da atividade informada pela estética. Podia ser, na melhor das hipóteses, algo profundamente comovente, desafiador, incômodo ou exortativo para muitos que a ele estavam expostos. Reconhecendo essa característica, certas vanguardas – os dadaístas, os primeiros surrealistas – tentaram mobilizar suas capacidades estéticas para fins revolucionários ao fundir a sua arte com a cultura popular. [...] (HARVEY, 2014, p. 31).

Harvey (2014) ressalta também que é importante estar ciente de que o modernismo, apesar de uma atitude internacionalista e universalista, pode parecer ser bem diferente a depender do tempo e espaço localizados. Dentro do movimento houve tensões entre internacionalismo e nacionalismo, globalismo e etnocentrismo, universalismo e privilégios de classe. Também existiu uma forte afeição a uma arte de vanguarda internacional elitista mantida numa produtiva relação com um forte sentido de lugar.

São perceptíveis as diferenças do modernismo, quando se observa o decorrer do século XX. O movimento surgido antes da Primeira Guerra Mundial era mais uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão de mercados, da publicidade e da moda de massas) do que um iniciador na produção dessas mudanças.

Já durante o período entreguerras, havia uma clara necessidade de ação para reconstruir as economias devastadas na Europa, bem como para resolver todos os problemas de descontentamento político associados com formas capitalistas de crescimento urbano e industrial que germinavam. O movimento assumiu, então, uma forte tendência positivista e,

graças aos esforços do Círculo de Viena⁸, estabeleceu um novo estilo de filosofia que viria a ter posição central no pensamento social pós-Segunda Guerra.

Após 1945, o modernismo exibiu uma relação muito mais confortável com os centros de poder dominantes das sociedades. A arte, a arquitetura e a literatura do denominado alto modernismo tornaram-se artes e práticas do *establishment* numa sociedade em que uma versão capitalista corporativa do projeto iluminista de desenvolvimento para o progresso e a emancipação humana assumiu o papel dominante na política e economia. Esse período foi marcado pela crença no progresso, nas verdades absolutas e no planejamento racional de ordens sociais ideais sob condições de produção e conhecimento padronizados. O resultado foi um movimento imposto como fruto do trabalho de uma elite de vanguarda, guardiã do gosto refinado.

Foi nesse contexto que muitos movimentos contraculturais e antimodernistas apareceram na década de 1960. Antagônicas às qualidades opressivas da racionalidade técnico burocrática de base científica manifesta nas formas corporativas e estatais monolíticas e em outras formas de poder institucionalizado (incluindo as dos partidos políticos e sindicatos burocratizados), as contraculturas exploram os domínios da autorrealização individualizada por meio de uma política distintivamente “neoesquerdista” de incorporação de gestos antiautoritários e de hábitos iconoclastas (na música, no vestuário, na linguagem e no estilo de vida) e da crítica da vida cotidiana. Centrado nas universidades, institutos de arte e nas margens culturais da vida nas grandes cidades, o movimento se propagou para as ruas e culminou numa vasta onda de rebeldia que chegou ao auge na turbulência global de 1968.

Em meio a esses influentes movimentos contraculturais, PKD enviou, em sete de dezembro de 1966 à editora SMLA um manuscrito intitulado *Death of an Anti-Watcher*. O romance acabou sendo publicado, em maio de 1969, com o título alterado para *Ubik*. O enredo do romance foi baseado no seu conto de 1963, *What Dead Men Say*. Um dos livros de maior sucesso de PKD, a obra foi escrita durante um período altamente produtivo de sua carreira, pois era preciso escrever um romance atrás do outro para manter vestidos e alimentados seus filhos, mulher e ex-esposas. Para sustentar essa rotina sacrificante, PKD precisava da ajuda na forma

⁸ *Wiener Kreis* foi o nome como ficou conhecido um grupo de filósofos, sob a coordenação de Moritz Schlick, que se juntou informalmente na Universidade de Viena de 1922 a 1936. Em reuniões semanais, procuravam reconceitualizar o Empirismo a partir das novas descobertas científicas e demonstrar as falsidades da Metafísica. O Círculo de Viena surgiu por uma necessidade de fundamentar a ciência a partir das concepções ou aceções que a Filosofia da Ciência ganhou no século XIX e seu sistema filosófico ficou conhecido como o "Positivismo Lógico" ou ainda Empirismo Lógico ou Neopositivismo.

de mais drogas com prescrição e de uma necessidade cada vez maior de anfetaminas, chegando ao ponto de recorrer a traficantes, aponta Peake (2015).

A sociedade narrada em *Ubik*, no ano de 1992, é altamente tecnológica e consumista; a informação, incluindo a espionagem, é algo lucrativo e fonte de renda de grandes corporações. Essas são características fundamentais que marcaram a passagem do século XX para o XXI. Antes de retomar a discussão em torno do conceito de modernidade, observe-se, na passagem abaixo, o mundo criado por PKD.

[...] Anúncios de diversos estabelecimentos de prudência antipsi, na TV e nos homeojornais, soavam cada vez mais histéricos. Há que se defender a própria privacidade, clamavam os anunciantes de hora em hora, em todas as mídias. Será que um estranho está sintonizando você? Você *realmente* está sozinho? Isso quanto aos telepatas... e ainda havia a preocupação nauseante com os precogs. Suas ações estão sendo previstas por algum desconhecido? Alguém que você não gostaria de conhecer e não convidaria para entrar em sua casa? Acabe com a ansiedade. Um contato com a organização de prudência mais próxima lhe dirá, primeiro, se você está de fato sendo vítima de intromissões não autorizadas. Depois, com base nas suas ordens, anulará essas intromissões – a um custo razoável para você. (DICK, 2009, p. 13-14).

Prosseguindo a discussão que envolve a concepção de modernidade, há os que afirmam positivamente que a humanidade estava no início de uma nova era com a aproximação do fim do século XX e virada do milênio, surgindo assim um novo tipo de sistema social (tal como a “sociedade de consumo” ou a “sociedade da informação”). Porém, existem aqueles que creem que se chegou ao encerramento de uma era (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “pós-industrial”). O que se tem em comum é que se trata de um período transitório e os debates a este respeito se concentram sobremaneira nas transformações institucionais, especificamente as que sugerem que tem havido um deslocamento de um sistema baseado na manufatura de bens materiais para outro relacionado mais centralmente com informação.

Embora alguns autores os tratem como sinônimos, Giddens (1991) faz distinção entre os termos pós-modernismo e pós-modernidade. O primeiro, como já discutido nos parágrafos anteriores, é mais adequado para se referir a estilos ou movimentos contraculturais no campo das artes plásticas, literatura e arquitetura, e está conectado a aspectos da reflexão estética sobre a natureza da modernidade. Enquanto isso, afirmar que se vive em condições de pós-modernidade tem o sentido de se viver em um período de nítida disparidade do passado, significa com frequência alguma das seguintes ideias: descobriu-se que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os fundamentos preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a história é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de progresso pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social

e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológicas e talvez de novos movimentos sociais em geral.

O fim da aceitação dos fundamentos está intimamente ligado ao conceito de reflexividade da modernidade, que é um fator introduzido na própria base de reprodução do sistema, de forma que pensamento e ação estão em frequente refração. A vida cotidiana, marcada pela rotina, busca se desvencilhar de qualquer relação direta com o passado, exceto na medida em que o que já foi realizado por acaso coincide com o que pode ser defendido e provado sob a ótica do conhecimento atualizado. Não se sanciona uma prática por ela ser tradicional; a tradição pode ser justificada, desde que sujeitada ao conhecimento atual, o qual, por sua vez, não é autenticado pela tradição.

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. Giddens (1991) afirma que, em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las, mas somente na era moderna a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar, em princípio, a todos os aspectos da vida humana, inclusive à intervenção tecnológica no mundo material. A suposição da reflexividade indiscriminada, incluindo a reflexão sobre a natureza da própria reflexão, é algo intrínseco à modernidade e o novo não é adotado por si só.

Somente na passagem do século XX para o XXI foi possível perceber com clareza o quão controversa é a perspectiva da reflexividade indiscriminada. Afinal, quando as reivindicações da razão se sobrepuseram às da tradição, elas pareciam oferecer uma sensação de certeza maior do que a que era propiciada pelo dogma anterior. Mas esta ideia parece persuasiva apenas na medida em que não se vê que a reflexividade da modernidade de fato subverte a razão, entendida como o ganho de conhecimento certo e imutável. A modernidade é constituída através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas a equação entre conhecimento e certeza revelou-se erroneamente interpretada. Vive-se em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através do conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não se pode nunca estar seguro de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado.

Enquanto isso, a ideia de fim da história procura desconstruir o enredo de uma narrativa evolucionária (teorias evolucionárias representam grandes narrativas). Essa desconstrução significa aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade ou

princípios de organização e transformação refletidos. A história não tem uma forma intrínseca nem teleologia total. Uma pluralidade de histórias pode ser escrita (não significando que tudo seja caos e que o número de histórias seja infinito), e estas não podem ser ancoradas por referência a um ponto que aponte para uma direção evolucionária.

[...] Com o desmoronamento das grandes visões filosóficas, políticas e religiosas do mundo (megarrelatos), bem como com o declínio ou enfraquecimento do mito do progresso e da emancipação, e das visões integradas e coerentes de mundo – que explicam todos os traços da realidade, dando coesão aos grupos humanos e fazendo-os aceitar as normas que regulam seus comportamentos e legitimam seus sistemas de valores (características da modernidade) –, a expressão “fim da história” passou também a significar um novo estilo de pensamento, que estaria sendo elaborado num mundo onde prevalece uma nova episteme, a episteme da indiferenciação, às voltas com uma pluralidade de horizontes de sentido, uma vez que não existiria mais um horizonte estável onde o homem contemporâneo pudesse situar os acontecimentos. [...] (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 133).

A história não deve ser equacionada à noção de historicidade, adverte Giddens (1991), pois esta última está claramente ligada às instituições da modernidade. Por historicidade entende-se o uso do passado para ajudar na construção do presente, mas sem a dependência de um respeito pela tradição. Assim, historicidade significa o conhecimento sobre o passado como um meio de romper com ele – ou manter apenas o que dele pode ser justificado de uma maneira proba. A historicidade é orientada para o futuro, que é visto como essencialmente aberto. Trata-se, portanto, de um aspecto fundamental do descolamento tempo-espaco que as condições da modernidade tornam possível e necessário.

Ironicamente, PKD desenvolve seu romance orientado para o passado. *Ubik*, em seu início, descreve uma sociedade em que humanos, com poderes especiais, convivem com objetos e eletrônicos dotados de Inteligência Artificial, em que as viagens para a lua são comuns e em que a morte é coisa das civilizações antepassadas. O ano era 1992, porém, algumas coisas começam e retroceder misteriosamente.

— Esta é uma gravação. — Expeliu o cartão perfurado vigorosamente. — O número que você me forneceu está obsoleto. Se precisar de ajuda, ponha um cartão vermelho no...

— Qual a data desse catálogo? — Joe perguntou a Ild, que devolveva a caixa à prateleira de armazenamento de fácil acesso.

Ild examinou a informação atrás da caixa.

— 1990. Dois anos.

— Não pode ser — disse Edie Dorn. — Esta nave não existia dois anos atrás. Tudo nela, e dentro dela, é novo.

Tito Apostos disse:

— Talvez Runciter tenha cortado alguns gastos.

— De jeito nenhum — disse Edie. — Ele esbanjou cuidado, dinheiro e perícia em engenharia com a *Pratfall II*. Todo mundo que já trabalhou com ele sabe disso. Esta

nave é a menina dos olhos dele. (DICK, 2009, p. 89).

Também em 1992, desta vez no mundo extraficcional e na contramão da ideia de extinção de enredos evolucionários, o sociólogo americano Francis Fukuyama ficou mundialmente conhecido ao publicar o livro *The End of History and Last Man*, editado no Brasil, logo em seguida, pela Rocco, com o título *O Fim da História e o Último Homem*. A liberal democracia havia triunfado sobre o fascismo e, mais recentemente, sobre o regime comunista e, portanto, a humanidade chegava ao ponto final de sua evolução ideológica.

A União Soviética passava pelo processo de desintegração, Berlim derrubara o muro que simbolizava a divisão da Alemanha, e os demais países socialistas do Leste Europeu também se democratizaram e se integraram ao capitalismo internacional. A democracia e o liberalismo econômico apareceram, defende Fukuyama (1992), como a melhor alternativa de sobrevivência para os países recém-democratizados. O autor sustenta que esse regime seria o último patamar da evolução econômica da sociedade contemporânea. Esse sistema econômico viria acompanhado da democracia e da igualdade de oportunidades, oferecendo aos cidadãos a liberdade para conquistar os seus objetivos.

O fim da história, entretanto, não significaria o fim da história social ou fim dos acontecimentos naturais, como nascer, viver e morrer, mas, sim, uma sociedade rica tecnologicamente e capaz de suprir todas as suas necessidades. Atingindo este patamar, ocorreria o fim do desenvolvimento dos princípios e das instituições básicas, pois todos os questionamentos relevantes estariam solucionados. Fukuyama (1992) apoia este argumento nas previsões realizadas pelos filósofos Hegel e Marx.

Tanto para Hegel quanto para Marx a evolução das sociedades humanas não era ilimitada. Mas terminaria quando a humanidade alcançasse uma forma de sociedade que pudesse satisfazer suas aspirações mais profundas e fundamentais. Desse modo, os dois autores previam o 'fim da História'. Para Hegel seria o estado liberal, enquanto para Marx seria a sociedade comunista. (FUKUYAMA, 1992, p. 12).

No modelo de Estado proposto, oriundo do fim da história, todos os países, ainda que com suas características e leis próprias, atingiriam um certo nível de desenvolvimento econômico que proporcionaria mútuo reconhecimento, respeito às diferenças e, conseqüentemente, o fim dos conflitos. A democracia liberal se sobreporia às outras estruturas econômicas e sociais de Estado. Essa nova realidade primaria pela liberdade e pela fartura de todos os povos que dela fizessem parte.

Vieira (1993) afirma que a concepção de Fukuyama ganhou ampla difusão na mídia, numa estratégia de marketing, apenas por se tratar de uma variante otimista e política do discurso filosófico do fim da história, cuja tradição remonta ao final do século XVIII. Mas a

controvérsia pública gerada pelas ideias do autor acompanhou a amplitude de sua divulgação: comunistas, sociais-democratas e até alguns liberais e conservadores criticaram e rejeitaram suas teses por diferentes motivos.

Vinte e seis anos depois da publicação de Fukuyama, civilização e barbárie seguem combatendo no palco global, a humanidade presencia pela mídia o crescimento da intolerância e de novas polarizações ideológicas. Com a chegada de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, o inimigo permanece sendo o radicalismo islâmico e os terroristas oriundos do Oriente Médio, mas resgata os países que ainda vivem sob o regime comunista: Cuba e Coreia do Norte. A “primavera árabe”, que despertou tantas esperanças no mundo democrático, encerrou-se sem grandes avanços. A América Latina, que parece um exemplo de civilização democrática, ainda abriga a mais longa ditadura da história do continente, Cuba. A região também tem a ditadura venezuelana, conduzida por Maduro com muita repressão. Essa visão democrática do mundo torna-se ainda mais obscura quando se observa a situação do continente europeu, em vias de concretização do Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia).

A unidade europeia trouxe enormes benefícios aos países do velho continente, entre outros fazê-los viver o mais longo período de paz e convivência de sua história. Mas nos últimos anos, sobretudo em decorrência da crise econômica e financeira, o questionamento da Europa em seu próprio seio cresceu com o retorno dos nacionalismos e de forças de extrema esquerda e de extrema direita que rechaçam a União, querem acabar com o euro e voltar às velhas nacionalidades. (LLOSA, 2014).

Giddens (1991) argumenta que é preciso um novo olhar para a natureza da modernidade a qual tem sido insuficientemente abrangida pelas ciências sociais. Para este professor de sociologia, em vez de a humanidade estar adentrando num período denominado pós-modernidade, está-se vivenciando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicais e universalizadas do que anteriormente. Para ele, é possível detectar uma nova ordem, pós-moderna, mas que é bem diferente do que muitos chamam de pós-modernidade. Defende também que todas as disjunções que tomaram o lugar do pensamento iluminista devem ser vistas como resultantes da autoelucidação do pensamento moderno, conforme os remanescentes da tradição e das perspectivas providenciais são descartados. Ele afirma ainda que não se vive num universo social pós-moderno, mas pode-se ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas.

Giddens (1991) anuncia que uma interpretação da descontinuidade do desenvolvimento social moderno facilita o entendimento do que é modernidade, bem como suas consequências percebidas no presente. Diversas características estão relacionadas com as

rupturas que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais. Uma é o ritmo da mudança que a modernidade põe em movimento e que as civilizações tradicionais, por mais dinâmicas que possam ter sido, não alcançam. Esta velocidade extrema é notável no avanço tecnológico, mas também abrange outras esferas. Mais uma descontinuidade é o escopo da mudança, em que diferentes ondas de transformação social se entranham através dos mais diversos lugares da superfície do globo. Uma terceira característica diz respeito à natureza intrínseca das instituições modernas, tal qual o sistema político do Estado-nação, a dependência de fontes inanimadas de energia e a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado como formas sociais que não existiam em períodos históricos precedentes. A cidade seria outra forma social que representa uma continuidade de ordens sociais preexistentes, porém o urbanismo moderno é organizado de maneira completamente diversa daquele estabelecido nas cidades pré-modernas.

O lado otimista da modernidade foi fortemente enfatizado por pensadores clássicos da sociologia, como afirma Giddens (1991). Tanto Marx quanto Durkheim viam a era moderna como um período tumultuado, mas ambos acreditavam que as possibilidades benéficas geradas pela era moderna superavam suas características negativas. Marx via a luta de classes como fonte de separações fundamentais na ordem capitalista, porém entrevia ao mesmo tempo um sistema social mais humano. Durkheim acreditava que a expansão ulterior do industrialismo estabeleceria uma vida social harmoniosa, gratificante e integrada através de uma combinação da divisão do trabalho e do individualismo moral.

Enquanto isso, Max Weber era mais pessimista que os outros dois supracitados, vendo o mundo moderno como um mundo paradoxal onde o progresso material era obtido apenas à custa de uma expansão da burocracia que esmagava a criatividade e a autonomia individuais. Aliás, com o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala global criaram-se oportunidades bem maiores para os humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Contudo, a modernidade também possui seu lado sombrio, que se tornou muito evidente no século XX.

Muitos autores defendem que o mundo moderno se aproxima mais das ideias de Weber, se caracterizando como carregado e perigoso, o que tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. A dissolução da crença no progresso é um dos fatores que fundamentam a extinção de narrativas da história. O termo riscos catastróficos

globais⁹ tem sido usado para se referir aos riscos com potencial de causar sérios danos aos humanos em escala global.

Fica claro, por fim, que definir modernidade, modernismo, pós-modernismo e pós-modernidade não é uma tarefa simples. Harvey (2014) parece utilizar o termo modernidade para englobar o período iniciado no século XVII na Europa Ocidental, passando pelos movimentos iluminista, modernista e pós-modernista. O autor também utiliza o termo pós-modernidade como sinônimo do período inaugurado pelo pós-modernismo. Enquanto isso, Giddens (1991) deixa claro que os humanos contemporâneos ainda vivem a modernidade e que apenas suas consequências estão mais radicalmente perceptíveis, o que leva a se pensar que se está chegando ao fim de um período ou nascimento de uma era.

Portanto, daqui em diante, *Ubik* será melhor analisado como uma obra literária pós-modernista. O romance também será estudado como produto cultural inserido em um contexto mais abrangente, dentro de uma ordem pós-moderna, cujas consequências desse contexto podem ser encontradas no campo das artes e literatura.

2.2 *Ubik* como romance pós-modernista

Na cultura das sociedades capitalistas avançadas é perceptível uma alteração na sensibilidade, práticas e formações discursivas que diferencia um conjunto pós-moderno de seus pressupostos, experiências e proposições de um período anterior. O aspecto mais atraente do pensamento pós-moderno, sua preocupação com a alteridade, vai de encontro ao imperialismo de uma modernidade iluminada que presumia falar pelos outros (povos colonizados, negros, mulheres, gays, grupos religiosos e classe trabalhadora) com uma voz unificada, disponibilizando um potencial de liberdade a todo um conjunto de novos movimentos sociais.

Harvey (2014) aponta que, em contextos marcados por uma ordem pós-moderna, aspectos contingentes e acidentais da alteridade da vida cotidiana podem ser encontrados nas obras de ficção literária. O romance pós-moderno caracteriza-se pela passagem de um dominante epistemológico a um ontológico, ou seja, a passagem de um tipo de perspectivismo que permite uma melhor apreensão do sentido de uma realidade complexa, mas, mesmo assim,

⁹ A cultura do risco, enquanto elemento fundamental da ordem pós-moderna, será melhor abordada ao final deste capítulo, item 1.3.

singular à ênfase em questões sobre como realidades radicalmente diferentes podem coexistir, se interpenetrando e se colidindo. Consequentemente, a fronteira entre ficção e ficção científica sofreu uma real dissolução, enquanto personagens de obras pós-modernas com frequência parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir diante dele.

Em *Ubik*, não são poucos os momentos em que as personagens se confundem sobre em que mundo vivem e o que devem fazer nele.

— Alguém – disse a senhorita Spanish – acabou de nos transferir, a todos nós, para outro mundo. Nós o habitamos, vivemos nele como seus cidadãos, e depois uma agência espiritual vasta e que a tudo abarca nos devolveu a este mundo, nosso universo legítimo.

— É Pat – disse Joe Chip. — Pat Conley, que acabou de entrar para a firma hoje. (DICK, 2009, p. 66-67).

Em certo momento da narrativa, o Sr. Glen Runciter acredita que seus empregados estão passando por esses processos graças ao superpoder de Pat Conley. No trecho a seguir, ele tenta explicar essa habilidade a Joe Chip.

[...] Uma habilidade ligada, de alguma forma, à reversão do tempo. Não exatamente a habilidade de viajar no tempo... por exemplo, ela não consegue ir para o futuro. Em certo sentido, não consegue ir para o passado também. O que ela faz, pelo menos o que posso compreender, é iniciar um contraprocessamento que expõe os estágios anteriores, inerentes às configurações da matéria. [...] (DICK, 2009, p. 205).

Essa pluralidade potencial e real de universos observadas em *Ubik* é o que Harvey (2014), citando McHale (*Postmodernist fiction*, 1987), afirma ser uma variada e “anárquica paisagem de mundos no plural” formada pelas produções literárias que se dedicam às ontologias. Personagens confusas e distraídas vagueiam por esses mundos sem um sentido claro de localização, se questionando em que mundo estão e qual de suas personalidades exibem. A paisagem ontológica pós-moderna, sugere McHale, “não tem precedentes na história humana – ao menos no grau de seu pluralismo”. Espaços de universos bem diferentes parecem decair uns nos outros, mais ou menos como as mercadorias originárias de diferentes partes mundo são agregadas em um supermercado e como toda espécie de subcultura se justapõe na cidade contemporânea. A espacialidade disruptiva triunfa sobre a coerência da perspectiva da narrativa na ficção pós-moderna, exatamente da mesma forma como produtos importados coexistem com os produzidos localmente. O emprego local vem abaixo sob o peso da competição estrangeira e todos os espaços divergentes do mundo são montados toda noite como uma colagem de imagens na tela da televisão.

Ao acentuar o pluralismo de mundos que coexistem na ficção pós-moderna, McHale (1987) considera o conceito foucaultiano de *heterotopia* uma imagem perfeitamente apropriada para capturar o que a ficção se esforça para descrever.

[...] Por heterotopia Foucault designa a coexistência, num “espaço impossível”, de um “grande número de mundos possíveis fragmentários”, ou, mais simplesmente, espaços incomensuráveis que são justapostos ou superpostos uns aos outros. As personagens já não contemplam como desvelar ou desmascarar um mistério central, sendo em vez disso forçadas a perguntar “Que mundo é este? Que se deve fazer nele? Qual dos meus eus deve fazê-lo? [...]” (HARVEY, 2014, p. 52).

Personagens confusas, com personalidades cambiantes, em mundos disruptivos são elementos essenciais do enredo de *Ubik*, conforme exposto. Observe-se esta passagem em que o Sr. Glen Runciter vaga por Nova York e faz questionamentos semelhantes aos demonstrados por Harvey (2014), quando explica o conceito de *heterotopia*.

E viu-se parado diante de uma vitrine na Quinta Avenida, de uma loja de moedas raras. Estava analisando um dólar americano de ouro fora de circulação e se perguntando se teria dinheiro suficiente para acrescentá-lo à sua coleção.

Que coleção, ele se perguntou, espantado. Não coleciono moedas. O que estou fazendo aqui? E há quanto tempo estou andando por aí, olhando vitrines, quando deveria estar no meu escritório supervisionando... Ele não conseguia lembrar o que costumava supervisionar. Algum tipo de negócio que lidava com pessoas com habilidades, talentos especiais. Fechou os olhos, tentando focar a mente. Não, tive que desistir disso, ele se deu conta. Por causa de uma coronária no ano passado, tive que me aposentar. Mas estava bem ali, lembrou-se. Apenas segundos atrás. No meu escritório. Falando com um grupo de pessoas sobre um novo projeto. Fechou os olhos. Acabou-se, ele pensou, confuso. Tudo que construí.

Ao abrir os olhos, viu que estava de volta ao escritório. Estava de frente para G. G. Ashwood, Joe Chip e uma garota morena, intensamente atraente, cujo nome não recordava. Fora isso, seu escritório estava vazio, o que, por razões que não entendia, pareceu-lhe estranho. (DICK, 2009, p. 61-62).

Dois efeitos sociológicos antagônicos parecem emergir dessa realidade no pensamento e ação diários, aponta Harvey (2014). O primeiro sugere que se tire vantagem de todas as possibilidades divergentes, cultivando-se toda uma série de simulacros como espaços de escape, de fantasia e de distração. O humano parece estar destinado a viver com personalidades divididas em que a vida privada é perturbada pela promessa de rotas de escape para outra realidade.

Leva-se a ideia de que a ficção pós-moderna mimetiza algo, como a emergência, a partir de 1970, de uma política fragmentada de grupos de interesse regionais e especiais divergentes. Aqui encontra-se a reação oposta, que pode ser resumida como a procura por uma identidade pessoal ou coletiva, a procura por comportamentos seguros num mundo cambiante. A identidade de lugar se torna uma questão importante nessa colagem de imagens espaciais superpostas que implodem em cada ser, porque cada um ocupa um espaço de individualização (um corpo, um quarto, uma casa, uma comunidade plasmadora, uma nação) e porque a identidade é moldada pela maneira como cada um se individualiza. Além disso, se ninguém conhece o seu lugar no mutante mundo colagem, como seria possível elaborar e sustentar uma ordem social segura, questiona.

Esta indagação comporta dois elementos. Primeiramente, a capacidade da maioria dos movimentos sociais de dominar melhor o lugar¹⁰ do que o espaço promove um forte relevo ao vínculo potencial entre lugar e identidade social, algo visível na ação política. Os consequentes dilemas dos movimentos socialistas ou operários diante de um capitalismo universalizante são compartilhados por outros grupos de oposição (minorias raciais, povos colonizados, mulheres), que são relativamente fortes em termos de organização no lugar, mas frágeis no tocante à organização espacial. As resistências regionais e as lutas pela autonomia local pela organização vinculada com o lugar podem ser excelentes bases para a ação política, mas isoladas podem não suportar a carga da mudança histórica radical.

O segundo elemento concentra-se no esforço de construção qualitativa do lugar e dos seus significados. A hegemonia capitalista no espaço relega a estética do lugar quase para a última posição da pauta. Mas isso é por demais compatível com a ideia de diferenciações espaciais como atrativos para um capital “peripatético” que atribui um enorme valor à opção de mobilidade. A criação desses lugares, a promoção de alguma imagem estética localizada, permite a construção de algum sentido limitado e limitador de identidade no turbilhão de uma colagem de espacialidades implosivas.

Além da espacialidade disruptiva, os pós-modernistas também tendem a aceitar uma teoria bem diferente quanto à natureza da linguagem e da comunicação. Enquanto os modernistas pressupunham uma relação rígida e identificável entre o que era dito (o significado ou mensagem) e o modo como estava sendo dito (o significante ou meio)¹¹, o pensamento pós-estruturalista os vê “separando-se e reunindo-se continuamente em novas combinações”. O desconstrucionismo, movimento iniciado pela leitura de Heidegger por Derrida no final dos anos 1960, surge aqui como um poderoso estímulo para os modos de pensamento pós-moderno. O desconstrucionismo é menos uma posição filosófica do que uma maneira de ler e de pensar sobre textos. Escritores que criam textos ou usam palavras o fazem com base em todos os outros textos, produzindo mais textos (incluindo o do crítico literário, que visa produzir outro texto em que os materiais sob consideração entram em intersecção livre com outros textos que possam ter afetado o seu pensamento).

10 Giddens (1991, p. 28) chama atenção para os termos espaço e lugar, que são usados frequentemente como sinônimos. Para ele, lugar é melhor conceitualizado por meio da ideia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente.

11 As bases do estruturalismo linguístico foram estabelecidas pelo *Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916. A obra baseia-se nos ensinamentos do professor suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que muito contribuiu para o estabelecimento da Linguística como ciência. Ele foi quem definiu o signo linguístico como a junção da forma física (significante) com a imagem psíquica (significado).

[...] Esse entrelaçamento intertextual tem vida própria; o que quer que escrevamos transmite sentidos que não estavam ou possivelmente não podiam estar na nossa intenção, e as nossas palavras não podem transmitir o que queremos dizer. É vão tentar dominar um texto, porque o perpétuo entretecer de textos e sentidos está fora do nosso controle; a linguagem opera através de nós. Reconhecendo isso, o impulso desconstrucionista é procurar, dentro de um texto por outro, dissolver um texto em outro ou embutir um texto em outro. (HARVEY, 2014, p. 53-54).

A preocupação com a fragmentação e instabilidade da linguagem e dos discursos leva diretamente, por exemplo, a certa concepção da personalidade. Encapsulada, essa concepção se concentra na esquizofrenia (não em seu sentido clínico estrito), em vez de na alienação e na paranoia. Já não se pode conceber o indivíduo alienado no sentido marxista clássico, porque ser alienado pressupõe um sentido de eu coerente, e não fragmentado, do qual se alienar. Apenas em termos de um tal sentido centrado de identidade pessoal podem os indivíduos se dedicar a projetos que se estendem no tempo ou pensar de modo coeso sobre a produção de um futuro significativamente melhor do que o tempo presente e passado. O modernismo dedicava-se muito à busca de futuros melhores, mesmo que a frustração perpétua desse alvo levasse à paranoia. Mas o pós-modernismo tipicamente descarta essa possibilidade ao concentrar-se nas circunstâncias esquizofrênicas induzidas pela fragmentação e por todas as instabilidades (inclusive as linguísticas) que impede os sujeitos até mesmo de representar coerentemente, para não falar de conceber estratégias para produzir, algum futuro radicalmente diferente.

Com efeito, o modernismo não deixava de ter seus momentos esquizoides (em particular ao tentar combinar o mito com a modernidade heroica), havendo uma significativa história de deformação da razão e de modernismos reacionários para sugerir que as circunstâncias esquizofrênicas, embora dominadas na maioria das vezes, sempre estiveram latentes no movimento modernista. Há motivos consistentes para se crer que a alienação do sujeito é deslocada pela sua fragmentação na estética pós-moderna. Se, como argumentava Marx, o indivíduo alienado é necessário para se buscar o projeto iluminista com uma perseverança e coerência suficientes para gerar um fruto melhor, a perda do sujeito alienado parecia impedir a construção consciente de futuros sociais alternativos.

A redução da experiência a uma série de presentes puros e não relacionados no tempo possibilita uma experiência intensa das imagens, dos espetáculos e das aparências. A partir da ênfase contemporânea no campo da produção cultural em eventos, espetáculos e imagens da mídia contribuiu para o colapso dos horizontes temporais e destaque para a instantaneidade. Além disso, a perda da temporalidade e a busca por impacto instantâneo acarretam uma perda paralela da profundidade em boa parte da produção cultural

contemporânea. Destaca-se a fixação nas aparências, nas superfícies e impactos imediatos que, com o passar do tempo, não têm poder de sustentação. A respeito do romance estadunidense, Newman se posiciona, no *New York Times*, no final dos anos 1980:

O fato é que um sentido de redução do controle, da perda da autonomia individual e de uma impotência generalizada nunca foi tão instantaneamente reconhecível na nossa literatura – as personagens mais planas possíveis nas paisagens mais planas possíveis, traduzidas na dicção mais plana possível. A suposição parece ser a de que a América é um vasto deserto fibroso em que umas poucas sementes lacônicas mesmo conseguem brotar por entre as rachaduras. (1987 apud HARVEY, 2014, p. 60).

Em *Ubik* as personagens são caracteristicamente planas¹², ou seja, definidas linearmente por um traço, por um elemento característico básico que as acompanha durante todo o texto. No trecho a seguir, em que a delegação de inerciais da Runciter & Associados se apresenta ao patrão antes de embarcar para a missão em Luna, PKD apresenta algumas personagens ao leitor pela primeira vez. Com exceção do processo de deterioração que os empregados do Sr. Runciter sofrem, pouco do que é descrito aqui se altera com o desenrolar da trama.

À frente de Joe Chip, a garota ardente e sombria, Patricia Conley, entrou. Era a décima primeira. O grupo todo havia aparecido.

— Veio rápido senhora Jackson – ele disse à mulher de trinta e poucos anos, masculina e de cor arenosa, que usava uma calça de lã de cicunha sintética e um moletom cinza que já teve a estampa do retrato, agora desbotado, do rosto de Bertrand Lord Russell.
— Você teve menos tempo que qualquer outro, visto que foi a última a ser notificada por mim.

Tipy Jackson deu um sorriso sem energia e de cor arenosa.

— Alguns de vocês eu conheço – disse Runciter, levantando-se da cadeira e indicando, com a mão, que eles deveriam encontrar cadeiras e ficar à vontade, fumar se necessário. — Senhorita Dorn, o senhor Chip e eu a escolhemos por sua atividade de primeira linha perante S. Dole Melipone, quem acabou perdendo de vista, sem ter tido nenhuma culpa.

— Obrigada, senhor Runciter – disse Edie Dorn, com um pingo de voz curto e tímido. Ela corou e olhou fixamente para a parede distante. — É ótimo fazer parte deste novo empreendimento – acrescentou, com uma convicção subnutrida.

— Qual de vocês é Al Hammond? – perguntou Runciter, consultando seus documentos.

Um negro excessivamente alto, ombros curvados para frente e uma expressão suave no rosto alongado, fez um movimento para se identificar. (DICK, 2009, p. 60-61).

Todas estas mudanças no campo discursivo surgiram no seio de movimentos antimodernistas durante a crise capitalista iniciada no final da década de 1960, e que chegou ao

12 Também chamadas de personagens desenhadas, este tipo de personagem tende, com frequência, para a caricatura e natureza cômica. São personagens que não alteram seu comportamento no decurso do romance e, por este motivo, nenhuma ação ou reação de sua parte pode surpreender o leitor. Conforme Aguiar e Silva (2007, p. 710), "[...] as personagens planas são extremamente cómodas para o romancista, visto que basta caracterizá-las apenas uma vez, quando da sua introdução no romance, não sendo necessário cuidar atentamente do seu desenvolvimento ulterior."

auge em 1973, representando a virada para estética mais pronunciadamente. A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades inquestionáveis e sobre a política unificada, e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas. Maiores consequências desses fatores em *Ubik* e suas relações com a cultura do risco são a temática da próxima seção deste capítulo.

2.3 *Ubik*: uma ficção científica distópica

Além dos reflexos na vida cotidiana e no campo cultural do já discutido mundo cambiante, sobretudo na literatura, a perda de otimismo iluminista (apoiado no avanço da ciência e na valorização da razão) tem sido acompanhada pela emergência dos riscos catastróficos globais e pela ascensão dos gêneros literários de *Ubik*: distopia e ficção científica.

A incapacidade humana de enfrentar os novos problemas oriundos do próprio poder destrutivo dos humanos tem sido retratada mais comumente de forma negativa, por intermédio das distopias, do que em forma utópica. O termo distopia está relacionado ao seu predecessor, utopia, e abrange as sátiras das aspirações utópicas e também as ficções que retratam o lado negativo das sociedades.

[...] 'Dystopia' is often used interchangeably with 'anti-utopia' or 'negative utopia', by contrast to utopia or 'eutopia' (good place), to describe a fictional portrayal of a society in which evil, or negative social and political developments, have the upper hand, or as a satire of utopian aspirations which attempts to show up their fallacies, or which demonstrate, in B. F. Skinner's words, 'ways of life we must be sure to avoid' – in the unlikely event that we can agree on particulars. [...] (CLAEYS, 2010, p. 107).

A fim de delimitar as fronteiras deste gênero, Claeys (2010) afirma que as representações negativas do desenvolvimento político e social são aquelas possíveis de se realizar, sem características completamente extraordinárias ou irreais dominando a narrativa. Embora pudessem parecer distantes da realidade, situações descritas em *Ubik*, como interagir com objetos que parecem pensar como humanos ou congelar corpos na esperança de ressuscitá-los, são similares às disponíveis no século XXI.

Outra ilustração para essa conjuntura é a produção de carne em laboratórios¹³. Sem narrar algo impossível, PKD deixa claro que, na sua obra fictícia, predomina a ingestão de carne sintética. “— Eu gostei da comida – disse Don Denny. — Carne de vaca genuína, e não proteínas sintéticas. Salmão autêntico...” (DICK, 2009, p. 179).

Em se tratando do campo estrutural das distopias, Baldessin (2006) não vê solução para questões da área. Baseando-se no trabalho de J. Ignacio Ferreras (*La Novela de Ciencia Ficción*, 1972), a pesquisadora afirma:

O problema consiste na ruptura romântica, artifício literário, no qual a narrativa rompe com elementos do romanticismo: tempo, espaço, e todo tipo de valores sociais, e solda essa ruptura ao criar um novo universo. A sociedade antiutópica ignora todo tipo de contradição interna. A ruptura não se resolve no fim da obra, mas continua, e torna o problema insolúvel. As distopias apresentam um rompimento rigoroso com os valores da sociedade real, exagerando o reflexo desta. Estas sociedades de valores invertidos não permitem nenhum tipo de restauração futura, e permanecem vivendo suas contradições, ou se auto-destróem. (BALDESSIN, 2006, p. 69).

Ainda conforme Baldessin (2006, p. 69), Ferreras distingue dois tipos de romancistas: o novelista romântico com passado seria o criador de uma novela histórica, recriando um universo sem nenhuma novidade, e este recurso funcionaria como a busca da inocência perdida; enquanto isso, o novelista romântico com futuro rompe profundamente com elementos do romanticismo e realiza a reparação desta quebra através de um universo razoavelmente possível e projetado numa realidade futura. Utopia e distopia se encaixam nesse último tipo de ruptura realizada pelos novelistas com futuro. A utopia é positivista e acredita no ser humano, restaurando a ruptura com o mundo real, construindo mundos felizes e perfeitos. A distopia é pessimista, ou talvez, mais próxima da realidade. Ela reflete os males da humanidade, como restauração do rompimento com a realidade.

Embora o termo distopia tenha passado a ser usado com mais frequência apenas no século XX, ele aparece e reaparece em diferentes períodos (dys-topia ou cacotopia, lugar ruim, foi utilizado por John Stuart Mill, em 1868, durante um debate no parlamento britânico). O florescimento do gênero distópico, afirma Claeys (2010), foi precedido por uma variedade de metáforas satíricas. O ideal distópico também tem sido associado tanto historicamente como logicamente às proclamações do “fim da utopia” (por exemplo, em Marcuse, *Five Lectures*, 1970), e, às vezes, também tem sido relacionado com a hipótese agora controversa do fim da história.

13 Em 2013, o professor da Universidade de Maastricht, Mark Post, precursor da carne cultivada *in vitro*, revelou o primeiro bife de carne bovina cultivado sem a necessidade de nenhum gado. Atualmente, o maior desafio das empresas consiste em tornar o processo acessível o suficiente para aumentar a produção e ter preços competitivos para a comercialização.

O progresso técnico-científico e, sobretudo, o desenvolvimento das máquinas, as grandes vedetes do século XIX, influenciaram o encantamento dos humanos diante da modernidade. Com a virada daquele século, já se percebe o exagero do desejo pela revolução tecnológica e a estagnação do progresso moral. A batalha, nesse tempo, é para fazer o humano aceitar o novo mundo através de meios científicos, como acontece em *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley.

No século XX intensifica-se a percepção de que a felicidade coletiva forçada achata o indivíduo, de que a técnica excessiva endurece o homem, e que a perfeição social induz à massificação. A distopia é que nomeia tudo isso, e produz um mundo angustiante e estéril; o oposto do que desejou o homem do Renascimento: fertilizar o mundo, e colocar a técnica a serviço do homem, o qual permaneceria dinâmico, e independente. (BALDESSIN, 2006, p. 72).

O medo anunciado por Souvestre, em *Le Monde tel qu'il sera* (1846), espalha-se nas obras subsequentes de outros autores. Aprofunda-se a negação do humano como indivíduo, sendo este privado até mesmo do gozo dos prazeres fáceis, tornando a vida insossa e massificada. Em *Ubik*, a personagem Joe Chip representa o ser privado desses deleites fáceis, em virtude das dificuldades para administrar suas finanças. Por conta de sua condição, Joe vive em conflito com outras personagens e também com as máquinas inteligentes, chegando ao ponto de ser chamado de anomalia patética.

Pegou o vidfone e discou 214, o ramal do circuito de manutenção do prédio.

— Escuta – ele disse, quando a entidade homeostática atendeu, – estou agora em condições de acertar minhas contas relativas a seus robôs de limpeza. Gostaria que viessem aqui neste momento para a faxina no apartamento. Pagarei toda a conta na íntegra quando terminarem.

— O senhor pagará toda a conta na íntegra antes de começarem.

A esta altura, ele estava com a carteira nas mãos. Virou seu estoque de Chaves de Crédito Mágicas – a maioria, àquela altura, cancelada. Provavelmente para sempre, a julgar pela sua relação com o dinheiro e pagamento de dívidas urgentes.

— Pagarei minha conta vencida com a Chave Mágica Triangular – ele informou seu antagonista sombrio. — Isso deve transferir a dívida para fora de sua jurisdição. Em seus registros constará restituição total.

— Mais multas, mais punições.

— Passarei tudo isso para a minha Chave em Forma de Coração...

— Senhor Chip, a Agência de Análise e Auditoria de Crédito de Varejo Ferris e Brockman publicou um folheto especial sobre o senhor. Nosso conector de recepção o obteve ontem e ele ainda está claro em nossa mente. Em julho, o senhor caiu de um status G triplo de crédito para G quádruplo. Nosso departamento – na verdade, todo este prédio condapto – está programado para não oferecer serviços e/ou crédito a anomalias tão patéticas quanto o senhor. Tudo o que lhe diz respeito deverá, daqui por diante, ser resolvido no contrapiso de pagamentos em dinheiro. Na verdade, o senhor provavelmente ficará no contrapiso de pagamentos em dinheiro para o resto da vida. Na verdade... (DICK, 2009, p. 29-30).

Fatores adicionais também se propagaram nas distopias desde o fim do século XIX, como a facilidade exagerada de tudo ser capaz de tornar o humano ocioso e neurastênico, viciado em drogas, suicida, artificial e violento. Na Confederação Norte-Americana de 1992, relatada em *Ubik*, é legítimo o homem assassinar sua mulher.

— Quero que apareçam de hora em hora – interrompeu Runciter. — Ella acha que seria melhor. – Na viagem de volta ao Hemisfério Ocidental, ele havia decidido de qual dos anúncios gostava mais. — Sabe aquela decisão do Supremo Tribunal, dizendo que o marido pode assassinar a esposa legalmente, caso prove que ela não queria conceder o divórcio sob nenhuma circunstância? (DICK, 2009, p.43).

Na emblemática distopia *1984* (1949), de Orwell, a sociedade é retratada a partir de um regime político totalitário e repressivo no ano homônimo. O enredo gira em torno do Big Brother, o líder máximo que assumiu o poder depois de uma guerra de escala global (semelhante à Segunda Guerra, contudo com mais explosões atômicas), que extinguiu as nações e criou três grandes estados transcontinentais totalitários.

Aliás, no posfácio de *1984*, Fromm (2009, p.369) afirma que “[...] as utopias negativas expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pósmedieval. [...]”. Para ele, não poderia haver nada mais paradoxal que essa mudança histórica.

O outro gênero literário de destaque no século XX no qual podem ser identificadas características em *Ubik* é a ficção científica. Este gênero possui estreitas relações com as distopias (e suas antecessoras – as utopias), como diz Fitting (2010, p.135): “[...] *it is impossible to study the utopias and dystopias of the past fifty years or more without acknowledging the central role of science fiction.*”

Para Otero (1987), deve-se entender a ficção científica por uma forma de literatura baseada na extrapolação sistemática do possível, do teórico; e baseando-se na concepção de Isaac Asimov:

[...] é um ramo da literatura que trata de uma sociedade fictícia, diferente da nossa própria, na qual predomina a natureza do seu desenvolvimento tecnológico. Também, deve ser aceito, amplamente, como literatura de antecipação, tudo aquilo de lógico que possa ser escrito, em termos estéticos, ao se extrapolar o atual em direção ao futuro, a sua meta. (OTERO, 1987, p. 13).

Escrito na década de 1960, *Ubik* retrata um mundo tecnológico que vive a década de 1990. Como literatura de antecipação, a sociedade descrita conta, entre outros, com os vidfones, aparelhos de comunicação modernos que remetem aos atuais *smartphones*. Além disso, os carros já podem voar.

De volta a Nova York mais uma vez, concluída sua viagem ao Moratório Entes Queridos, Glen Runciter pousou, a bordo de uma impressionante limusine alugada, silenciosa e totalmente elétrica, no teto da instalação central da Runciter e Associados. Um deslizador descendente depositou-o com presteza em seu escritório no quinto andar. De imediato – às nove e meia da manhã, horário local – sentou-se na sólida cadeira giratória de nogueira e couro autêntico, diante de sua mesa, falando ao vidfone com o departamento de relações públicas. (DICK, 2009, p. 42).

Essa estreita relação com o futuro, expressando as esperanças e medos humanos ligados à ciência e tecnologia, é o primeiro ponto de conexão entre a ficção científica e as utopias (positivas e negativas). Além de se passarem no futuro, muitas utopias antes do século XX também se passavam em ilhas imaginárias ou regiões da Terra inexploradas, o que Fitting (2010) afirma ser uma estratégia narrativa que permaneceu na produção de utopias do século XX: indo do interior da América do Sul, *Herland* (1915), ao espaço sideral.

Um segundo elemento em comum entre os gêneros literários é o conhecimento dos efeitos e importância da ciência e tecnologia.

By this I do not mean technology as a means for transporting the visitor to the new society, but the role of technology as a tool for social transformation. To visit unknown countries in the seventeenth and eighteenth centuries often involved a sea journey, while in the twentieth century this becomes a spaceship, which is hardly a significant change. Getting to the future can be a little more complicated. (FITTING, 2010, p. 139).

O enterro é coisa dos primórdios em *Ubik* e graças ao avanço tecnológico, essa prática foi abolida. Outra mudança social provocada pela tecnologia de 1992 é a extinção de algumas profissões, como a de dentista.

[...] Você se lembra dos dentistas.

— Não me lembro, mas sei o que eram.

— Os dentes das pessoas costumavam estragar.

— Isso eu entendo – disse Al.

— Meu pai me contou como era a sensação de espera num consultório de dentista. Toda vez que a assistente abria a porta, você pensava: Vai acontecer. A coisa que tem a vida toda. (DICK, 2009, p. 99).

Conforme muitos críticos, modernamente, a ficção científica nasceu no século XIX, alguns defendendo que *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, ou a terceira novela de *Journey to the Centre of the Earth* (*Voyage au centre de la terre*, 1864), de Jules Verne, ou ainda *The Time Machine* (1895), de H. G. Wells, podem ter inaugurado o gênero. Outros, no entanto, creditam este feito a Hugo Gernsback pela publicação de *Ralph 124C 41+* (1925) e ao lançamento de sua revista de ficção científica em abril do ano seguinte, *Amazing Stories*. Gernsback, que anos mais tarde cunhou o termo *science fiction*, é uma figura significativa para se entender este gênero, ainda mais por ele ser um entusiasta das possibilidades oferecidas pela

ciência e tecnologia. Antes de *Amazing Stories*, ele publicou revistas técnicas, como as *Electrical Experimenter*, *Modern Electrics*, *Science & Invention* e *Radio News*.

O crescimento da ficção científica nas revistas das décadas de 1920 e 1930 nos Estados Unidos era impulsionado pelo otimismo quanto ao papel da tecnologia para a construção de um mundo melhor (especialmente nos anos posteriores à Grande Depressão). Esse otimismo pode ser encontrado nas brilhantes imagens do futuro apresentadas na *Chicago World's Fair* (1933/34) e na *New York World's Fair* (1939/40), também chamada de '*Building The World of Tomorrow*', ou em tradução livre: *Construindo O Mundo de Amanhã*. Entretanto, com o lançamento das bombas atômicas no final da Segunda Guerra Mundial contra alvos civis nas cidades japonesas, a ficção científica perdeu muito de seu otimismo, pois uma das grandes invenções daquele século não havia sido utilizada para melhorar o mundo e, sim, para matar instantaneamente duzentas mil pessoas.

Fitting (2010) afirma que as utopias positivas prevaleceram sobre as distopias até a primeira metade do século XX, quando estas formas com pouca esperança no futuro passam a predominar. Além do desfecho da Segunda Guerra, as mudanças sociais e reações negativas à propagação do socialismo no início do século XX tiveram papel fundamental nessa virada utopias-distopias. A revolução Russa, em 1917, produziu um modo de vida alternativo ao capitalismo e a realidade soviética contribuiu para a ascensão da anti-utopia, iniciando com *We* (1921), de Yevgeny Zamyatin, seguido de *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, e *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell.

Esse clima distópico, a sensação de ameaça no futuro próximo, pode ser visto em títulos de alguns estudos de ficção científica escritos assim que o gênero aumentou sua popularidade e importância nos anos de 1960, começando por *New Maps of Hell* (*Novos Mapas do Inferno*, em tradução livre, inicialmente dada como uma série de palestras na Universidade de Princeton, em 1960, por Kingsley Amis). O aumento do interesse acadêmico no estudo da ficção científica veio focado nas suas características distópicas.

Por conseguinte, é dessa aproximação entre os gêneros que *Ubik* é escrito e publicado nos Estados Unidos, possuindo características tanto distópicas quanto da ficção científica. É importante frisar que o futuro descrito no romance é incerto e não parece ser muito promissor para as personagens, assim como a tecnologia, embora bastante desenvolvida, não garante a felicidade plena. As personagens vivem em risco constante, que lembra os enfrentados pelas sociedades consumistas fora do campo ficcional.

Além dos gêneros literários discutidos, a ordem pós-moderna é marcada também pela cultura do risco. Neste contexto de incertezas e múltiplas escolhas, Giddens (2002) defende que a vida social não é inerentemente mais arriscada do que antes para a maioria das pessoas de sociedades desenvolvidas. O futuro é trazido continuamente para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento.

[...] É como se um território fosse escavado e colonizado. Mas essa colonização, por sua própria natureza, não pode se completar: pensar em termos de risco é vital para aferir até que ponto os resultados reais poderão vir a divergir das previsões do projeto. A aferição do risco requer a precisão e mesmo a quantificação, mas por sua própria natureza é imperfeita. Dado o caráter móvel das instituições modernas, associado à natureza mutável e muitas vezes controversa dos sistemas abstratos, a maioria das formas de aferição do risco, em verdade, contém muitos imponderáveis. (GIDDENS, 2002, p.11).

A modernidade reduziu o risco em certos segmentos da vida das pessoas, mas, ao mesmo tempo, introduziu outros parâmetros de risco, pouco ou nada conhecidos em relação às épocas anteriores. São parâmetros que incluem riscos de alta consequência, oriundos do caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade. O mundo moderno tardio – termo usado por Giddens (2002) para denominar o mundo da virada milenar – é apocalíptico não por se encaminhar a um estado de calamidade, mas por introduzir riscos que gerações predecessoras não tiveram que enfrentar.

Apesar dos riscos, Rees (2008) afirma que nunca houve um tempo melhor para se viver para boa parte da população na maioria dos países. As inovações que impulsionarão o avanço econômico (tecnologia da informação, biotecnologia e nanotecnologia) podem impulsionar os países em desenvolvimento bem como os países já desenvolvidos. As tecnologias do século XXI podem oferecer estilos de vida que respeitam o meio ambiente, envolvendo menores recursos energéticos que aquelas demandadas pelo que se considera um bom estilo de vida. Ele acredita ainda que seria possível levantar fundos para tirar dois bilhões de pessoas mais necessitadas de sua extrema pobreza.

Contudo, para esse mesmo autor as preocupações com os riscos catastróficos globais não são algo remotamente futurístico e os humanos terão que enfrentá-los até mais ou menos 2030. É difícil prever o que acontecerá no final do século XXI, uma vez que algumas tecnologias podem se desenvolver em velocidades assustadoras. Além disso, o caráter humano e seu psicológico brevemente serão maleáveis, na medida em que essas mudanças são qualitativamente novas na história da humanidade. Novas drogas (e talvez implantes cerebrais) podem alterar o caráter humano; o mundo ciber tem o potencial de ser assustador e estimulante ao mesmo tempo.

PKD ainda nas décadas de 1960-1970, período de maior produtividade do autor, trazia esses temas em sua produção. Por meio de um eletrodo implantado no cérebro, uma das empregadas da Runciter e Associados, Tippy Jackson, poderia trabalhar enquanto dormia.

Durante os longos dias de inatividade forçada e artificial, a antitelepatia Tippy Jackson dormia regularmente até o meio-dia. Um eletrodo implantado no cérebro estimulava o sono EREM – extremely rapid eye movement, movimento extremamente rápido dos olhos – perpetuamente, de modo que, enquanto estava aconchegada entre os lençóis de percal, tinha muito o que fazer. (DICK, 2009, p. 55).

Em um de seus primeiros romances a ter um tema religioso, *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch* (1965), PKD trabalhou a temática de uma nova droga. A narrativa se passa num futuro em que a Terra está quase inabitável devido ao aquecimento global, embora os cientistas estivessem mais preocupados com um retorno à era do gelo na época em que ele o escreveu. No romance, colonos são convocados a outros corpos planetários do Sistema Solar. Como uma forma de fuga de sua existência sombria, eles usam uma droga ilegal chamada Can-D para entrarem numa realidade artificial e terem a experiência da vida fictícia de uma personagem chamada Pat Insolente.

Rees (2008) faz o alerta de que novas tecnologias implicam, conseqüentemente, em novos riscos. Contudo, há uma grande diferença em relação ao passado: os novos riscos podem ter conseqüências globais.

We cannot reap the benefits of science without accepting some risks – that has always been the case. Every new technology is risky in its pioneering stages. But there is now an important difference from the past. Most of the risks encountered in developing ‘old’ technology were localized: when, in the early days of steam, a boiler exploded, it was horrible, but there was an ‘upper bound’ to just how horrible. In our ever more interconnected world, however, there are new risks whose consequences could be global. Even a tiny probability of global catastrophe is deeply disquieting. (REES, 2008, p. vi).

Neste sentido, Bostrom & Čirković (2008) dizem que uma imensa diversidade de eventos poderia constituir catástrofes globais: de erupções vulcânicas a infecções pandêmicas, acidentes nucleares a tiranias mundiais, experimentos científicos fora de controle às mudanças climáticas, e ainda dos perigos cósmicos aos colapsos econômicos.

Embora os riscos sejam de vários tipos, eles se ligam por muitas conexões e fatores em comum. Por exemplo, a partir de muitos tipos de eventos destrutivos, boa parte dos prejuízos resultantes de segunda ordem impacta na ordem social; assim como os riscos de disrupturas e colapsos sociais relacionam-se com os riscos de eventos, tal qual o terrorismo nuclear ou doença pandêmica. Outro exemplo, aparentemente sem relação, seria o impacto de um grande asteroide, uma grande erupção vulcânica e uma guerra nuclear, que unidos poderiam lançar

uma enorme gama de aerossol e fumaça na atmosfera, gerando um efeito significativo no clima global.

Bostrom & Čirković (2008) afirmam que uma catástrofe capaz de gerar 10 milhões de mortos ou uma perda econômica de 10 trilhões de dólares pode ser catalogada como catástrofe global, ainda que alguma região do planeta escape sem danos. Uma lista parcial de exemplos pode ser feita: Rebelião An-shi (756-763), Rebelião Taiping (1851-1864), a fome do *Great Leap Forward* (grande salto para frente, em tradução livre) na China, a peste bubônica na Europa, a pandêmica gripe espanhola, as duas grandes guerras e os genocídios nazistas, as fomes na Índia durante o regime britânico, o totalitarismo stalinista, a dizimação da população nativa do continente americano, provavelmente a conquista Mongol, e talvez o Congo Belga. Inúmeras outras poderiam ser incluídas a esta lista dependendo da maneira como condições crônicas são individualizadas e classificadas.

Um subgrupo dos riscos catastróficos globais são os riscos existenciais e estes são bastante interessantes para a leitura de *Ubik*. Pode ser chamado de risco existencial aquele cujos danos causam a extinção de vida inteligente originária da Terra ou capaz de reduzir a qualidade de vida permanentemente ou drasticamente. Riscos existenciais compartilham um conjunto de características que os destacam e merecem uma atenção especial. Por exemplo, desde que não seja possível o restabelecimento a partir de riscos existenciais, os humanos não podem permitir que nenhum desastre existencial aconteça; não existiria a oportunidade de se aprender a partir da experiência.

[...]Our approach to managing such risks must be proactive. How much worse an existential catastrophe would be than a non-existential global catastrophe depends very sensitively on controversial issues in value theory, in particular how much weight to give to the lives of possible future persons. Furthermore, assessing existential risks raises distinctive methodological problems having to do with observation selection effects and the need to avoid anthropic bias.[...] (BOSTROM & ČIRKOVIĆ, 2008. p. 4).

Partindo-se das proposições de Stephen Hawking, para o qual o desenvolvimento da Inteligência Artificial pode ser o maior desastre da história da humanidade, pode-se inferir que Inteligência Artificial (Artificial Intelligence – AI) é um risco catastrófico global, podendo ainda ser classificado como um risco existencial. Bostrom & Čirković (2008) acreditam que AI não é um risco iminente, mas que, em longo prazo, o desenvolvimento excessivo dessa tecnologia pode gerar uma situação em que o cérebro humano pode ser visto como um dos maiores desafios ao futuro da própria humanidade.

Concomitantemente, mas em sentido contrário, o desenvolvimento bem-sucedido de uma superinteligência amigável poderia diminuir muitos outros riscos que a humanidade enfrenta. Fazer prospecções sobre máquinas superinteligentes não é uma tarefa fácil de analisar e discutir. O terceiro capítulo deste trabalho será dedicado ao estudo de *Ubik* no que se refere a esta temática, incluindo seus pontos positivos e seus pontos negativos, numa tentativa de esclarecer barreiras e conceitos equivocados sobre este assunto.

Antes, no próximo capítulo, realizar-se-á uma análise da obra no que se refere ao medo da morte, associado ao desenvolvimento da técnica e ao nascimento do *Homo faber*, no decorrer da Idade Moderna. A origem deste tipo de humano pode ser vista como consequente da dominação da natureza pelos seres humanos e as consequências dessa situação como geradora de risco para o futuro da vida de várias espécies da Terra, incluindo a dos próprios humanos. Além disso, no segundo capítulo também haverá um espaço dedicado ao tema da transformação dos corpos em mercadorias nas sociedades consumistas e quais riscos esta mudança acarreta.

3 O HUMANO COMO GERADOR DE RISCO EXISTENCIAL EM *UBIK*

A partir do entendimento da cultura do risco, marcada pela presença de riscos catastróficos globais, este capítulo estuda como *Ubik*, enquanto uma ficção científica distópica, faz alertas para o fato de o ser humano ser o responsável por ameaçar o futuro de sua própria espécie, assim como de toda a biosfera. Os autores Bauman (2008a; 2008b), Bacon (1623; 1999), Arendt (1997; 2010), Jonas (2006) e Marx (2012) são o aporte essencial para a discussão do uso da técnica como um dos meios de enfrentamento do medo da morte e de esperança de uma vida-longa, de modo que se evidencie a transformação do corpo humano em objeto da técnica e em mercadoria, na sociedade retratada em *Ubik*.

3.1 O medo da morte e o desejo de longevidade

As oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram escassas na ordem pós-moderna, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção. Pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero sofrem angústias originadas por seus próprios medos; existem também aqueles que todas as pessoas compartilham, seja qual for a parte do planeta em que elas possam ter nascido ou que tenham escolhido ou sido forçadas a viver.

Medo, afirma Bauman (2008a), é o nome que designa as incertezas, a inconsciência das ameaças e do que deve ser feito para estancá-las ou enfrentá-las. Assim, o medo é mais assustador quanto maior for sua difusão, dispersão, desvinculação; quando gera um temor sem que exista uma explicação visível. A modernidade seria o grande avanço capaz de afastar esse medo, indo em direção a um mundo livre do destino obscuro e impenetrável. Chegou-se a afirmar que se inauguraria um tempo livre de toda a matéria de que são feitos os medos. Entretanto, a realidade revelou-se contradizente a essas perspectivas.

Em condições de pós-modernidade, a vida tem se mostrado diferente do tipo de vida que os sábios do Iluminismo e seus herdeiros e discípulos avistaram e procuraram planejar. A vida que eles vislumbraram possuía a proeza de domar os medos e refrear as ameaças que estes causavam definitivamente. O enfrentamento dos medos, ao contrário, se tornou tarefa para toda a vida, enquanto os perigos que os deflagram passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana.

Em semelhança com os demais animais, os seres humanos, ao enfrentarem uma ameaça que ponha em risco suas vidas, oscilam entre as alternativas de fuga e de agressão. O que distingue os humanos é o acréscimo de uma espécie de medo social e culturalmente reciclado, quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente.

O “medo derivado” é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais). [...] (BAUMAN, 2008a, p. 9).

Os perigos dos quais se tem medo podem ser de três tipos: alguns ameaçam o corpo e as propriedades; outros, de natureza mais geral, ameaçam a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou envelhecimento; por fim, encontram-se os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo (a posição na hierarquia social, a identidade e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão social). O medo derivado, porém, possui pouca ligação com os perigos que o provocam. As pessoas às quais ele aflige com o sentimento de insegurança e vulnerabilidade podem interpretá-lo com base em qualquer dos três tipos de perigos. As reações (defesa ou ataque) resultantes, destinadas a atenuar o medo, podem assim ser dirigidas para longe das ameaças realmente responsáveis pela suspeita de insegurança.

Viver num mundo de incertezas, ou seja, marcado pela cultura do risco, significa um ensaio cotidiano de desaparecimento, sumiço, extinção e morte, podendo até causar diversão em algumas pessoas os riscos catastróficos globais. Bauman (2008a) diz que há muito mais infortúnios iminentes sendo proclamados do que aqueles que acabam realmente ocorrendo, de modo que se pode esperar que este ou aquele desastre recentemente anunciado acabe não afetando direta ou indiretamente as pessoas.

Esta constatação não é surpreendente, pois só é possível se preocupar com as consequências previsíveis, e só delas se pode lutar para escapar. Desta maneira, só as consequências indesejadas e do tipo previsível é que são classificadas na categoria dos riscos. Estes são perigos de cuja probabilidade se pode (ou se crê poder) calcular: riscos são perigos calculáveis. Assim definidos, são o que há de mais próximo da (infelizmente inatingível) certeza.

Um risco bem próximo da certeza, para todos os humanos, é a morte. O desejo pela imortalidade está presente em diversas culturas e em diferentes períodos da história da

humanidade, por isso o uso do termo “próximo da certeza”. Talvez o medo primal da morte seja o paradigma de todos os medos, o medo maior de que todos os outros extraem seu significado. Os perigos são concebidos como ameaças e derivam seu poder de amedrontar a partir da morte.

Em *Ubik*, as personagens, pouco antes de morrer, são colocadas em meia-vida e permanecem neste estado até que renasçam ou, caso passem da validade, sejam descartadas. O Sr. Herbert, dono do Moratório Entes Queridos, deixa claro o seu desejo de “viver” eternamente para que possa acompanhar o destino das próximas gerações. Contudo, ele sabe que o custo de seu sonho é altíssimo, o que pode gerar descontentamento entre seus parentes.

Quando eu me for, Herbert Schoenheit von Vogelsang disse a si mesmo, acho que pedirei, em testamento, que meus herdeiros me revivam um dia por século. Assim, poderei observar o destino de toda a humanidade. Mas isso representava um custo de manutenção muito alto para os herdeiros – e ele sabia o que isso queria dizer. Mais cedo ou mais tarde eles se revoltariam, tirariam seu corpo da bolsa térmica e – Deus o livre – o enterrariam.

— Enterro é barbárie – Herbert resmungou em voz alta. — Reminiscência das origens primitivas de nossa cultura.

— Sim, senhor – sua secretária concordou, diante da máquina de escrever. (DICK, 2009, p. 10).

Bauman (2008a) caracteriza a morte como um evento irreparável, irreversível, impossível de ser cancelado ou curado, o fim de tudo. Trata-se do evento que torna todas as demais aplicações desses conceitos metafóricas. A morte é aterrorizante por essa qualidade específica – a de tornar todas as outras qualidades não mais negociáveis. Com exceção da morte, todos os outros eventos que se conhece ou que se fica sabendo possuem um passado assim como um futuro. Apenas a morte significa que nada acontecerá daquele momento em diante, nada acontecerá com quem morre, nada que possa ser visto, ouvido, tocado, cheirado, usufruído ou lamentado. É por esse motivo que a morte tende a permanecer incompreensível para os vivos.

A morte é a concretização do desconhecido, é o único evento desconhecido total e verdadeiramente incognoscível. Independentemente do que se tenha feito como preparação para a morte, ela torna nula e vazia a própria ideia de preparação, enquanto acumulação de conhecimento e habilidades que define a sabedoria da vida. Com o devido empenho, todos os outros casos de desesperança e infelicidade, ignorância e impotência poderiam ser sanados.

O medo original, o medo da morte, aparentemente é compartilhado pelos seres humanos e demais animais, graças ao instinto de sobrevivência programado no curso da evolução em todas as espécies. A distinção se dá pela consciência dos humanos da

inevitabilidade da morte e assim também enfrentarem a apavorante tarefa de sobreviver à aquisição desse conhecimento. Bauman (2008a) alerta que, ao realizar essa tarefa, ao enfrentar esse medo secundário – o medo que se origina, não deste evento prestes a acontecer, mas do conhecimento de que isso certamente ocorrerá –, tais instintos seriam de pouca utilidade. Desde que seja realizável, a solução dessa tarefa deve ser empreendida e realizada, pelos próprios seres humanos.

A inventividade das culturas para tornar possível a convivência com a inevitabilidade da morte é enorme, embora não infinita. Entretanto, a variedade de estratégias registradas pode ser reduzida a um pequeno número de categorias. A concepção de que a morte não é o fim do mundo e, sim, a passagem de um mundo para outro é apontada como a mais comum e aparentemente efetiva das invenções culturais relevantes.

A advertência *memento mori*¹⁴, lembrar-se da morte, que acompanha a proclamação da eternidade da vida, é uma afirmação do impressionante poder dessa promessa de lutar contra o impacto imobilizante da iminência da morte. Desde que essa ideia tenha sido ouvida e absorvida, e que realmente se acredite nela, não é mais necessário tentar esquecer a inevitabilidade da morte.

Virar a morte de ponta-cabeça – transformar a queda mais repugnante na mais jubilosa ascensão – foi realmente um movimento virtuoso. Não apenas conseguiu conciliar os mortais com sua mortalidade, mas também dotava a vida de um sentido, um propósito e um valor que seriam enfaticamente negados ao veredicto da morte se este fosse deixado em sua direta e rígida simplicidade. Essa mudança transformou o poder destrutivo da morte num formidável poder de engrandecer a vida: ela atrelou a morte à carruagem da vida. Colocou a eternidade ao alcance do transitório, e pôs os autoconfessos mortais no controle da imortalidade. (BAUMAN, 2008a, p. 48).

Em comparação com o esquema original, suas versões alteradas aparentemente multiplicaram as opções à disposição dos mortais. Para aqueles inspirados pela oportunidade de atingir o tipo de imortalidade oferecido pelas versões substitutas, a gama de opções foi ampliada muito além da simplória dicotomia céu e inferno. Já que a expectativa da imortalidade, qualquer que seja sua forma, deixa de ser uma conclusão inevitável, abre-se a todos os interessados um amplo espaço para a invenção e a experimentação.

Uma vez que a negação da finalidade da morte se separou da imortalidade da alma, ela está livre para se ajustar a qualquer número de alternativas. E foi o que ocorreu, embora a impressionante variedade de invenções culturais possa ser reduzida a duas classes: as que

14 Bauman (2008a, p. 47) explica que *memento mori* quer dizer: “[...] viva sua vida terrena de maneira a ganhar a felicidade na vida após a morte. A vida após a morte é garantida – na verdade, inescapável. Sua qualidade, porém, depende de como você vive sua vida antes de morrer. Pode ser um pesadelo. Pode ser uma bem-aventurança.”

oferecem a imortalidade pessoal e as que prometem uma contribuição individual à sobrevivência e à permanência de uma entidade impessoal, frequentemente à custa de se reduzir a importância da identidade individual e, em última instância, exigindo uma disposição para a autonegação e a autodestruição.

A imortalidade personalizada é uma proposta de expansão da vida, exigindo duros esforços para a realização de feitos memoráveis, é preciso deixar uma marca própria. A imortalidade despersonalizada realiza justamente o contrário. É uma espécie de recompensa aos muitos homens e mulheres que têm poucas esperanças de realizar alguma coisa considerada importante e, assim, a imortalidade impessoal compensaria a impotência pessoal. A existência anônima ganha uma chance de imortalidade também anônima. Ainda que suas vidas sejam esquecidas, estes mortos causarão algum impacto – não irão passar pela vida sem deixar vestígios. Diante da incapacidade de alcançar a imortalidade por meio da vida, eles a obtêm assim mesmo por meio da morte, sendo crucial a forma como eles morrem. A morte torna-se um meio de produzir algo muito mais sólido, permanente, confiável e significativo do que a sua existência individual, caracteristicamente monótona, insípida e pouco atraente, incapaz de ser sentida e notada ainda em vida.

A respeito da imortalidade despersonalizada, Bauman (2008a) lembra que na era dos exércitos constituídos pelo recrutamento em massa e do serviço militar universal, o incontrolado horror à morte e o medo do vazio foram habilidosamente utilizados na mobilização do patriotismo das massas e da dedicação à causa nacional.¹⁵ Memoriais construídos nas capitais europeias enalteciam o desprendimento dos soldados desconhecidos e inculcavam a ideia de que nem a patente militar dos heróis, nem tampouco toda a sua vida até o momento do sacrifício final, tinham importância do ponto de vista da sua apreciação e lembrança. Esses memoriais permitiam que os vivos tomassem ciência de que a única coisa realmente importante era o momento da morte no campo de batalha, e que a dignidade desse evento tinha o poder de redefinir o significado até mesmo das vidas mais indignas.

Apesar das enormes diferenças entre eles, os meios de obter a imortalidade pessoal e impessoal reconhecem igualmente a gravidade do problema com que o fim inegociável da morte confronta todos os seres humanos como conscientes de sua mortalidade. Esses meios,

15 Ainda na Grécia Antiga, durante o século VII a.C., o poeta Tirteu incentivou a coragem espartana, com seus cânticos de guerra, levando-os à vitória por ocasião da Segunda Guerra Messênia. Tirteu é considerado o cantor da bela morte e um propagador do ideal espartano, ou seja, morrer guerreando por sua terra natal.

sua popularidade e efetividade (ao menos parcial) atestam, obliquamente, o lugar importante ocupado pela preocupação com a vida eterna (ou sua negação) entre os interesses dos mortais.

Além da imortalidade personalizada e despersonalizada utilizadas no enfrentamento do medo da morte, Bauman (2008a) inclui a marginalização das preocupações com o fim mediante a desvalorização de tudo que seja durável ou de longo prazo. Esse estratagema alternativo, que ganha força gradual e contínua através da era moderna, parece estar atingindo a posição mais importante em sociedades marcadas pelo consumismo, quando as condições historicamente construídas da eficácia das estratégias discutidas começam a se dissolver e a desaparecer. Em vez de prometer pontes de ligação entre a vida mortal e a eternidade, esse plano alternativo reduz, degrada ou refuta abertamente o valor da duração, rompendo profundamente com quaisquer preocupações com a imortalidade. Ele transplanta para o momento presente a importância que se atribuía ao porvir; do durável ao transitório. O horror da morte desvincula-se de sua causa original, tornando-o disponível a outros usos, alardeando efeitos mais tangíveis e imediatos das preocupações com a vida após a morte.

São duas as maneiras apontadas por Bauman (2008a) de se chegar a essa ruptura entre a vida e a imortalidade: uma é a desconstrução da morte; a outra é sua banalização. Para explicar o processo de desconstrução cita-se Sigmund Freud, o qual interliga o hábito de enfatizar a causalidade fortuita da morte ao esforço de reduzir este evento necessário a uma oportunidade. Tal redução da morte está afinada com o espírito da modernidade. Um gesto tipicamente moderno é fatiar o desafio existencial num agregado de problemas que devem ser resolvidos um a um, independentemente, e o podem ser de tal forma desde que o *know-how* e os meios técnicos necessários para utilizá-lo estejam disponíveis e que seu regime de uso seja estritamente observado.

Quando a desconstrução é aplicada ao evento morte, acaba-se ocultado o fato biologicamente determinado a todos os seres humanos. Atualmente, é raro se ouvir falar que algum humano faleceu de mortalidade, e uma morte por causas naturais praticamente saiu do vernáculo. Os médicos dificilmente registram causas naturais ao preencherem certidões de óbito, seria como imputar-lhes um atestado de inaptidão profissional. Nem parentes nem amigos do falecido aceitariam causas naturais como explicação do motivo pelo qual a morte aconteceu, então o mais comum é a realização de exames pós-morte para o estabelecimento da causa imediata da morte. Deve-se apontar e explicar detalhadamente a causa de cada falecimento, e tal motivo de morrer é o único que pode ser aceito como causa legítima, a qual

é evitável ou pode tornar-se evitável (com mais pesquisa e desenvolvimento de técnicas médicas).

Em consequência dessa desconstrução, que enfatiza a importância técnico-instrumental e a potencialidade da vida mortal, embora se reconheça a iminência da morte corpórea, intensifica-se o grau de terror da morte e eleva-se sobremaneira a potência destrutiva desta. Em vez de suprimir a consciência da inevitabilidade da morte e libertar a vida dessa pressão, torna mais ubíqua e importante do que nunca a presença da morte na vida. Bauman (2008a) defende que se vive agora em constante estado de alerta diante da ameaça de morte, pois assim que a preocupação com este evento final foi introduzida no cotidiano e na medida em que os alarmes sobre substâncias e regimes patogênicos recentemente descobertos se seguem em rápida sucessão, cada ato e ambiente de ação, incluindo aqueles até agora considerados inócuos e inofensivos, ou sobre os quais absolutamente não se pensava serem relevantes para a morte, se tornam suspeitos de causar danos irreparáveis e produzir consequências terminais.

Em *Ubik*, o tema da morte e o desejo de se tornar imortal ocupam boa parte do enredo. Pode-se dizer que as personagens utilizam estratégias de desconstrução da morte, pois é perceptível a valorização técnico-instrumental e o aumento do grau de terror da morte. No futuro descrito, os mortos são transferidos aos moratórios, uma espécie de cemitério tecnologicamente avançado, onde seus corpos são mantidos em bolsas térmicas e são denominados de meias-vidas. O enterro é considerado barbárie, reminiscência das origens primitivas, e, desde que haja resquício de atividade cefálica, é possível que familiares e amigos conversem, por meio de amplificadores, com seus entes queridos que já partiram. Observe-se este trecho da obra, que se passa no Moratório Entes Queridos, no Dia da Ressurreição, feriado em que os meias-vidas eram homenageados em público.

No saguão de consultas, diversos clientes conversavam intimamente com seus parentes em meia-vida, numa tranquilidade ágil, enfileirados a intervalos, cada um separado por seu caixão. Era uma visão serena, aqueles fiéis, que iam sempre com tanta regularidade prestar suas homenagens. Levando mensagens, notícias sobre o que acontecia no mundo lá fora. Animavam os meias-vidas melancólicos nesses intervalos de atividade cerebral. E... pagavam a Herbert Schoenheit Vogelsang. Era um negócio lucrativo administrar um moratório. (DICK, 2009, p. 10-11).

A ideia de criar personagens em meia-vida provavelmente veio do contato de PKD com as notícias a respeito do congelamento dos corpos. Carrère (2016) afirma que ele havia lido sobre criogenia¹⁶ em um artigo publicado em revista, cuja técnica consiste em congelar

16 O congelamento criogênico de corpos tornou-se assunto bastante falado em 1966 com a publicação do livro *A Prospect of Immortality*, do físico americano Robert Ettinger. A primeira experiência criogênica humana

peças em vez de enterrá-las. Desta forma, os corpos conservados em nitrogênio líquido (-196°C) esperam o momento em que a ciência seja capaz de devolver-lhes a vida. Há boatos de que Walt Disney contava seriamente com a técnica para se tornar imortal. Também é possível se congelar antes de sucumbir à morte clínica, de modo a manter uma atividade cerebral ínfima, o que aumentaria as chances de tornar a recordar um dia. Sobre a construção destas personagens, esse biógrafo de PKD afirma que:

Sentado diante da máquina de escrever paralisada e de costas para o arquivo monstruoso que continha seus tesouros, ele [PKD] imaginou o silencioso cintilar do eletroencefalograma na tela negra do monitor colocado na cabeceira, com traços quase planos, mas não de todo. O que poderia corresponder a essas vibrações mal e mal perceptíveis no cérebro de uma pessoa em estado de meia-vida? Sonhos, fragmentos de pensamento, imagens que se desviam na escuridão? Um resíduo de consciência? (CARRÈRE, 2016, p. 184).

Atrelada ao medo da morte e do desejo de prolongamento da vida, é perceptível a esperança de ressurreição em *Ubik*. Ella, uma personagem meia-vida e esposa do Sr. Glen Runciter, espera seu renascimento.

— Como você bem sabe. Estou há algum tempo – disse Ella Runciter. — Não vai demorar muito para eu nascer novamente em outro útero, eu acho. Pelo menos é o que Glen diz. Fico sonhando com uma luz vermelha esfumada, e isso é ruim. Não é um útero moralmente adequado no qual nascer. — Deu uma risada sonora e afetuosa. (DICK, 2009, p.228).

Os meias-vidas, criados para adiar o encontro dos vivos com a morte, precisam recorrer a recursos tecnológicos para esticar ainda mais este estágio entre a vida e a morte. Na passagem seguinte, uma garota conta a Joe, agora um meia-vida, onde encontrar *Ubik* e como ele funciona.

A garota disse:

— Fazendo uso das técnicas mais avançadas da ciência atual, a reversão da matéria para formas mais primitivas pode ser revertida, e a um preço que qualquer dono de condapto pode pagar. *Ubik* é vendido pelas principais lojas de arte e decoração de toda a Terra. Então, procure-o na loja que frequenta, senhor Chip. (DICK, 2009, p. 234).

Se a desconstrução substitui um desafio irresistível por uma multiplicidade de tarefas comuns e essencialmente realizáveis, esperando desse modo evitar o confronto com a totalidade de seu único e último horror, a banalização transforma o próprio confronto num evento comum, quase rotineiro, esperando desse modo fazer da vida com a morte algo mais tolerável. A banalização leva a experiência única da morte, por sua natureza inacessível aos vivos, para o domínio diário dos mortais, transformando suas vidas em perpétuas encenações

ocorreu quando o cadáver do norte-americano James Bedford foi congelado também naquele ano. Atualmente, mais de 200 corpos de pessoas e alguns animais domésticos encontram-se neste estado em centros de pesquisa desse tipo. Neste ramo da economia, destacam-se as empresas americanas Alcor e Cryonics.

da morte, desse modo esperando familiarizá-los com a experiência do fim e assim mitigar o horror que transpira da total e absoluta incognoscibilidade da morte.

Além dessa preocupação cotidiana com a ameaça da morte, é possível experimentar, conforme Bauman (2008a), a sensação de morrer quando se perde um ente próximo. Em todos os meios sociais, independentemente da cultura e época, as vidas de homens e mulheres tendem a se interligar com as de outros seres humanos, sejam colegas de trabalho, familiares, vizinhos ou amigos da escola. Alguns desses humanos se conectam por laços de simpatia e intimidade das quais desenvolvem relações muito próximas. Quando estes entes começam a morrer, desaparecendo um a um desse mundo, levam consigo seus próprios mundos para a não-existência. Na maioria das vezes, eles não são substituídos, e nunca o são completamente – e essa impossibilidade de substituí-los plenamente disponibiliza reflexões sobre o verdadeiro significado da singularidade e da terminalidade, capacitando os humanos a preverem o significado de suas próprias mortes, mesmo que continuem incapazes de visualizar o mundo sem suas presenças. Ao partirem um após outro, os mundos dos sobreviventes vão perdendo pouco a pouco os seus conteúdos e aqueles que viverem muito e assistirem partir muitas pessoas próximas e queridas provavelmente sofrerão de solidão. Esta experiência de vazio do mundo proporciona outras reflexões sobre o significado da morte.

Examinaram-se brevemente as três categorias de estratégias essenciais destinadas a tornar possível a convivência com o conhecimento da iminência da morte, conforme Bauman (2008a). A primeira consiste em construir interligações entre a vida mortal e a eternidade – reclassificando a morte como um novo começo (dessa vez de uma vida imortal), em vez de o fim sem finalidade ulterior. A segunda estratégia consiste em mudar o foco da preocupação com a própria morte, enquanto evento universal e inescapável, para suas causas específicas, as quais deverão ser neutralizadas ou enfrentadas. E a terceira consiste em um ensaio metafórico diário da morte em sua verdade horripilante de fim absoluto, último, irreparável e irreversível – de modo que esse fim, tal como no caso dos modismos e tendências retrô, possa vir a ser encarado como bem menos que absoluto; como algo revogável e reversível, só mais um evento banal entre tantos outros.

Neste ponto, cabe destacar que Bauman (2008a, p. 69) não sugere que qualquer uma dessas estratégias, ou mesmo todas elas aplicadas em conjunto, seja plenamente eficaz ou que estejam livres de efeitos colaterais indesejáveis e às vezes bastante nocivos. Não passam de subterfúgios e paliativos, porém capazes de progredir “[...] um pouco no sentido de tirar o

veneno do ferrão e assim permitir que se suporte o insuportável, subjugando, e domesticando no mundo-do-ser vivido, a *alteridade absoluta* do não-ser.”

Finalmente, é importante destacar que a manipulação do medo da morte – um “insumo natural” que pode potencializar recursos infinitos e a prática da renovação total –, de uma forma ou de outra, é transformada em geradora de lucro. Todas as culturas podem ser vistas como dispositivos engenhosos destinados a mascarar (ou adornar) essa face e assim torná-la contemplável e tolerável – mas nem a política nem a economia se mostram lentas em identificar e agarrar a oportunidade. Os moratórios em *Ubik* são um negócio altamente lucrativo, assim como os centros de criogenia da vida real cobram altos valores para congelar os corpos. Todos esses recursos só são realizáveis com o desenvolvimento da técnica que transformou os corpos humanos em objetos, algo condizente com a desconstrução da morte descrita por Bauman (2008a). A era da técnica e transformação dos corpos, em *Ubik*, são os temas das próximas seções deste capítulo.

3.2 *Homo faber*: um risco para todas as espécies

Curar uma enfermidade que iria simplesmente encurtar a vida, por meio de medicamentos, dietas e mudança de hábitos era possível até o início da modernidade, mas seria inimaginável utilizar técnicas para a convivência com doenças claramente letais. Esta nova era proporcionou ao ser humano o exercício do domínio não somente sobre a natureza, mas sobre o seu próprio corpo. A partir de então, abriu-se caminho para a intervenção efetiva de técnicas médicas no âmbito da materialidade humana. Zaterka (2015) afirma que nunca os métodos mais ou menos científicos de prolongamento da vida foram discutidos de maneira tão incessante em toda a sociedade como agora. O sonho de desenvolver-se um elixir da fonte da juventude é muito antigo, mas só assumiu uma forma científica – ou pseudocientífica – mais recentemente. A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la o quanto possível com a ajuda da medicina e pela esperança de que novos procedimentos sejam eficazes diante desse evento, fatos condizentes com as estratégias de desconstrução da morte, conforme explanação feita na seção anterior deste capítulo.

Desde a antiguidade, passando pela Idade Média, existia uma importante distinção entre adicionar tempo para além da determinação imposta pela natureza ou por força divina, ou seja, um prolongamento efetivo da vida, e a cura de uma doença através da arte médica no

sentido de simplesmente adiar a irremediável morte. Nesse último caso, o tempo seria contra uma determinada doença que de outra forma encurtaria a vida, mas não haveria um acréscimo quantitativo daquilo que já estava inscrito na ordem natural. Por determinação de valores relacionados à fé das pessoas limitou-se o uso da técnica com a finalidade de prolongamento da vida. Essa dicotomia permaneceu até o início da modernidade e Bacon¹⁷ tem um lugar de destaque para a virada de perspectiva com relação a essa premissa.

Do ponto de vista filosófico, a primeira sistematização moderna sobre o tema encontra-se na obra de Bacon (1623)¹⁸. O pensador inglês acredita que, diferentemente dos antigos, teria descoberto um método “para introduzir espíritos jovens em um corpo velho” e conjecturou na sua importante *Historia vitae et mortis (História da vida e da morte)* cenários possíveis para a regeneração física dos humanos. Nesse sentido, introduziu a possibilidade destes seres exercerem o domínio sobre a natureza, império esse não só praticado sobre a natureza externa (o mundo natural), mas também sobre si próprio e, no limite, sobre o próprio corpo humano. Assim, Bacon (1623) teria aberto as portas para o sonho moderno de introdução de técnicas cada vez mais numerosas e eficazes de aprimoramento dos indivíduos.

A grande mudança de concepção trazida pela modernidade diz respeito à possibilidade não só de o humano ser capaz de acelerar o curso ordinário da natureza, não imaginada até então, como na arte alquímica, que, sobretudo na Idade Média, buscava obter a Pedra Filosofal, mas de o humano ser capaz, de agora em diante, de produzir novas naturezas, naturezas artificiais ontologicamente semelhantes às originais.

Ora, nesse novo contexto, a natureza deixará de ser sagrada e, portanto, inimitável. Em outras palavras, as coisas artificiais não diferem das coisas naturais pela forma ou pela essência, mas apenas pela causa eficiente; no limite, os movimentos artificiais não devem ser contrapostos aos naturais. O calor solar pode ser comparado ao fogo, o ouro natural presente na areia é idêntico ao artificialmente produzido nas fornalhas. A física terrestre será em breve equiparada à celeste. Assim, os homens de ciência não precisam mais temer a cólera divina por manipular, atormentar e alterar a natureza, pois manipular a obra divina é um de seus desígnios. [...] (ZATERKA, 2015, p. 501).

Enquanto a técnica era a continuação da natureza e um auxílio desta na Grécia Antiga, possuindo um aspecto contemplativo da ciência e apoiada nos livros das autoridades, Bacon (1999), em *Novum Organum*, propõe a valorização dos fatos, das práticas de laboratório, e reunião das teorias às práticas. Para ele, os humanos deveriam desvencilhar-se da metafísica

17 Esse pensador já foi citado no início do primeiro capítulo, quando se tratou das contradições do pensamento iluminista.

18 São feitas referências aos escritos originais do pensador, datados de 1623. Porém, as citações transcritas nesse trabalho foram extraídas de página da internet (sirbacon.org) e por este motivo as passagens não fazem referência aos números das páginas da versão impressa.

escolástica e dedicar-se à natureza.

Engendrar e introduzir nova natureza ou novas naturezas em um corpo dado, tal é a obra e o fito do poder humano. E a obra e o fito da ciência humana é descobrir a forma de uma natureza dada ou a sua verdadeira diferença ou natureza naturante ou fonte de emanção (estes são os vocábulos de que dispomos mais adequados para os fatos que apresentamos). (BACON, 1999, p. 101).

Ainda conforme seus argumentos, a doutrina cristã fornecia elementos primordiais de uma história unificada da natureza e da humanidade. Dessa maneira, Deus criou homens e mulheres sem imperfeições e doenças, envelhecimento e morte foram consequências por Adão e Eva terem comido o fruto proibido. A narrativa bíblica, ainda predominante no século XVII, mostra que, se ambos não tivessem cometido pecado, eles não teriam sido expulsos do paraíso e seriam literalmente eternos. O castigo imposto aos pecadores foi torná-los mortais e, portanto, suscetíveis a inúmeras doenças do corpo e da mente. Porém, para Bacon (1623), o fato de eles terem perdido a imortalidade não significa a perda de suas longevidades. Como um bom empirista, para o qual o saber é um poderoso e seguro instrumento para conquistar o poder sobre a natureza, ele une argumentos lógicos, psicológicos e históricos, elaborando uma espécie de inventário sobre os mais diversos fatores que podem interferir na vida dos animais e, sobretudo, na dos humanos.

De acordo com as sagradas escrituras, Bacon (1623) demonstra que os homens viviam por centenas de anos, embora nenhum patriarca tenha atingido a marca de um milênio. Depois do dilúvio, entretanto, a expectativa de vida reduziu-se a um quarto deste tempo.

Immediately after the flood this longevity was reduced by a half; at least in such as were born after the flood (for Noah who was born before it arrived at the age of his ancestors, and Shem lived 600 years). And when three generations had passed the life of man was reduced to about a fourth of his original age; that is, to about 200 years. (BACON, 1623).

O filósofo inglês, contudo, afirma que os descendentes de Adão, através de Caim, seu filho assassino, viveram mais tempo que os patriarcas e, portanto, a questão da longevidade não poderia ser atribuída à graça de Deus. *“Neither can this longevity be imputed to grace or the holy line. For of the patriarchs before the flood there are counted eleven generations, but of the sons of Adam by Cain only eight; which would make Cain's descendants the more long-lived.”* (BACON, 1623).

Se a causa da diminuição da longevidade humana narrada na Bíblia é natural, seu remédio também deverá ser natural. Ou seja, será por meio da arte humana, com o suporte de uma ciência que alia teoria à prática, que os humanos poderão atingir novamente a longevidade tão desejada e já vivenciada por alguns de seus antepassados. Logo no início da obra, Bacon

(1623) salienta a sua insatisfação com o estado do conhecimento médico e químico de sua época sobre a questão da longevidade. Segundo sua linha de pensamento, tudo aquilo que possa ser reparado gradualmente é eterno e a opinião dos médicos de sua época era que os humanos detinham uma umidade radical que se esvanecia com o passar do tempo e que era impossível de ser reparada.

When therefore physicians and philosophers observed that animals were nourished and their bodies repaired and refreshed, but that this was only for a time, as old age soon came on and was speedily followed by dissolution; they looked for death in something that could not be properly repaired, imagining that there was some primitive and radical moisture which was not really repaired, but which even from childhood received a kind of spurious addition and no true repair; and that with time this grew worse and worse, till at last it ended in none at all. But these opinions are very frivolous and ignorant. (BACON, 1623).

A inovação metodológica de Bacon, em *História da vida e da morte* (1623), está em acreditar que se deve analisar as questões relativas à regeneração e ao prolongamento da vida pela perspectiva dos corpos inanimados, embora tanto os corpos inanimados quanto os animados sejam habitados por espíritos. *“In all animate bodies there are two kinds of spirits; lifeless spirits, such as are in bodies inanimate, and in addition to them a living spirit.”*. (BACON, 1623).

Bacon (1623) afirma que os dois tipos de espíritos supracitados, antes de qualquer coisa, são os materiais constituintes ativos dos corpos, sutis e sem peso, possuindo apetites e impulsos. Além dos espíritos, a matéria tangível, outro componente dos corpos, é passiva, fria, inerte e pode ser compreendida como resistente às mudanças. Além dessa distinção entre espíritos e matéria tangível, Bacon aponta duas diferenças entre os próprios espíritos. A primeira é que os espíritos sem vida são descontínuos, cercados por um corpo grosseiro, como o ar misturado com espuma ou neve; enquanto isso, os espíritos vitais são contínuos, fluindo por canais sem serem totalmente interceptados e possuem um grau de inflamação, como uma respiração composta de flamas e ar. Por outro lado, os espíritos vitais relutam frequentemente em abandonar os organismos que os limitam, pois fora deles não encontram nada que se assemelhe a eles, ao contrário dos espíritos sem vida, que desejam escapar dos corpos tangíveis por meio de seu componente aéreo, que os atraem para o ar ambiente.

É interessante esclarecer que a causa própria da dissolução dos corpos animados também se encontra nos espíritos sem vida, e não nos espíritos vitais. Bacon (1623) afirma ainda que os espíritos vitais conferem definhamento ao corpo e, por conseguinte, tais corpos têm necessidade de alimentação. Mas, como os corpos vivos contêm necessariamente, além de espíritos vitais, também espíritos sem vida, os últimos finalmente prevalecem e todos os corpos

entram em um processo de decadência.

Nesse contexto, é importante frisar que a causa da senescência é um processo que ocorre tanto nos corpos animados como nos inanimados. Assim, a idade não é nada em si mesma, somente uma medida de tempo. Mas o processo que conduz à morte tem como causa os espíritos sem vida dos corpos, os quais, por um lado, absorvem a umidade do corpo e escapam dele, e, por outro, o ar ambiente que propicia a multiplicação desses espíritos. Nesse sentido, a dessecação, que é parte constitutiva do envelhecimento, é um processo latente que merece observações metódicas em todos os corpos existentes na natureza. Conhecendo, então, o mecanismo de tal funcionamento, Bacon (1623) conclui que os humanos têm a capacidade de introduzir nos próprios corpos, por exemplo, substâncias de natureza duráveis – duras ou oleosas – que terão a capacidade de deter os espíritos sem vida e, então, retardar o processo de senescência.

É interessante frisar que as personagens meias-vidas, em *Ubik*, passam por processo de deterioração, definham até a chegada final da morte, mas com o uso de *Ubik* o processo de senescência pode ser retardado e revertido até certo ponto. Na citação a seguir, Joe Chip, em meia-vida, narra a terrível aproximação da morte, a falta que o calor lhe faz e que nunca mais sentirá, caso não renasça.

Descobriu então, em choque, que estava frio, além de exausto. Quando isso havia acontecido? ele se perguntou. Em algum momento no passado. O frio infiltrou-se de forma tão gradual que ele não havia notado antes. Ai, Deus, disse a si mesmo, e tremeu freneticamente. Seus ossos pareciam quase estremecer. Pior do que em Luna, muito pior. Pior, também, que o resfriamento que pairou no quarto de hotel em Zurique. Aqueles tinham sido precursores.

O metabolismo, refletiu, é um processo de queima, uma fornalha ativa. Quando para de funcionar, a vida acaba. Devem ter se enganado quanto ao inferno, disse a si mesmo. O inferno é frio, tudo lá é frio. O corpo representa peso e calor. Agora, o peso é uma força à qual estou sucumbindo, e o calor, o meu calor, está me escapando. E, a não ser que eu renasça, ele nunca voltará. Este é o destino do universo. Então, pelo menos, não estarei sozinho. (DICK, 2009, p. 198).

Os pensamentos indutivos de Bacon (1623) apontam para uma perspectiva de alteração e manipulação dos seres animados, mediante técnicas e conhecimentos interventivos no âmbito da materialidade do humano, que, conseqüentemente, abriu caminho para novos posicionamentos diante do tema da longevidade. O que se observa é que a *techne*, enquanto esforço humano, extrapola os objetivos delimitados dos tempos antigos e medievais. Se antes a técnica era tributo advindo da necessidade, com a chegada da modernidade e sua radicalização, a técnica transforma-se no empreendimento mais importante dos humanos. Jonas (2006) afirma ser tentado a crer que esse feito seja inerente à vocação humana e que ele se encontra em contínuo progresso em direção a realizações cada vez maiores. Seria o triunfo do *Homo faber*

sobre seu objeto externo e sobre o próprio *Homo sapiens*.

Em direção contrária à predisposição humana para a técnica e ao fato de que os objetos são os fins para os quais os instrumentos são projetados, estão os processos naturais que se originam sem o auxílio humano. Como ressalta Arendt (2010):

Ao contrário dos produtos de mãos humanas, que têm de ser feitos passo a passo e para os quais o processo de fabricação é inteiramente distinto da existência da coisa fabricada, a existência da coisa natural não é separada, mas, de certa forma, idêntica ao processo através do qual ela passa a existir: a semente contém e, em certo sentido, já é a árvore, e a árvore deixa de viver se o processo de crescimento através do qual passou a existir for interrompido. (ARENDR, 2010, p.187).

Outra diferença apontada por Arendt (2010) entre os processos de produção natural e humana é que os primeiros assumem um caráter de automatismo. Segundo esta filósofa, é automático todo movimento autopropulsado, ou seja, fora do alcance da interferência voluntária ou intencional. Enquanto os propósitos humanos possuem um começo voluntário e um fim definido, os processos de produção marcados pela automação não diferem entre a operação e o produto.

Arendt (1997) chama a atenção também para o fato de o humano atual nunca ser exclusivamente *Homo faber* e para isso traça a diferença entre o mundo tecnológico pós-segunda guerra e o mundo mecanizado surgido com a Revolução Industrial na Inglaterra. Enquanto a industrialização ainda era baseada na mecanização dos processos de trabalho e no aprimoramento dos produtos, a atitude humana diante da natureza, a qual lhe fornecia matéria-prima, ainda era de *Homo faber*. O mundo encontrado na segunda metade do século XX é muito mais caracterizado pela ação humana sobre a natureza, desenvolvendo processos naturais e direcionando-os para as realizações humanas e para a economia, do que pela construção e preservação de objetos. Trata-se essencialmente da distinção entre a ação e a fabricação.

A fabricação distingue-se da ação porquanto possui um início definido e um fim previsível: ela chega a um fim com seu produto final, que não só sobrevive à atividade de fabricação como daí em diante tem uma espécie de “vida” própria. A ação, ao contrário, como os gregos foram os primeiros a descobrir, é em si e por si absolutamente fútil; nunca deixa um produto final atrás de si. (ARENDR, 2007, p. 91).

Para a filósofa alemã, o mundo erguido pela fabricação é sólido e duradouro, e, em sentido oposto, está a ação, descrita como frágil e fútil. Desde que o produto final da fabricação seja incorporado ao mundo dos seres humanos, sua utilização e desenvolvimento tornam-se imprevisíveis e, a partir daí, a fabricação sofre um processo cujas consequências podem estar completamente fora de controle de seu criador. Assim o *Homo faber*, aquele que fabrica, é ao mesmo tempo um ser que age. Jonas (2006, p. 57) reforça a ideia de ação do *Homo faber* ao afirmar que ele possui a capacidade de refabricar inventivamente os objetos: “O *homo faber*

aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor e confeccionar todo o resto.”

O avanço da ciência e da tecnologia têm possibilitado ao humano desenvolver artificialmente a natureza com bastante entusiasmo. No campo da medicina, com o mapeamento genético, das pesquisas com células-tronco e dos avanços computacionais, o desenvolvimento de órgãos artificiais, por exemplo, é uma realidade há alguns anos. Em 2003, a revista brasileira *Super Interessante* (Edição 191b) trouxe em sua capa a temática da Engenharia de Tecidos, termo criado ainda na década de 1980 para designar o campo de estudos que engloba a engenharia de materiais e ciências biomédicas. Os pesquisadores já são capazes de criar órgãos a partir de células-tronco e a intenção é que futuramente os transplantes não sejam mais necessários, evitando-se, assim, a indesejável rejeição do novo órgão.

Essa capacidade de fabricar órgãos artificiais é algo corriqueiro na Confederação Norte-Americana de 1992. O corpo do Sr. Glen Runciter, em *Ubik*, é emblemático quando se trata de modificação perpétua do próprio corpo. O Sr. Herbert o descreve como algo já bastante reinventado.

[...] É preciso parecer mais que um humano com falhas comuns. O corpo de Runciter provavelmente continha uma dúzia de artiforgs, órgãos artificiais enxertados no lugar certo do seu sistema fisiológico à medida que os genuínos, originais, falhavam. A ciência médica, supôs Herbert, fornece o fundamento material, e, a partir da autoridade de sua mente, Runciter fornece o restante. Quantos anos será que ele tem, perguntou-se. Já é impossível julgar pela aparência, especialmente depois dos noventa. (DICK, 2009, p. 15).

Arendt (1997) alerta que, pelo fato da ação humana intervir por conta própria nos processos naturais, não apenas se amplia o poder humano sobre a natureza ou frente aos desafios terrenos, mas, pela primeira vez, introduz-se a natureza no mundo humano, eliminando-se as fronteiras defensivas entre os elementos naturais e o artefato humano. Jonas (2006) acredita que essa culminação de poderes desafia o último esforço do pensamento ético, pois em períodos anteriores nunca foi necessário visualizar alternativas de escolhas para aquilo que se considerava serem as características imutáveis dos seres humanos.

Na alçada do prolongamento da vida, Jonas (2006) questiona se alguém já foi capaz de decidir se a quantidade de anos vivida seria algo desejável ou uma opção e lembra que aqueles que chegaram aos setenta anos e, quando muito, aos oitenta jamais tiveram escolha. Porém, atualmente determinados progressos na biologia celular acenam com a perspectiva de atuar sobre os processos bioquímicos de envelhecimento, ampliando a duração da vida humana, talvez indefinidamente. “A morte não parece ser mais uma necessidade pertinente à natureza

do vivente, mas uma falha orgânica evitável; suscetível, pelo menos, de ser um princípio tratável e adiável por longo tempo.” (JONAS, 2006, p. 58)

Em *Ubik*, a meia-vida Ella, que se encontra no Moratório Entes Queridos, recebe a visita de seu esposo, Glen Runciter. Ele tem ciência de que reanimá-la a desgasta e por isso evita encontrá-la com frequência, pois, deste modo, seus resquícios vitais poderiam ser prolongados por muitos e muitos anos, afastando de perto a terrível morte.

Ereta em seu esquife transparente, revestida por uma exalação de névoa gelada, Ella Runciter estava de olhos fechados, as mãos permanentemente erguidas na direção do rosto impassível. Fazia três anos que ele não a via, e é claro que Ella não tinha mudado. Nunca mais mudaria, pelo menos na forma física e visível. Mas a cada ressuscitação para a meia-vida ativa, para um retorno da atividade cerebral, por mais curto que fosse, Ella morria um tanto. O tempo restante, para ela, pulsava e sumia, esgotando-se lentamente.

Saber disso justificava sua falta em ativá-la com mais frequência. Ele [Glen Runciter] racionalizava assim: aquilo a condenava, reanimá-la constituía um pecado contra ela. [...] (DICK, 2009, p. 16).

É inegável que tratamentos antes inimagináveis se tornaram uma realidade cotidiana, criando uma grande possibilidade de cura de doenças, implantes, transplantes, enxertos, próteses, seres portadores de órgãos artificiais, estados artificialmente induzidos, como no coma ou na criogenia, clones¹⁹ e organismos híbridos geneticamente modificados, enfim, seres artificiais que superam, localizada e parcialmente, as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos seres humanos. Tudo isso melhorou a vida dos habitantes dos grandes centros urbanos, mas também é inegável que trouxe algumas consequências não tão boas, como a possibilidade de tornar-se um doente refém de tratamentos experimentais prolongados, talvez revelados ao final inúteis para seu caso.

Esse tipo de consequência indesejada é narrada em *Ubik* sob duas perspectivas. No trecho a seguir, são perceptíveis as preocupações do personagem Sr. Glen Runciter com sua esposa meia-vida, chegando a se questionar se mantê-la em bolsa térmica é realmente melhor do que tê-la sepultado, como faziam os antigos.

Ella, linda, sua pele clara. Os olhos, na época em que se abriam, eram de um azul brilhante, luminoso. Isso não ocorreria novamente. Ele podia falar com ela e ouvir sua resposta. Podia comunicar-se com ela... mas nunca mais a veria de olhos abertos, nem a boca iria se mover. Ela não sorriria quando ele chegasse. Quando ele se fosse, não choraria. Isso vale a pena? Ele se perguntou. Isto é melhor do que o modo antigo, a estrada direta da vida plena para a sepultura? É verdade que ainda a tenho comigo, de certo modo, concluiu. A alternativa é nada. (DICK, 2009, p. 17).

Acima, está o olhar de um vivo sobre a meia-vida. A seguir, o empregado da

¹⁹ Em 2018, nasceram os primeiros primatas clonados por meio da mesma técnica que deu vida à ovelha Dolly. A pesquisa desenvolvida na China aumenta a possibilidade de clonar outras espécies de primatas, inclusive humanos.

Runcinter e Associados, Al Hammond, está em meia-vida e reflete sobre a deterioração que vem sofrendo, chegando a reclamar desse tipo de morte não natural.

[...] Deve ser uma manifestação da morte, disse a si mesmo. A incerteza que sinto, a desaceleração até a entropia, este é o processo, e o gelo que vejo é o resultado do êxito desse processo. Quando eu apagar, pensou, o universo todo desaparecerá. Mas e quanto às diversas luzes que eu deveria ver, as entradas para novos úteros? Onde, exatamente, está a luz vermelha e enfumaçada de casais copulando? E a luz opaca e tênue que representa a voracidade animal? Tudo o que consigo distinguir, pensou, é escuridão invasiva e perda de calor absoluta, uma planície que esfria, abandonada por seu sol.

Isto não pode ser a morte normal, ele disse a si mesmo. Isto não é natural. O impulso habitual de dissolução foi substituído por outro fator que lhe foi imposto, uma pressão forçada e arbitrária. (DICK, 2009, p. 135).

Diante desse tipo de situação, Jonas (2006, p. 58) questiona: “Quão desejável é isso? Quão desejável para o indivíduo e para a espécie?” São questões diretamente relacionadas ao posicionamento humano diante da morte e significado biológico entre morte e procriação. Indagações mais práticas, entretanto, se colocam adiante: Quem seriam os beneficiários de uma vida longa (ou quem sabe infinita)? Pessoas com capacidades e méritos especiais? Ou apenas aqueles que podem pagar por isso? Como ilustração, os processos de criogenia humana ou de animais domésticos são procedimentos de alto valor, restrito a pequena parcela da população mundial. Em *Ubik*, tornar-se um meia-vida e esperar pelo renascimento é algo bastante rentável: “Era um negócio lucrativo administrar um moratório.” (DICK, 2009, p.11).

Jonas (2006) lembra que mortalidade é simplesmente o outro lado da fonte duradoura da natalidade, ou seja, são dois eventos intricados. Repensando estes fatos, em sentido extremo, a extinção da morte culminaria com reflexos na procriação, pois esta é a resposta biológica àquela. Talvez o nascimento seja a sabedoria à morte, aquele evento irremediável e irreparável, oferecendo a promessa da novidade, da imediaticidade e do ardor da juventude. É esse intermitente recomeçar, obtido a partir do terminar, que pode ser a esperança da humanidade para não mergulhar no tédio, salvaguardando a espontaneidade da vida.

Ainda na concepção desse filósofo, considerando o momento da morte na vida de cada pessoa, talvez todos os humanos necessitem de um limite de expectativa de vida para que o passar dos dias possam fazer sentido. Afinal, como as pessoas seriam afetadas pelo fato de que o momento dessa morte possa ser prolongado indefinidamente, questiona. O personagem Joe Chip pensa parecido:

— A ONU deveria abolir a meia-vida – disse Joe. — Por interferir no processo natural do ciclo de nascimento e morte.

Debochado, Al Hammond disse:

— Se Deus aprovasse a meia-vida, cada um de nós nasceria num caixão cheio de gelo

seco. (DICK, 2009, p. 91).

Nessa perspectiva, é possível que escapar da morte – aquilo que pretendia ser um presente filantrópico da ciência aos humanos – se transforme em malefício a eles. O saber colocado a serviço da natureza não contou com a racionalidade e retidão que lhe seriam adequadas e, portanto, as proporções do seu êxito (econômico e biológico) tornaram-se uma ameaça catastrófica.

O êxito econômico multiplicou a produção de bens per capita em quantidade e variedade, reduzindo o dispêndio de trabalho humano, conduzindo a uma crescente elevação do bem-estar social para um número crescente de humanos e, conseqüentemente, a um involuntário aumento do consumo no interior do sistema. Enquanto isso, o êxito biológico, através do crescimento exponencial da população por todo o planeta, potencializou e acelerou o perigo. A ameaça de esgotamento dos recursos naturais coloca a natureza e os próprios humanos em risco catastrófico de proporções gigantescas, como aqueles discutidos no item 1.3 deste trabalho. Isto é, o poder do *Homo faber* é um risco existencial.

Diante desta perspectiva pessimista, Jonas (2006) afirma que a fórmula de Francis Bacon, em que o saber e poder estão atrelados, está ultrapassada, pois se contradiz internamente. Ou seja, o humano perdeu o controle sobre si mesmo, demonstrando sua incapacidade de proteger a natureza e a si de suas intervenções.

[...] Bacon não poderia imaginar um paradoxo desse tipo: o poder engendrado pelo saber conduziria efetivamente a algo como um “domínio” sobre a natureza (ou seja, à sua superutilização), mas ao mesmo tempo a uma completa subjugação a ele mesmo. O poder tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse. Torna-se necessário agora, a menos que seja a própria catástrofe que nos imponha um limite, um poder sobre o poder – a superação da impotência em relação à compulsão do poder que se nutre de si mesmo na medida de seu exercício. [...] (JONAS, 2006, p. 236-237).

Na era da técnica, o dever primal da coletividade humana é com o futuro da humanidade, incluindo o futuro da natureza, para Jonas (2006). Para ele, é impossível separar humanos e natureza, uma vez que os interesses daqueles coincidem com o resto da vida. A biosfera seria, em sentido sublime, pátria terrestre da humanidade. É possível tratar dessa obrigação sem um reducionismo antropocêntrico e o compromisso com a natureza constitui-se em uma responsabilidade metafísica. O filósofo esclarece sobre implicações éticas advindas desse “dever”.

Nascido do perigo, esse dever clama, sobretudo, por uma ética da preservação e a proteção, e não por uma ética do progresso e do aperfeiçoamento. Apesar da modéstia do seu objetivo, seu imperativo pode ser muito difícil de ser obedecido, e talvez exija mais sacrifícios do que todos aqueles que visavam a melhorar a sorte da espécie humana. (JONAS, 2006, p. 232).

Como exposto, depois que o poder da *techne* (habilidade, atividade, arte sobre a natureza) voltado para a natureza parecia infinito, esse poder saiu de controle dos humanos e trouxe consequências sobre os seus corpos. Observa-se também outra profunda transformação dos corpos humanos nas sociedades marcadas pelo consumismo. Trata-se da transformação do corpo em mercadoria e este é o assunto que encerra o capítulo.

3.3 A transformação dos corpos nas sociedades consumistas

Na maior parte da história moderna, ou seja, ao longo da era das enormes plantas industriais e dos exércitos constituídos pelo recrutamento em massa, a sociedade interpelava a maioria dos humanos do sexo masculino basicamente como produtores e soldados, e quase todos os humanos do sexo feminino como fornecedores de serviços. Bauman (2008b) enumera os principais padrões comportamentais treinados por esses membros, na expectativa de que fossem aprendidos e internalizados: a obediência às ordens e a conformidade às regras, a admissão da posição atribuída e sua aceitação como indiscutível, a tolerância a trabalhos perpetuamente pesados e submissão a uma rotina monótona, a disposição de adiar a satisfação e a aceitação resignada da ética do trabalho.

Assim, o corpo do potencial trabalhador ou soldado era o que havia de mais importante; seu espírito, ao contrário, devia ser silenciado e depois desativado, podendo ser posto de lado como algo sem consequências. A sociedade de produtores e soldados focava na administração dos corpos a fim de tornar a maior parte de seus membros apta a morar e agir em seu pretense habitat natural (a fábrica ou campo de batalha).

Bastante diferente da sociedade de produtores²⁰, a sociedade de consumidores²¹ concentra seu treinamento, assim como as pressões exercidas sobre seus membros desde a infância e ao longo de suas vidas, na administração do lado espiritual. A administração dos corpos é destinada à manipulação e supervisão individual do tipo faça você mesmo. Tal mudança de perspectiva se torna essencial para que os membros se ajustem para morar e atuar em seus novos habitats naturais, estruturados em torno dos *shoppings centers* em que as

20 Bauman (2008b) caracteriza a sociedade de produtores como um tipo de comunidade comprometida com a causa da segurança estável e da estabilidade segura, em que os principais desejos de seus membros são a apropriação e a posse de bens que garantam (ou pelo menos prometam) o conforto e o respeito.

21 Por sociedade de consumidores, Bauman (2008b) entende que se trata de uma rede peculiar de interações humanas, cujos principais componentes são os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo.

mercadorias são procuradas, encontradas e adquiridas, e nas ruas onde as mercadorias obtidas nas lojas são exibidas ao público para se estabelecer valor de mercado a seus portadores.

A passagem da sociedade de produtores para a de consumidores, conforme Bauman (2008b), é comumente apresentada como um processo gradual de emancipação dos indivíduos das condições originais de não escolha e depois de escolha limitada, de rotinas obrigatórias, de vínculos inegociáveis (preordenados e prescritos), de padrões comportamentais compulsórios e cenários estabelecidos. Resumidamente, essa transição é apresentada como o salto conclusivo do mundo das restrições e da falta de liberdade para a autonomia e autodomínio individuais. Frequentemente essa mudança é retratada como o triunfo final do direito individual à autoafirmação, uma soberania que tende a ser interpretada como o direito do indivíduo à liberdade de escolha. O *Homo eligens* é membro individual da sociedade de consumidores.

Outra versão, instigadora, contudo poucas vezes apresentada em público, mostraria a mesma passagem sob um olhar um pouco diferente.

[...] Em vez de ser um passo rumo à emancipação final do indivíduo em relação às múltiplas coerções externas, essa passagem pode se revelar como a conquista, a anexação e a colonização da vida pelo mercado de bens de consumo – sendo o significado mais profundo (ainda que reprimido e escondido) dessa conquista a elevação das leis escritas e não escritas do mercado à categoria de preceitos da vida; o tipo de preceito que só pode ser ignorado por conta e risco de quem quebra a norma, e tende a ser punido com a exclusão. (BAUMAN, 2008b, p. 82).

É comum se pensar que aquilo que os humanos lançados ao modo de vida consumista desejam e almejam é, primordialmente, a apropriação, a posse e a acumulação de objetos, valorizados pelo conforto e o respeito que proporcionam a seus proprietários. Entretanto, essa realidade fazia sentido na sociedade de produtores, uma sociedade baseada na prudência e na circulação a longo prazo, na durabilidade e na segurança durável. Mas o desejo humano de segurança e os sonhos de um Estado pouco instável não se ajustam a uma sociedade de consumidores, esclarece Bauman (2008b). No caminho que conduz a este novo modelo de sociedade, o desejo humano de estabilidade deve se transformar de principal ativo do sistema em seu maior risco, quem sabe até potencialmente fatal, uma causa de ruptura e mal funcionamento. Portanto, o consumismo, em profunda oposição às formas de vida precedentes, associa não tanto à satisfação de necessidades, mas a um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la.

Na crítica ao consumismo feita por PKD, o dono do Moratório Entes Queridos reflete sobre um serviço que acabara de pagar, mas não sabe se tinha real necessidade de tê-lo

realizado. As organizações de prudência, empresas que trabalham na preservação da privacidade das pessoas e de outras empresas, poderiam ser farsantes e, com o auxílio da publicidade, venderiam seus produtos sem os clientes precisarem de seus serviços.

É claro, Herbert pensou, refletindo, aceitei a palavra deles, de que um telepata entrou aqui. Eles me mostraram um gráfico que obtiveram, citando-o como prova. Talvez tenham falsificado, criado o gráfico em seus próprios laboratórios. E acreditei neles, quando disseram que o telepata havia ido embora. Ele veio, ele foi – e eu paguei dois mil pós-creds. As organizações de prudência poderiam ser, na verdade, fraudulentas? Alegam uma necessidade por seus serviços quando, às vezes, não existe nenhuma necessidade real? (DICK, 2009, p. 14).

Além do grande volume e vigor de desejos, é possível encontrar em descrições, na maioria das vezes, que o mundo formado e mantido pela sociedade de consumidores fica claramente dividido entre as coisas a serem escolhidas (mercadorias) e as que escolhem (consumidores). Entretanto, o que torna a sociedade de consumidores peculiar é exatamente por não ser nada assim. O que a torna diferente de outras formas de sociedade é o embaçamento e, em última instância, a extinção das divisões citadas acima.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A subjetividade do sujeito, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias. (BAUMAN, 2008b, p. 20).

Numa sociedade de consumidores, marcada pela revolução na área da tecnologia e informática, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é o combustível que multiplica os sonhos. Na era dos relacionamentos virtuais, a invisibilidade poderia ser comparada à própria morte do indivíduo. O principal objetivo do consumo na sociedade de consumidores, embora seja raramente debatido em público, não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades de seus membros, mas a comodificação ou recomodificação deles mesmos (transformação perpétua dos consumidores ao status de mercadorias vendáveis). Em uma sociedade remodelada à semelhança do mercado, passar no teste do consumidor é condição inegociável para sua admissão e pré-requisito de todas as relações contratuais que tecem a rede de relacionamentos da chamada sociedade de consumidores.

A passagem seguinte de *Ubik* é um exemplo de como o corpo humano é transformado em objeto da técnica e mercadoria (encontra-se em escaninho), assim como também fica claro o aumento da quantidade e intensidade dos desejos do Sr. Glen Runcinter. Desde que pague mais dinheiro ao dono do Moratório Entes Queridos, a insatisfação do

consumidor Glen Runciter pode ser momentaneamente solvida, ao conservar em condições mais confortáveis sua esposa meia-vida.

— E a noite – interrompeu Runciter – já chegou. – Pelo menos para Ella. E talvez para ele mesmo, se os TPS, paracínéticos, precogs, ressuscitadores e animadores desaparecidos não forem encontrados. Ele não só havia perdido Ella, perdera seu conselho, uma vez que Jory a suplantara antes que ela pudesse dá-lo.

— Quando a colocarmos de volta no escaninho, não a deixaremos perto de Jory novamente. Na verdade, se o senhor for favorável a pagar uma taxa um pouco maior por mês, poderemos colocá-la numa câmara isolada de primeira qualidade, com paredes revestidas e reforçadas com Teflon-26, de modo a inibir a infusão heteropsíquica por parte de Jory, ou de qualquer outra pessoa. (DICK, 2009, p. 23).

A sociedade de consumo é próspera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros. A maneira eficaz de atingir tal feito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo dos desejos dos consumidores. Outro modo de fazer o mesmo, e com maior eficácia, assim como no trecho de *Ubik* supracitado, é a satisfação de cada necessidade/desejo de tal maneira que eles só podem dar origem a necessidades/desejos ainda mais novos. Ella já se encontra no Moratório mais caro e mais equipado de que se tem conhecimento, localizado na Suíça, e ainda assim o que parece começar como um esforço para satisfazer uma necessidade (conservar seu corpo para o prolongamento da vida e ressurreição) acaba por se transformar em compulsão ou vício de seu esposo.

A partir dessas considerações, é possível traçar uma comparação entre o fetichismo característico da sociedade de produtores e o que se encontra presente nas sociedades marcadas pelo consumismo²².

Escrevendo de dentro da nascente sociedade de produtores, Karl Marx, em 1867, quando da publicação do primeiro livro de *Das Kapital*, censurou os economistas da época pela ilusão do fetichismo da mercadoria. Trata-se do hábito de ignorar ou esconder a interação humana por trás das mercadorias. É como um engano que se apodera dos humanos quando se fascinam por uma mercadoria, como se esta, desvinculada do trabalho humano, travasse relações com outras. Bauman (2008b, p. 22) afirma que a descoberta da compra e venda da capacidade de trabalho como a essência das relações industriais ocultas, no fenômeno da circulação de mercadorias, foi revolucionária e Marx defendia ser: “[...] um primeiro passo

22 O consumismo pode ser entendido como um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, nas palavras de Bauman (2008b), transformados na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que desempenha ao mesmo tempo um papel vital nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.

rumo à restauração da substância humana na realidade cada vez mais desumanizada da exploração capitalista”. Para Marx (2012) o fetichismo é inseparável da produção de mercadorias, entendidas como produtos da mão humana.

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos. (MARX, 2012, p. 94).

Se, na sociedade de produtores, foi o fetichismo da mercadoria que ocultou das vistas a substância demasiado humana dos produtos do trabalho, é função do fetichismo da subjetividade, na sociedade de consumidores, ocultar a realidade demasiado commodificada.

Conforme Bauman (2008b), em se tratando da mercadoria na sociedade de produtores, foi o ato de comprar e vender a capacidade de trabalho que, ao atribuí-la de um valor de mercado, transformou o produto do trabalho numa mercadoria, de uma forma não visível na aparência de uma interação autônoma de mercadorias. No caso da subjetividade na sociedade de consumidores, prevalece a compra e venda dos símbolos empregados na construção da identidade, a serem eliminados da aparência do produto final.

A subjetividade dos consumidores é feita de opções de compra (opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores) e sua descrição adquire a forma de uma lista de compras. O que se supõe ser a materialização da verdade interior do *self* (personalidade, em tradução livre) é uma idealização dos traços materiais objetificados das escolhas do consumidor. A expressão supostamente pública do *self* coloca a representação no lugar daquilo que ela deveria representar.

O fetichismo da subjetividade, assim como o fetichismo da mercadoria, baseia-se numa inverdade, e assim é pela mesma razão de seu predecessor – ainda que as duas variedades de fetichismo centralizem duas operações encobertas em lados opostos da dialética sujeito-objeto entranhada na condição existencial humana. Na sociedade de consumidores, a dualidade sujeito-objeto tende a ser incluída sob a dualidade consumidor-mercadoria. Nas relações humanas, a soberania do sujeito é, portanto, reclassificada e representada como a soberania do consumidor – enquanto a resistência ao objeto, derivada de sua soberania não inteiramente suprimida, ainda que rudimentarmente, é oferecida à percepção como a inadequação, inconsistência ou imperfeição de uma mercadoria mal escolhida.

A soberania do consumidor, entretanto, está atrelada a um tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação.

Por conta de seu consumismo, o personagem Joe Chip, vive em aflição por toda a narrativa de *Ubik*. Acumulando dívidas, Joe nunca tem dinheiro para pagar uma porta ou cafeteira. Aliás, até evita abrir a porta de seu condapto com receio de ser algum cobrador. Todo esse desleixo com as finanças continua mesmo após a passagem de sua vida para a meia-vida. “— Sabe quem me deu aquele pós-cred? Pat Conley. E, na mesma hora, fiz o que sempre faço com dinheiro. Torrei em qualquer coisa. Com uma xícara de café do ano passado. [...]” (DICK, 2009, p. 95). Ele também não tem dinheiro para pagar o frete da nave que fez seu transporte: “Joe disse: — Faça um cheque para a nave. Ela está no terraço. Não tenho dinheiro suficiente para pagar.” (DICK, 2009, p. 122). E, claro, Joe não tem dinheiro para comprar *Ubik* e manter sua meia-vida por longo tempo. Ella Runcinter oferece, então, um voucher dos fabricantes de *Ubik* para que ele possa usufruí-lo gratuitamente: “[...] — É uma garantia, senhor Chip, de fornecimento gratuito, para a vida toda. Gratuito porque sei de seu problema com dinheiro, sua, digamos, idiossincrasia. E uma lista, no verso, de todas as farmácias que o têm no estoque. [...]” (DICK, 2009, p. 227).

Entretanto, o braço direito do dono da Runcinter e Associados também é bem pago pelos seus serviços. Todos os seus problemas com as finanças advêm da sua compulsão em gastar.

G.G. Ashwood disse:

— Joe recebe um horror de dinheiro. A firma não poderia operar sem ele. — Estendeu a mão e pegou um cigarro do maço que estava em cima da mesa.

— Devolve – disse Joe Chip. — Já estou quase sem, e usei o resto do meu último selo verde de ração no café.

— Eu paguei a porta – observou G.G. E ofereceu o maço para a garota. — Joe gosta de fazer cena, não liga. Tipo, olha como ele deixa o condapto. Mostra como é criativo. Todos os gênios vivem assim. Cadê seu equipamento de teste, Joe? Estamos perdendo tempo. (DICK, 2009, p. 32).

Em *Ubik*, todos os capítulos se iniciam com anúncios publicitários, que podem ser interpretados como uma crítica de seu autor²³ à promoção e reforço de um estilo de vida e

23 Quando escreveu esse livro, PKD retomava a habilidade que adquirira no fim dos anos 1940. Naquela época, ele havia redescoberto seu interesse na escrita, não de contos e poemas, mas de textos publicitários para

estratégia existencial consumista. Harvey (2014) afirma que a construção de novos sistemas de signos e imagens constitui um aspecto importante da condição pós-moderna. Desse modo, a publicidade e as imagens da mídia passaram a ter um papel muito mais integrador nas práticas culturais, tendo assumido uma posição muito mais privilegiada na dinâmica de crescimento do capitalismo. Além disso, a publicidade já não parte da ideia de informar ou promover determinado produto, concentrando-se cada vez mais na manipulação dos desejos e gostos mediante imagens que podem ou não ter relação explícita com o produto a ser vendido. “Se privássemos a propaganda moderna da referência direta ao dinheiro, sexo e ao poder, pouco restaria.” (HARVEY, 2014, p. 260).

“Novo e extraordinário molho de salada Ubik. O sabor especial não é nem italiano nem francês, mas inteiramente novo e diferente, e está despertando o mundo. Desperte para Ubik e seja extraordinário! Seguro, se consumido conforme instruções.” (DICK, 2009, p. 42). Este anúncio publicitário abre o capítulo 4 de *Ubik* e, aqui, fica evidente a ideia de descartabilidade e manipulação de desejos na sociedade consumista descrita no romance, com a utilização dos termos “inteiramente novo e diferente” e “seja extraordinário”.

Nesse ponto da discussão, pode-se fazer um paralelo com o tema discutido na seção anterior deste capítulo. Enquanto Jonas (2006) afirma que a técnica se transformou no empreendimento mais importante dos humanos e que se sente tentado a crer que este feito seria uma vocação da humanidade, Bauman (2008b) aponta que o consumo precisa ser a própria vocação dos habitantes das sociedades de consumidores. Nesse tipo de sociedade, o consumo é visto, concomitantemente, como um direito e um dever humanos universais que não conhece exceção. A vocação consumista se baseia, como já dito, nos desempenhos individuais, cabendo ao mercado disponibilizar os serviços que podem ser necessários para permitir que estes desempenhos tenham fluidez. Consumidores são influenciados de todos os lados por sugestões de que precisam se equiparar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam, desempenhar suas obrigações sociais e proteger a autoestima. Resta aos consumidores que não respondem com prontidão a esses apelos, independentemente do gênero, idade e posição social o sentimento de inadequação e deficiência.

É a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que torna os humanos autênticos

ajudar no trabalho dos locutores da estação FM local, a KSMO, em San Mateo, na área da baía de São Francisco. Um dos programas dessa estação era patrocinado pelo seu chefe, Herb Hollis, que também fornecia os discos para a rádio.

membros da sociedade de consumidores. O mais poderoso motivo de preocupação do consumidor precisa ser o tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável perpetuamente, mesmo que em geral este processo quase nunca seja consciente. É por seu poder de aumentar o preço de mercado do consumidor que se costuma avaliar a atratividade dos bens de consumo, os atuais ou potenciais objetos de desejo dos consumidores que desencadeiam as ações de consumo. O fazer de si mesmo ininterruptamente, não apenas tornar-se, é o desafio e a tarefa a ser cumprida.

Ser membro da sociedade de consumidores é uma tarefa interminável e difícil de ser cumprida. Bauman (2008b) adverte que o medo de não conseguir conformar-se foi posto de lado pelo medo da inadequação, mas nem por isso se tornou menos apavorante. Os mercados de consumo são experientes em tirar vantagem desse medo, e as empresas que produzem bens de consumo competem pelo *status* de guia e auxiliar mais confiável no esforço interminável de seus clientes para enfrentar esse desafio, fornecendo os instrumentos exigidos pelo trabalho individual de autofabricação. Chama-se atenção para o corpo de Glen Runciter (ver citação no item 2.2), que também serve de exemplo de mercadoria comodificada e recomodificada, algo com alto valor de mercado, um ser que já passou dos noventa anos, mas cuja idade é impossível de se precisar, devido sua aparência bem mais jovem.

Além do fetichismo da subjetividade, com os processos de comodificação e recomodificação do próprio consumidor, *Ubik* oferece também aos seus leitores um retrato da recomodificação do mercado de trabalho. O trecho seguinte revela as condições em que o empresário Glen Runciter pretende contratar mais uma funcionária, a personagem Pat Conley.

— Ela está pronta para trabalhar? Ou é o caso de termos que treinar, trabalhar e esperar? [...] — Especifique que podemos demitir essa pessoa sem aviso prévio, sem indenização ou qualquer tipo de compensação. Ela também não terá o direito, nos primeiros noventa dias, a pensão, plano de saúde ou auxílio doença. — Para Pat, disse: — O salário inicial, em todos os casos, é de quatrocentos creds por mês, contando com vinte horas semanais. E você terá que se associar a um sindicato. O Sindicato dos Trabalhadores em Mineração, Siderurgia e Fundição. Foram eles que registraram todos os funcionários de organização de prudência há três anos. Não tenho nenhum controle sobre isso. (DICK, 2009, p. 53-54).

Como se observa a recomodificação do trabalho é gerenciada pela figura do patrão (mercado), o qual deixa claro que a futura empregada ficará excluída do direito à pensão, plano de saúde e auxílio-doença por três meses. Ironicamente, o Sr. Runciter solicita que Pat se filie a um sindicato, porém o que mais chama atenção é que se trata de um sindicato que nada tem a ver com o seu ramo de negócio. Ou seja, os mecanismos de barganha coletiva e proteção do emprego são frágeis e o chefe ainda desdenha dessa situação ao afirmar que não tem nenhum controle sobre isso.

A velocidade e o ritmo acelerado dos processos simultâneos de desregulamentação e privatização contínuas, profundas e aparentemente irreversíveis, tanto do capital como do trabalho, foram e continuam a ser desarmônicos. Bauman (2008b) acredita, que, na maioria dos países, eles parecem muito menos radicais no caso do trabalho do que até agora o foram em relação ao capital, cujos novos empreendimentos continuam a ser estimulados, comumente, pelos cofres governamentais numa escala crescente e não reduzida. Acrescenta-se que a capacidade e a disposição do capital para comprar trabalho continuam sendo reforçadas com regularidade pelo Estado, que faz o possível para manter baixo o custo da mão de obra mediante o desmantelamento dos mecanismos de barganha coletiva e proteção do emprego, e pela imposição de freios jurídicos às ações defensivas dos sindicatos – algo observável no contexto brasileiro, com a aprovação, em 2017, de modificações em mais de cem pontos da Consolidação das Leis Trabalhistas. O Estado frequentemente mantém a solvência das empresas usando a seguinte fórmula: taxa as importações, oferece incentivos fiscais para exportações e subsidia os dividendos dos acionistas por meio de comissões governamentais pagas com dinheiro público.

Enquanto isso, a recomodificação do trabalho em sua forma nova e atualizada é singularmente imprópria para ser aprendida a partir da pesada burocracia governamental, marcada, pelo menos em sua forma clássica, pela tradição, resistente à mudança e simpática às rotinas. Nas sociedades consumidoras, essa burocracia é particularmente imprópria para cultivá-la, ensiná-la e inculcá-la. Esse trabalho é melhor executado pelos mercados de consumo, já conhecidos por sua perícia em treinar seus clientes em artes similares e por prosperarem a partir disso. Desta maneira transfere-se para o mercado a tarefa de recomodificar o trabalho, significando a conversão do Estado ao culto da desregulamentação e da privatização.

Apesar dessa realidade, que inclui recomodificação do humano, do trabalho e do capital, o valor supremo da sociedade de consumidores, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. É provável que a sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada agora sucessivo. Também é a única sociedade que evita justificar e legitimar qualquer espécie de infelicidade (exceto a dor sofrida pelos transgressores das leis como justa recompensa por seus crimes), que se recusa a tolerá-la e a apresenta como uma abominação que merece sanção e compensação.

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, equiparando velho e defasado, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de

lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o apego e esquecimento de um desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de frustrações que ele possa originar. A sociedade de consumidores é inviável sem uma florescente indústria de remoção do lixo.

Em *Ubik*, o corpo humano, agora transformado em mercadoria, depois que passa do prazo de validade é sumariamente descartado. Enfim, quando finalmente o corpo de um meia-vida chega ao fim, sem possibilidade de renascer, ele perde o *status* de uma mercadoria lucrativa.

Um caminhão apareceu na plataforma de carregamento nos fundos do moratório. Dois homens saíram usando os familiares uniformes azuis-claros. Atlas Interplan Entrega e Estoque, Hebert notou. Entregando mais um meia-vida que acabara de falecer, ou chegando para buscar um que passara de validade. Sem pressa, pôs-se na direção deles, para supervisionar. (DICK, 2009, p. 11).

O argumento apresentado pelo consumo crescente ao pleitear o status de meio para maior felicidade de um número cada vez maior de pessoas ainda não foi comprovado, muito menos conclusivo, adverte Bauman (2008b). Para ele, à medida que os fatos relevantes são estudados, as evidências em favor da sociedade de consumidores se tornam mais dúbias e pouco numerosas. Com o aprofundamento das análises, as evidências em contrário, indicando fortemente que, em oposição às alegações da sociedade de consumidores, uma economia orientada para o consumo exacerbado promove ativamente a deslealdade, solapa a confiança e aprofunda o sentimento de insegurança, tornando-se ela própria uma fonte do medo que promete curar ou dispersar.

A vida do consumidor, marcada por uma pressão constante para que seja alguém mais valorizado e reconhecido, deve estar em movimento ininterrupto. Ao contrário de uma vida feliz, a transformação dos humanos em mercadoria é marcada pela insegurança e medo. O *Homo consumens*, neste sentido, corre o risco de ser excluído e descartado desse tipo de sociedade se não se adequar a suas regras. Todas as coerções, disfarçadas de privilégios oriundos da “liberdade”, para se mudar de identidade, desvalorizar o passado e procurar novos começos são deveres que podem se tornar um fardo insustentável.

4 O RISCO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM *UBIK*

Nesta parte final do trabalho, a atenção está voltada para os conflitos entre o personagem Joe Chip e as máquinas. Os atritos entre o empregado da Runciter e Associados acontecem com objetos comuns de uma residência, como portas, cafeteiras ou máquinas de homeojornais (algo que se aproximaria dos atuais *tablets*), porém eles têm a capacidade de pensamento e linguagem semelhante à humana. Em uma primeira etapa, o cerne são as dificuldades que Joe tem com o sistema capitalista e como as máquinas funcionam como coadjuvantes dessa realidade. Em seguida, as investigações estão empenhadas em analisar o modo pelo qual a Inteligência Artificial se caracteriza como um risco catastrófico existencial. Recorre-se novamente a Bauman (2010), importante teórico da modernidade tardia, ao professor Teixeira (2014; 2015), ao filósofo Bostrom (2016) e ao pesquisador em Inteligência Artificial Yudkowsky (2008).

4.1 A crítica ao sistema capitalista

Em *Ubik*, além das personagens humanas, a trama se desenrola com a participação de máquinas dotadas de Inteligência Artificial²⁴. As relações entre estas últimas e os humanos, em geral, são conflituosas, revelando o lado pessimista das distopias. Algumas das situações narradas chamam atenção para o fato do personagem Joe Chip encontrar-se sempre em desvantagem quando necessita do auxílio de algum objeto inteligente ao seu redor. Antes de analisar alguns trechos da obra, serão vistas, brevemente, algumas noções relacionadas ao conceito e evolução da Inteligência Artificial.

PKD escreveu sua obra pensando em máquinas que possuem o mesmo poder de raciocínio que os humanos. Para o professor Teixeira (2014), os pesquisadores atuais ainda buscam atingir poder análogo ao das máquinas descritas na obra, ou seja, a eficiência computacional do cérebro humano. Numa etapa posterior, os cientistas pretendem superar o próprio cérebro humano, através de mistura das máquinas com a raça humana. O cenário pode ser o da inexistência de uma linha divisória nítida entre robôs e humanos. Os humanos serão os próprios robôs desenvolvidos, o que permitirá à Inteligência Artificial superar a natural.

24 Para Teixeira (2014, p.7), “a inteligência artificial é uma tecnologia que fica a meio caminho entre a ciência e a arte. Seu objetivo é construir máquinas que, ao resolver problemas, pareçam pensar. [...]”

Desenvolver *hardwares* capazes de entender uma língua natural e ter senso comum tornou-se uma tarefa muito difícil para os cientistas, pois resolver essas questões equivale essencialmente à construção de máquinas com o mesmo nível de inteligência dos humanos.

[...] It is now often thought that achieving a fully human-level performance on these tasks is an “AI-complete” problem, meaning that the difficulty of solving these problems is essentially equivalent to the difficulty of building generally human-level intelligent machines. In other words, if somebody were to succeed in creating an AI that could understand natural language as well as human adult, they would in all likelihood also either already have succeed in creating an AI that could do everything else that human intelligence can do, or they would be but a very short step from such a general capability. (BOSTROM, 2016, p. 17)

Entretanto, a conquista da primeira etapa desta evolução, ou seja, o desenvolvimento de máquinas com o mesmo nível do cérebro humano depende do aumento de poder dos computadores atuais, tornando-os mais velozes e com maior capacidade de memória.

Ubik já prenunciava que o desenvolvimento de novas tecnologias para a construção de *hardwares* tão sofisticados seria possível em um futuro não muito distante. Já estão sendo desenvolvidos dois modos de aumentar da velocidade dos computadores, aponta Teixeira (2014). Uma delas é o computador de DNA, o material que compõe os genes humanos, ou seja, moléculas que podem transportar uma imensa quantidade de informação genética. Trata-se de dados necessários para a organização e o funcionamento das células vivas e também para o controle da forma pela qual as características genéticas são herdadas de uma geração a outra. O inventor desse tipo de computador, Gerald Adelman, partiu da ideia de que o DNA se parece com o HD de um computador, pois ambos estocam muita informação permanentemente. Outra semelhança, além do DNA poder transportar enorme quantidade de informação, é sua capacidade de fazer cálculos muito mais rapidamente do que qualquer supercomputador atualmente conhecido.

A outra alternativa para o aumento da velocidade computacional é o desenvolvimento do computador quântico. A computação quântica é um novo campo da ciência da computação que deriva da mecânica quântica. Nos atuais computadores, o *bit* ou dígito binário é a unidade básica de informação. Um dígito binário é um *0* ou um *1*, e todos os números são compostos de cadeias de zeros e uns. O *bit* usado nos computadores de hoje só pode estar em um desses estados. Enquanto que nos computadores quânticos, a unidade de informação será o *bit quântico* ou o *qubit*, que poderá estar em ambos os estados ao mesmo tempo. Uma partícula subatômica pode estar em vários estados diferentes simultaneamente para vários observadores dependendo de quando se mede seu “momento” (o produto de sua massa pela sua aceleração). Como a partícula subatômica pode estar em estados diferentes simultaneamente,

uma combinação de *qubits* transporta muito mais dados do que a mesma quantidade de bits. Na medida em que muitos processamentos ocorrem simultaneamente, o computador quântico pode executar uma vasta quantidade de operações em paralelo, o que aumenta muito sua velocidade.

Após as explicações de que máquinas tão inteligentes, como descritas de PKD, estejam mais próximas de se tornarem realidade do que se possa imaginar, a análise é direcionada aos conflitos entre Joe Chip e as máquinas, sobretudo no campo financeiro, em *Ubik*.

Contemporaneamente, consoante discutido no item 2.3 dessa dissertação, grande parte da população mundial vive em um contexto exitosamente transformado, passando de uma sociedade de produtores (com a maior parte dos lucros provindo da exploração do trabalho assalariado) para uma sociedade de consumidores (sendo os lucros oriundos da exploração dos desejos de consumo). O pensamento empresarial predominante concentra esforços para evitar, a qualquer custo, que as necessidades sejam satisfeitas e ampliar novas necessidades que clamem por satisfação e novos consumidores em potencial, induzidos à ação por essas necessidades. Bauman (2010, p. 28) sintetiza: “[...] há uma filosofia de afirmar que a função da oferta é criar demanda.” Essa convicção se aplica a todos os produtos, desde os produzidos em fábricas aos disponibilizados por sociedades financeiras. No que diz respeito à cultura dos negócios, os empréstimos não são exceção, uma vez que a oferta de empréstimos deve criar e ampliar a necessidade de novos empréstimos.

A crítica ao capitalismo e ao consumismo feita por PKD é nítida em *Ubik*. Por administrar mal suas finanças e viver endividado, o personagem Joe Chip é hostilizado pelas máquinas pensantes da narrativa, como no excerto abaixo.

O constructo de campainha da porta do condapto fez um som estridente. Assustado, Joe Chip ergueu a cabeça, viu que o cigarro estava quase queimando a superfície de fórmica da mesa de neoteca, resolveu isso e depois, com a visão embaçada, foi arrastando os pés até o tubo acústico convenientemente montado ao lado da trava da porta.

— Quem é? – resmungou. Verificou em seu relógio de pulso que ainda não eram oito horas. Provavelmente o robô do aluguel, concluiu. Ou um credor. Não destravou a porta. (DICK, 2009, p.27).

No trecho acima, Joe está assustado com o barulho da campainha. Ele teme que, àquela hora da manhã, esteja, à sua porta, um robô que veio lhe cobrar o aluguel ou um credor qualquer. Mesmo após descobrir quem chegou a sua residência, Joe se desespera por conta da bagunça. Fazia duas semanas que o lugar não passava por limpeza, pois os pagamentos aos robôs que realizam esse trabalho estavam em atraso.

— Você vai gostar dela – G. G. Ashwood afirmou, energético. — Apesar de, como costuma acontecer, ela ser filha de um...

— Ela? – Alarmado, Joe disse: — Meu apartamento não está em condições de ser visto. Estou atrasado com os pagamentos dos robôs da limpeza. Faz duas semanas que eles não entram aqui. (DICK, 2009, p.28).

O personagem Joe Chip pode ser interpretado como o hospedeiro de um sistema parasitário, nomenclatura utilizada por Bauman (2010) para caracterizar o capitalismo. Assim sendo, esse sistema econômico pode prosperar por um tempo relativo, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça subsídios. Acontece que o capitalismo sempre prejudica o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência.

Bauman (2010) defende que a força do capitalismo está na extraordinária engenhosidade com que esse sistema busca e encontra novas espécies hospedeiras sempre que as espécies anteriormente exploradas se tornam raras ou desaparecem. Ele também destaca a rapidez e dinâmica, dignos de um vírus, com que o capitalismo se adapta às particularidades de seus novos campos de atuação.

Joe Chip, enquanto ser explorado pelo capitalismo, chegou à situação de não ter mais seu nome autorizado a portar um cartão de crédito. Aliás, a introdução dos cartões de crédito foi um sinal do que viria a ser uma mudança na forma de consumo entre as sociedades de produtores para a sociedade de consumidores.

Esperou um casal que estava saindo passar por ele; espremeu-se rente à porta e foi sentar num banco vazio. Encurvado, dedos entrelaçados sobre o balcão, leu o cardápio.

— Café.

— Creme ou açúcar? – O alto-falante da torre mônada dominante perguntou.

— Os dois.

A janelinha se abriu. Uma xícara de café, dois pacotes minúsculos de açúcar envolvidos em papel e um recipiente de creme que lembrava um tubo de ensaio deslizaram para a frente e foram parar diante dele no balcão.

— Um pós-cred internacional, por favor – disse o alto-falante.

Joe disse:

— Coloque na conta de Glen Runciter da Runciter e Associados, Nova York.

— Insira o cartão de crédito apropriado – disse o alto-falante.

— Não me deixam carregar um cartão de crédito há cinco anos – disse Joe. — Ainda estou acabando de pagar o que gastei lá em...

— Um pós-cred, por favor – disse o alto-falante. E começou um tique-taque agourento.

— Ou, em dez segundos, vou comunicar à polícia.

Ele passou o pós-cred. O tique-taque parou. (DICK, 2009, p. 93).

Há cinco anos sem portar um cartão de crédito, Joe se revolta com a máquina, uma torre mônada dominante que ameaça chamar a polícia, caso ele não efetue o pagamento

imediatamente. Quando *Ubik* foi publicado, em 1969, os cartões de crédito estavam com menos de vinte anos de existência nos Estados Unidos. *Diners' Club* criou o primeiro cartão de crédito universal que pode ser usado em grande variedade de estabelecimentos em 1950. Oito anos mais tarde, a *American Express* criou outro cartão deste tipo, que ficou conhecido como cartão de entretenimento e viagem. Bauman (2010), atenta para o slogan exaustivo e extremamente sedutor dos primeiros cartões: “Não adie a realização do seu desejo”. Antes da popularização dos cartões de crédito, era preciso adiar a satisfação e esse adiamento, conforme Weber²⁵, foi o princípio que tornou possível o advento do capitalismo moderno. A prática comum era privar-se de certas alegrias, gastar com prudência e moderação, colocar o dinheiro economizado na caderneta de poupança e ter paciência para conseguir acumular o suficiente para transformar os sonhos em realidade.

Graças a Deus e à benevolência dos bancos, isso já acabou! Com um cartão de crédito, é possível inverter a ordem dos fatores: desfrute agora e pague depois! Com o cartão de crédito você está livre para administrar sua satisfação, para obter as coisas quando desejar, não quando ganhar o suficiente para obtê-las. (BAUMAN, 2010, p. 29).

Esta era a promessa, só que ela incluía, conforme Bauman (2010), uma cláusula difícil de decifrar, depois de um momento de ponderação. Tudo o que poderia ser adiado se transforma no agora, isto é, os empréstimos terão que ser pagos e o pagamento deles, contraídos para encurtar a espera do desejo e atender prontamente as antigas e novas aspirações, tornará ainda mais difícil satisfazer novas cobiças.

O pagamento de empréstimos afasta a espera do desejo e o pronto atendimento de desejos atuais torna ainda mais difícil satisfazer seus desejos futuros. Joe Chip não pensou no que estava por vir e acumulou problemas. Bauman (2010, p. 29) alerta que “quem não se preocupa com o futuro, faz isso por sua própria conta e risco.” Provavelmente o preço a ser pago é alto e inclui juros. Antes do que se possa imaginar, descobre-se que a desagradável frugalidade da satisfação fora substituída por um curto adiamento da punição, que será realmente terrível por conta da pressa. Além de evitar ver quem toca a campainha, temendo ser algum cobrador, Joe chega ao ponto de ter seu direito de liberdade tolhido por falta de pagamento às portas e ainda recorre a Deus para que sua geladeira abra a porta sem que ele tenha que pagá-la.

— Você é um pequeno burocrata ineficaz e endividado que não consegue sequer juntar moedas suficientes para pagar a porta para deixá-lo sair do seu condapto. — O tom, neutro, porém devastador, ressoou nos ouvidos dele. Ele se sentiu endurecer, estremecer e ruborizar violentamente.

25 Max Weber já foi citado no primeiro capítulo deste trabalho, quando se discutiu o lado pessimista da modernidade.

— Este é um momento ruim. Vou me recuperar financeiramente em pouco tempo. Posso conseguir um empréstimo. Da firma, se necessário. — Ele se levantou sem firmeza, pegou duas xícaras e dois pires, colocou o café da cafeteira. — Açúcar? Leite?

— Leite — disse Pat, ainda de pé, descalça, sem a blusa.

Ele pôs a mão na maçaneta da geladeira para pegar uma caixa de leite.

— Dez centavos, por favor — disse a geladeira. — Cinco centavos para abrir minha porta, cinco centavos pelo leite integral.

— Não é leite integral — ele disse. — É desnatado. — Ele continuou a puxar, em vão, a porta da geladeira. — Só desta vez. Juro por Deus que te pago depois. Hoje à noite. (DICK, 2009, p. 39-40).

PKD é sarcástico, ao desenrolar sua narrativa, em que o mundo tecnológico de 1992 passa a retroceder a partir da explosão em Luna. Joe comemora: “[...] a cafeteira era a que tinha mudado menos. Na verdade, havia melhorado, sob um aspecto: não tinha entrada para moedas, funcionando, obviamente, de forma gratuita. [...] (DICK, 2009, p. 148).” Entretanto, por mais que os objetos inteligentes passassem por processo de deterioração, as cobranças e as consequências do crédito fácil para Joe nunca se alteram.

— Cinco centavos, por favor — sua porta disse, quando tentou abri-la. Uma coisa, em todo caso, não havia mudado. A porta com pedágio possuía uma teimosia inata. Ela provavelmente resistiria além de qualquer coisa. Depois que tudo, exceto ela, já tivesse regredido há muito tempo, talvez em toda a cidade... senão em todo o mundo. (DICK, 2009, p. 153).

Por mais nocivo que este resultado possa parecer, outras coisas surgem no caminho curto entre desejo e sua realização imediata nas sociedades consumistas. Para evitar que o efeito dos cartões de crédito e do crédito fácil se reduza a um lucro que o emprestador só realiza uma vez com cada cliente, a dívida contraída acabou sendo transformada uma fonte lucrativa perpetuamente.

Primeiramente, se a pessoa devedora não puder nem precisa tentar pagar sua dívida, pois a ausência de débitos não é o estado ideal para os bancos. Em segundo lugar, ao contrário dos emprestadores insensíveis de antigamente, ansiosos para reaver seu dinheiro em prazos prefixados e não renováveis, os modernos e generosos credores, não querem ter dinheiro de volta em pouco tempo. De outro modo, eles oferecem mais crédito para que seus clientes paguem a dívida antiga e ainda fiquem com algum dinheiro extra (ou seja, alguma dívida extra) a fim de desfrutar de novos prazeres.

Bauman (2010) afirma que nenhuma publicidade expõe abertamente que os bancos credores realmente não querem que seus devedores paguem suas dívidas dentro dos prazos estabelecidos. Caso os clientes paguem com diligência os seus débitos, eles não serão mais devedores. E são justamente os débitos, os juros cobrados mensalmente, que os credores modernos e generosos resolveram e conseguiram transformar na principal fonte de lucros

constantes. O cliente que paga em dia o dinheiro que pediu emprestado é o tormento dos credores.

As pessoas que se recusam a gastar um dinheiro que ainda não ganharam, abstenendo-se de pedi-lo emprestado, não têm utilidade alguma para os emprestadores, assim como as pessoas que (levadas pela prudência ou por uma honra hoje fora de moda) se esforçam para pagar seus débitos nos prazos estabelecidos. Para garantir seu lucro, assim como o de seus acionistas, bancos e empresas de cartões de crédito contam mais com o “serviço” continuado das dívidas do que com seu pronto pagamento. Para eles, o “devedor ideal” é aquele que jamais paga integralmente suas dívidas. (BAUMAN, 2010, p. 30)

Desta forma, o consumidor mais frugal, as pessoas que não possuem nenhum cartão de crédito e ainda guardam alguma economia todo final de mês na caderneta de poupança são vistos como um desafio para as artes do marketing bancário. Uma vez fisingadas por esses agentes, não se pode mais permitir que eles escapem, que entrem em modo *stand by*. Quem quiser quitar inteiramente seus débitos antes do prazo deve pagar pesados encargos por esta falta.

De maneira concisa, pode-se dizer que a atual oferta do crédito não é resultado indesejado pelos bancos. Muito pelo contrário, é resultado, plenamente previsível, embora não completamente previsto, de seu enorme sucesso, ao transformar uma enorme massa de homens, mulheres, velhos e jovens numa raça de devedores, afirma Bauman (2010). As metas são alcançadas quando se cria eternamente uma raça de devedores e a autoperpetuação do estar endividado, à medida que se contrai mais dívidas, passa a ser visto como o único instrumento verdadeiro de salvação das dívidas já contraídas.

Joe Chip se encaixa nas características dessa raça de devedores e sua reputação não é das melhores, tanto entre as personagens humanas quanto entre as máquinas dotadas de Inteligência Artificial. Talvez inspirado em experiências próprias²⁶ e na observação da sociedade estadunidense de sua época, PKD o tenha criado. Como já explanado no segundo capítulo deste trabalho, *Ubik* traz um anúncio publicitário na abertura de cada capítulo. A criação publicitária a seguir possui alguns dos elementos até aqui discutidos, tais como o crédito fácil, a “dor de ser um devedor” e também o fato de que qualquer um pode contrair um empréstimo para pagar dívidas antigas e ainda pode sobrar algum dinheiro para realização imediata de novos desejos.

Se você está se sentindo no fundo do poço por causa das preocupações com dinheiro, fale com a moça da Ubik Poupanças & Empréstimos. Ela acaba com a dor de ser devedor. Digamos, por exemplo, você obtenha 59 pós-creds num empréstimo, pagando apenas os juros. Vejamos, o total será de... (DICK, 2009, p. 106).

26 Carrère (2016) e Peake (2015) relatam, em seus livros dedicados à vida de PKD, que o escritor de *Ubik* tinha grandes dificuldades financeiras, sobretudo por ter sido dependente químico e pagar pensão às suas ex-esposas.

O hábito universal de aquisição de novos empréstimos pode ser visto, ainda que temporariamente, como a única forma realista de suspensão da quitação definitiva da dívida. Atualmente, ingressar na condição de devedor é mais fácil do que nunca em toda a história da humanidade, basta lembrar das propagandas, em todos os lugares e em todos os momentos, que oferecem crédito rápido e sem burocracia até para os negativados. Entretanto, libertar-se dessa condição nunca foi tão difícil. Todos os que podiam se transformar em devedores e milhões de outros que não podiam e não deviam ser induzidos a pedir empréstimos já foram fisdados e seduzidos para fazer dívidas.

Outra circunstância observável, no contexto de uma sociedade consumista, é a averiguação pela qual a vida pessoal passou a se submeter em nome do planejamento para a segurança e bem-estar da coletividade. Uma das grandes contribuições para essa situação foi o surgimento da ciência atuarial, a área do conhecimento que analisa os riscos e expectativas financeiros, representando um grande avanço em direção à quantificação da vida humana para os governos e para que as empresas pudessem fazer previsões. A internet tem sido um instrumento primordial para a execução dessa tarefa.

Muitos serviços de internet têm como suporte tecnologias com Inteligência Artificial. Bostrom (2016) revela que softwares controlam o tráfego de e-mails do mundo e, apesar de adaptação contínua por *spammers* para contornar as contramedidas que estão sendo levadas contra eles, os filtros bayesianos conseguiram em grande parte manter a maré de *spam* a distância. *Softwares* que usam componentes de Inteligência Artificial são responsáveis por aprovar ou recusar automaticamente as transações do cartão de crédito e monitorar continuamente a atividade da conta por sinais de uso fraudulento. Os sistemas de recuperação de informações também utilizam amplamente o aprendizado de máquinas. O mecanismo de pesquisa do Google ainda é, sem dúvida, o maior sistema de Inteligência Artificial já construído.

Sites como Google e YouTube têm acesso gratuito pois, a partir deles, é possível traçar estatísticas sobre as expectativas de consumo, o que, para Texeira (2015), é muito mais rentável do que cobrar pela busca de informações. É necessário, entretanto, que essas páginas mantenham uma aparência de utilidade pública, quando, na verdade, são formas de produzir e atualizar, em tempo real, enormes bancos de dados. A este respeito, páginas visitadas nas redes sociais são permanentemente monitoradas, uma vez que por meio delas se detecta a variação de gostos e tendências dos visitantes. Existem algoritmos que permitem fazer projeções das preferências futuras dos consumidores e assim diminuir os riscos do lançamento de produtos novos.

Além da internet, os métodos de Inteligência Artificial agora são usados em diversas áreas. Bostrom (2016) dá uma amostra da amplitude de suas aplicações:

[...] there are hearing aids with algorithms that filter out ambient noise; route-finders that display maps and offer navigation advice to drivers; recommender systems that suggest books and music albums based on a user's previous purchases and ratings; and medical decision support systems that help doctors diagnose breast cancer, recommend treatment plans, and aid in the interpretation of electrocardiograms. There are robotic pets and cleaning robots, lawn-moving robots, rescue robots, surgical robots, and over a million industrial robots. The world population of robots exceeds 10 million. (BOSTROM, 2016, p. 17-18).

Diante da abrangência da Inteligência Artificial, pode-se afirmar que as sociedades consumistas industriais, sejam capitalistas ou socialistas, compartilham confiança nas ilimitadas possibilidades de uso da tecnologia e no pressuposto de que o planeta é uma fonte inesgotável de recursos. Teixeira (2015) afirma que a ideia de uma distribuição mais justa da riqueza, por meio de decisões políticas, seria suficiente para a erradicação da pobreza contribuiu para posicionar as preocupações ambientais em um segundo plano. A elevação dos padrões de consumo tem sido a meta compartilhada pelas sociedades industriais, muitas vezes defendida em nome do desenvolvimento ou da justiça social. Como já discutido nesse trabalho, o ato de consumir se tornou objetivo universal e o consumo exacerbado passou a dar sentido à vida ao criar a sensação de se tirar o máximo proveito dela. O paradoxo dessa situação criada pela dupla industrialismo e consumismo é que viver se tornou incompatível com a preservação da vida, e essas prioridades se chocarão num futuro próximo.

No campo da subjetividade, Bauman (2010) chama a atenção para o fato de que o surgimento e proliferação da raça de devedores deixa para um segundo plano o fato de que a natureza do sofrimento humano é determinada pelo modo de vida de cada pessoa. As origens da dor que muitos humanos lamentam hoje, assim como as raízes de diversas mazelas sociais, estão profundamente conectados ao modo como estas pessoas foram ensinadas a viver. Uma geração inteira desenvolveu o hábito, cultivado com cuidado e agora já bastante arraigado, de recorrer para os empréstimos cada vez que surge um problema ou uma dificuldade. O crédito fácil, assim como poucas drogas, cria dependência. Talvez essa dependência seja maior que qualquer substância química e, sem dúvida, mais que os tranquilizantes disponíveis no mercado. Foram décadas de generosa administração dessa droga e deixá-la indisponível ou restrita a poucas pessoas pode levar a um estado de choque e trauma.

Conforme Bauman (2010), discutir e analisar as origens do problema que aparenta ter ganhando destaque na atenção pública não é uma solução instantânea, mas a única maneira de se ter alguma possibilidade de adequação ao tamanho do problema e de sobreviver aos

intensos, ainda que breves, tormentos da desintoxicação.

Fã de ciência e tecnologia, PKD, desde criança, mostrou-se interessado nesses assuntos, colecionando e escrevendo para revistas de ficção científica, assim como participando de diversas feiras de ciências. Considerando que, em *Ubik*, as máquinas são dotadas de uma Inteligência Artificial simbólica, como ficaram conhecidas as produções desenvolvidas na primeira geração, muitas outras consequências da evolução de Inteligência Artificial podem ser apontadas além daquelas oriundas do consumismo aliado ao crédito exagerado até aqui discutidas. Antes de se deter ainda mais nos efeitos que surgem com a interação da Inteligência Artificial com humanos, é importante que se explique, ainda que resumidamente, as abordagens que a Inteligência Artificial tem passado.

Na época em que PKD escreveu *Ubik*, achava-se que a inteligência humana estava ligada a duas características: a capacidade de manipular símbolos e armazenar memória. Os humanos produzem símbolos e têm uma poderosa memória, e são esses atributos que definem sua inteligência. Desta forma, um dispositivo qualquer, para simular símbolos e ter memória, não precisava ter a mesma composição biológica e química do cérebro humano. Uma máquina poderia fazer isso se apenas emulasse as funções do cérebro. Essa foi a hipótese com a qual os pesquisadores da Inteligência Artificial trabalharam nos anos 1960 e 1970.

Depois deste período e até a década de 1990, os pesquisadores trabalharam na tentativa de imitar o cérebro humano. A chave da inteligência humana estaria na fisiologia do cérebro. Nele predominam neurônios e ligações entre eles, as conexões sinápticas. É no número extenso delas que está a chave da inteligência. Partindo desse princípio surgiu, no começo dos anos 1980, a Inteligência Artificial conexcionista, a segunda onda da Inteligência Artificial. Para Teixeira (2014, p. 36-37), “não mais se pensava em imitar a mente por meio de símbolos. Tratava-se agora de criar um modelo simplificado de cérebro, construindo redes neurais a partir de neurônios artificiais ou *neuron-like units*.”

A terceira geração da Inteligência Artificial foi a robótica, que surgiu ainda no fim do século passado. Ela teve um grande desenvolvimento a partir dos anos 1990 no laboratório de inteligência do MIT, onde havia um grupo de pesquisadores que estava preocupado em criar máquinas que se locomovessem e interagissem com o meio ambiente, sem que fossem inteiramente pré-programadas. Eles desenvolveram toda uma geração de minúsculos robôs-insetos com essa finalidade e, mais recentemente, dedicaram-se à produção de um robô humanoide completo.

A robô Sophia, desenvolvida pela Hanson Robotics, empresa baseada em Hong Kong, recebeu o título de cidadã da Arábia Saudita durante um fórum realizado em outubro de 2017. Dotada de Inteligência Artificial, a robô, agora cidadã saudita, tem mais direitos do que as mulheres daquele país, podendo se locomover sem um guardião do sexo masculino que lhe dê permissão para agir e se apresentar sem estar com o rosto e o corpo cobertos.

Além deste fato inédito e polêmico, outra grande novidade são os robôs Repliee desenvolvidos no Japão. Eles pertencem a uma série de robôs humanoides, projetados para servir de companheiros sexuais. Os Repliee estão em constante evolução e serão dotados de linguagem, emoções, personalidade própria e conviverão cotidianamente com os humanos, argumenta Teixeira (2014). Android Love Doll, Sex Bot e True Companion estão entre as maiores fabricantes de robôs sexuais e produzem bonecas eróticas bastante realistas, feitas de silicone, há certo tempo. Agora, o próximo passo é produzir bonecas capazes de se mover e falar. A vida sexual dos humanos com robôs precisará ser estudada e novos campos de pesquisa em psicologia se abrirão, pois o envolvimento emocional com essas novas criaturas será também inevitável.

Apesar de todos esses avanços, humanos e máquinas ainda vivem em mundos diferentes. Uma possível mistura terá início no momento em que a Inteligência Artificial se aliar à engenharia genética. A partir da descoberta de que o código genético é binário, ou seja, que é o mesmo tipo de código utilizado pelos computadores, emerge a quarta geração da Inteligência Artificial. O resultado desta fusão é o surgimento do pós-humano, com o aparecimento de andróides e *cyborgs*.

[...] Andróides serão aqueles nos quais a parte biológica prevalece e eles poderão ser controlados (alguns comportamentos e QI, por exemplo), interferindo-se no seu código genético. Suas diferenças com os humanos serão imperceptíveis. *Cyborgs* são os híbridos, ou seja, aqueles nos quais se misturam partes orgânicas e inorgânicas. Nos *cyborgs*, ocorre a *parabiose* ou mistura do humano com a máquina, quase sempre algum tipo de computador. Em geral, são os corpos humanos que servem de base para as máquinas, mas há alguns casos nos quais os humanos podem até tornar-se parasitas do computador, dependendo da proporção entre orgânico e inorgânico. (Teixeira, 2014, p. 42).

A associação entre corpo e máquina começou há décadas, quando pesquisadores iniciaram a produção de próteses. Entretanto, também já teve início a associação entre máquinas e corpos, ou seja, máquinas que se estendem para o mundo orgânico. Na verdade, máquinas biológicas nas quais ocorre essa associação inorgânico/orgânico começaram a ser construídas já há algum tempo. Em *Ubik*, como analisado no capítulo anterior, as personagens trocam órgãos naturais por outros artificiais à medida que os originais falham. Em *Blade Runner: o Caçador de Andróides*, talvez a obra de maior sucesso de PKD, o tema principal é o amor entre

um humano e uma androide.

Na próxima seção deste capítulo, as discussões em torno das consequências dessa evolução da Inteligência Artificial serão aprofundadas. Assim como as transformações corporais provocadas pelos avanços da técnica e impulsionadas por sociedades consumistas examinadas no capítulo anterior desse trabalho, a Inteligência Artificial também será analisada como um risco catastrófico existencial presente na modernidade tardia, conforme os alertas feitos em *Ubik*.

4.2 O risco de se gerar uma inteligência artificial não amigável

A partir da análise de *Ubik*, como distopia e ficção científica, é possível vislumbrar e discutir várias consequências e dilemas éticos para os quais o avanço da Inteligência Artificial conduz a humanidade. PKD acompanhou o nascimento do computador e sua popularização nos Estados Unidos e o autor descreve, em *Ubik*, situações em que a dependência das pessoas das novas tecnologias pode ser desastrosa. Os primeiros modelos de computador surgiram durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), construídos com o intuito de decifrar o código que o comando nazista utilizava para se comunicar com seus batalhões. Com o fim do conflito e a emergência das sociedades de massa, os computadores começaram a ser usados com fins comerciais e os objetivos iniciais da ciência da computação foram abandonados.

Teixeira (2015) aponta, como marco histórico no desenvolvimento da Inteligência Artificial, o artigo do cientista inglês Alan Turing, *Computing Machinery and Intelligence*, publicado pelo jornal acadêmico *Mind*, em 1950. Turing abordou o problema da Inteligência Artificial e propôs um experimento que se tornou conhecido como o teste de Turing, uma tentativa de definir um padrão para que uma máquina pudesse ser chamada de “inteligente”.

Turing também concebeu uma máquina como uma fita imaginária infinita, dividida em quadrados iguais com os números “0” ou “1” ocupando cada um deles. A máquina possuía um mecanismo que identificava o sinal marcado em cada um dos quadrados e a identificação era feita de um quadrado por vez, não havendo um estado intermediário entre dois deles.

Apesar da máquina de Turing parecer extremamente simples, o princípio de construção utilizado é o mesmo de qualquer computador digital. Nas máquinas reais, ou seja, aquelas que também existem fora do mundo virtual, os programas e os estados pelos quais elas passam podem ser representados por pulsos elétricos. Os pulsos de um computador digital

representam o código de “1” (presença de um pulso) e “0” (ausência de pulso). É a sequência de “1s” ou “0s” e de intervalos entre eles que cria o código binário. Tudo ocorre em milionésimos de segundos e não há estados intermediários entre os pulsos, isto é, tanto a máquina de Turing quanto os computadores reais funcionam com estados discretos e não contínuos. A mudança de um estado para outro acontece como uma sucessão de instantes.

Enquanto as pesquisas de Turing marcaram o nascimento da Inteligência Artificial, o projeto de verão da faculdade de Dartmouth (Hanover, EUA), em 1956, é apontado como a fundação da Inteligência Artificial como campo de pesquisa. Durante um mês e meio, dez cientistas, que mais tarde seriam reconhecidos como figuras fundadoras, compartilharam o interesse em redes neurais, teoria dos autômatos e estudos da inteligência. Nas seis décadas desde esse intenso começo, o campo da Inteligência Artificial alterna entre períodos de entusiasmo e altas expectativas ou períodos de revés e desapontamento.

Com invenção do computador digital, afirma Teixeira (2015), inicia-se o período denominado de pós-modernidade²⁷ e da completa digitalização da representação humana do mundo. O processo de digitalização tornou a tecnologia um fenômeno planetário tão esmagador que não há mais como evitá-lo e sua dependência gera uma inversão peculiar na relação entre humanos e máquinas. Os produtos tecnológicos já não se adaptam aos seres humanos. Ao contrário, a humanidade está cada vez mais se adaptando às máquinas inteligentes, como já notaram alguns filósofos da tecnologia no século XX.

É exatamente essa inversão na relação entre homens e máquinas que caracteriza a convivência entre as máquinas artificialmente inteligentes e as personagens de *Ubik*. Na situação abaixo, fica evidente, mais uma vez, a dependência de Joe em relação à Inteligência Artificial e a crítica ao capitalismo presente na obra:

— Pra que lado tem um vidfone público? – [Joe Chip] perguntou a um funcionário do moratório de uniforme. O funcionário apontou. — Obrigado – ele disse e seguiu andando devagar, chegando finalmente ao vidfone público. Ergueu o fone, esperou ouvir o sinal e depois colocou a moeda que Al lhe havia dado.

O vidfone disse:

— Sinto muito, senhor, mas não posso aceitar dinheiro obsoleto. – A moeda saiu tinindo da base do vidfone, e foi parar nos seus pés. Expelida com repugnância.

— Como assim? – perguntou ele, curvando-se desajeitadamente para reaver a moeda.
— Desde quando uma moeda de vinte e cinco centavos da Confederação Norte-Americana é obsoleta?

— Sinto muito, senhor – disse o vidfone –, a moeda que colocou em mim não era um *quarter* da confederação Norte-Americana, mas uma emissão já fora de circulação da

27 Em vez de pós-modernidade, a terminologia utilizada por Giddens (1991), modernidade tardia, prevalece nesse trabalho, conforme os argumentos expostos no Capítulo I.

casa da moeda da Filadélfia, dos Estados Unidos da América. É de interesse meramente numismático, agora. (DICK, 2009, p. 100).

“Vidfone”, em analogia com o mundo real, pode significar um telefone com a funcionalidade de videochamada, assim como as realizadas pelos *smartphones* e seus aplicativos de última geração. Em mais uma situação, Joe está em desvantagem e, nesse caso, não poderá fazer uma ligação, pois a máquina reconhece que o dinheiro que ele usa está ultrapassado e o joga com repugnância nos pés dele.

O contexto é bem semelhante ao descrito por Teixeira (2015) para caracterizar as sociedades dessa primeira metade do século XXI. Para ele, a tecnologia adquiriu vida própria e passou a coordenar o ritmo das sociedades humanas. As máquinas não são mais extensão humana e os humanos têm se tornado periféricos em relação à tecnologia que criam. Diante dessa inversão de papéis, há um temor de que, num futuro não muito distante, as máquinas se apoderem ainda mais dos humanos e passem a controlar sua imaginação e delimitar suas experiências subjetivas.

A Inteligência Artificial coloca a humanidade diante do risco da produção de mentes artificiais que podem não ser amigáveis. Essa já não é mais uma ameaça apenas teórica, como as da física contemporânea, que prevê a implosão do sol ou o fim do universo em alguns bilhões de anos. Foi a proposta de replicar artificialmente a mente humana que proporcionou às pesquisas em Inteligência Artificial ganharem impulso. Porém, nessas duas primeiras décadas de século, além da construção de supercomputadores muito mais poderosos do que os predecessores, a Inteligência Artificial junto com as ciências afins passaram a convergir, na medida em que se vislumbrava a mescla progressiva da ciência da computação com a biotecnologia. O entendimento é que se utilize o que a natureza já disponibiliza (o cérebro e a consciência) e se amplie suas possibilidades através da construção de seres híbridos, ou seja, humanos aperfeiçoados pela inserção de partes cibernéticas em seus corpos, especialmente no cérebro.

Teixeira (2015) alerta que a possibilidade de se construir uma máquina pensante soa quase sempre como algo contra intuitivo. Uma concepção típica do senso comum e já ultrapassada é a de que computadores só fazem o que forem programados para fazer. Hoje em dia, algumas máquinas aprendem e, com isso, podem modificar alguns de seus comportamentos. Isso ocorre, sobretudo, com máquinas que são usadas para fazer previsões nos mercados financeiros, pois elas têm mais capacidade de processar informações do que seres humanos. As máquinas inteligentes aprendem com seus erros, para não os repetir e, como estão todas

ligadas em rede, podem aprender com os erros das outras. O controle humano sobre elas diminui gradativamente, e já não se pode prever com exatidão seus comportamentos futuros.

Ubik também provoca considerações sobre a falta de controle humano sobre as máquinas inteligentes e seus direitos. Na passagem seguinte, Joe e a porta de sua residência entram mais uma vez em divergência. Como ele não tem dinheiro para pagar a porta, inicia-se uma discussão em torno do contrato assinado por Joe ao adquirir seu condapto. No fim da discussão, o sr. Chip quebra regras desse contrato e a porta, cheia de si, avisa que vai processá-lo.

Na cozinha, buscou uma moeda em diversos bolsos e, com ela, ligou a cafeteira. Inalando o odor – para ele – bastante incomum, consultou mais uma vez o relógio, viu que os quinze minutos haviam passado e seguiu, com passos energéticos, até a porta do condapto. Virou a maçaneta e puxou o trinco da tranca.

A porta se recusou a abrir. Ela disse:

— Cinco centavos, por favor. Ele revirou os bolsos. Nenhuma moeda mais. Nada.

— Eu te pago amanhã – disse à porta. Forçou a maçaneta mais uma vez. Mais uma vez ela permaneceu firmemente trancada. — O que eu lhe pago é uma espécie de gorjeta. Eu não *tenho* que pagá-la.

— Penso diferente – disse a porta. — Olhe no contrato de compra que você assinou ao adquirir este condapto.

Na gaveta da escrivaninha, ele achou o contrato. Desde que assinara, muitas vezes teve necessidade de consultar o documento. Sem dúvida. O pagamento à sua porta para abertura e fechamento constituía taxa obrigatória. Não uma gratificação.

— Descobriu que estou certa – disse a porta. Ela parecia cheia de si.

Na gaveta ao lado da pia, Joe Chip pegou uma faca de aço inoxidável. Com ela, começou a desparafusar sistematicamente o pino do ferrolho da porta mercenária de seu condapto.

— Vou te processar – foi o que a porta disse quando o primeiro parafuso caiu. (DICK, 2009, p. 30-31).

Embora a humanidade ainda não tenha chegado a situações extremas como as de Joe Chip, as pessoas devem se perguntar sobre o dogma do excepcionalismo da espécie humana. Teixeira (2015) questiona se os humanos ainda poderão ser considerados os únicos agentes morais do planeta quando algumas máquinas se tornarem tão inteligentes quanto os próprios seres humanos e se fará sentido, no caso de um acidente, responsabilizar integralmente o fabricante de um robô se essa máquina tiver autonomia e capacidade de decisão idênticas às humanas. Outro ponto colocado pelo professor é a reformulação da noção de sujeito moral para incluir outras criaturas, como já vem acontecendo no caso de alguns direitos.

Em 2004, foi redigida e aprovada a Declaração Mundial dos Direitos dos Robôs em Fukuoka, no Japão, estabelecendo os direitos e os deveres recíprocos que devem existir entre humanos e robôs. Confiantes no futuro desenvolvimento da tecnologia robótica e das inúmeras

contribuições que os robôs farão para a humanidade, a declaração afirma três expectativas específicas que os futuros robôs devem atender: os robôs da próxima geração serão parceiros que coexistirão com seres humanos; eles ajudarão os seres humanos tanto física quanto psicologicamente; e, por último, eles deverão contribuir para a realização de uma sociedade segura e pacífica.

No Japão, uma grande parte da população é idosa e, portanto, necessita de cuidadores, porém os anciãos daquele país não costumam aceitar que essa tarefa seja feita por não nativos. Foi com o intuito de sanar esse problema que a indústria robótica japonesa resolveu investir intensamente na construção de robôs humanoides que pudessem assumir a tarefa de cuidar de pessoas idosas. Na tentativa de tornar os robôs cuidadores cada vez mais próximos dos humanos, seus designers têm aperfeiçoado a forma externa, tornando-a mais semelhante possível à de seres humanos. Além disso, as novas gerações de robôs virão com a habilidade de simular emoções e poderão ter sentimentos que antes se julgava serem exclusivamente humanos. O resultado esperado é o desenvolvimento de uma empatia mútua entre seres humanos e máquinas inteligentes, como o fenômeno que já vem sendo observado com a evolução dos robôs sexuais naquele país.

Hoje em dia, a aparição de novos produtos tecnológicos precede à capacidade de poder pensar neles e refletir sobre suas consequências, o que leva a uma inversão histórica. Com suas novas e incessantes inovações, a ciência e a tecnologia passaram a antecipar os temas da reflexão filosófica contemporânea. Exemplos típicos dessa situação são os dilemas éticos que surgem com a Inteligência Artificial e com a biotecnologia, que comumente aparecem como tramas das distopias e obras de ficção científica.

Dilemas éticos são praticamente insolúveis. A história da tecnologia chegou a um ponto a partir do qual será necessário decidir se algumas invenções serão desejáveis, apesar de forçarem as sociedades a conviverem com esses impasses. Alguns estudiosos defendem que a reflexão ética poderá se tornar tão importante quanto a própria construção do conhecimento científico, que ainda tem sido considerado uma das prioridades da espécie humana. Neste novo século, é preciso que a discussão das implicações éticas preceda a instauração de novas tecnologias, para que não sejam recebidas e aceitas passivamente, como tem ocorrido ao longo da história.

Nessa direção, o pesquisador americano de Inteligência Artificial Eliezer Yudkowsky propõe que a construção de Inteligência Artificial deve incluir o conceito de *friendly AI* (Inteligência Artificial amigável, em tradução livre). Em *Ubik*, as máquinas dotadas

de Inteligência Artificial chamam atenção para o fato deste tipo de tecnologia ser detentora de linguagem, comportamentos e sentimentos similares aos humanos, mas não são amigáveis com os humanos, servindo de alerta para o risco catastrófico existencial que esse tipo de criação pode gerar.

Yudkowsky (2008) afirma que é tentador ignorar a Inteligência Artificial, pois é provável que seja o risco catastrófico global mais difícil de se discutir. Para ele, catástrofes provocadas por Inteligência Artificial tornam-se mais preocupantes porque não se pode usar cálculos a partir de um modelo precisamente confirmado para descartar eventos ou colocar limites superiores infinitesimais sobre a sua probabilidade, assim como executado nos desastres de física propostos.

Um caminho que leva à catástrofe global é que a existência de Inteligência Artificial se origina através da acumulação de algoritmos de trabalho, com os pesquisadores sem uma compreensão profunda de como funciona esse sistema combinado. No entanto, eles acreditam que a Inteligência Artificial será amigável, sem uma forte visualização dos exatos processos envolvidos na produção de comportamento amigável ou qualquer compreensão detalhada do que eles entendem por amigável. Para Yudkowsky (2008), os primeiros pesquisadores de Inteligência Artificial foram bem sucedidos na construção de programas inteligentes, mas cometeram o erro grosseiro de ter uma expectativa vaga a respeito de quão amigável eles eram.

O cenário catastrófico que emerge da subestimação do poder da Inteligência Artificial é algo comparável à construção de um botão por uma pessoa qualquer e essa pessoa não se preocupa suficientemente com o que esse botão faz, pois ela não acha que o mecanismo é poderoso ao ponto de feri-la. Outra fonte deste cenário é que a maior parte do campo de estudo da Inteligência Artificial não dedica atenção suficiente aos riscos de construção de uma inteligência equiparável à humana e, portanto, boas ferramentas para a construção de inteligências amigáveis não estarão disponíveis quando for possível desenvolver inteligências desse patamar. Porém, a Inteligência Artificial possui um caráter ambivalente que não pode ser desprezado.

And one should not fail to mention – for it also impacts upon existential risk – that AI could be the powerful solution to other existential risks, and by mistake we will ignore our best hope of survival. The point about underestimating the potential impact of AI is symmetrical around potential good impacts and potential bad impacts. [...] (YUDKOWSKY, 2008, p. 314)

Portanto, seguindo a linha de pensamento desse autor, Inteligência Artificial poderá ser uma poderosa solução para outros riscos existenciais e subestimar o potencial de seu

impacto é simétrico ao potencial dos impactos bons e ruins.

Para Bostrom (2016), algumas tecnologias causam efeitos ambivalentes na questão dos riscos existenciais, aumentando alguns riscos existenciais enquanto diminui outros. A superinteligência, que ele define como qualquer intelecto que exceda a performance cognitiva dos humanos em virtualmente todos os domínios, é uma dessas tecnologias.

Comparativamente, os riscos existenciais da natureza, como impactos de asteroides, supervulcões e pandemias naturais, são pequenos a prazos relevantes, mas a superinteligência poderia eliminar ou reduzir muitos dos riscos antropogênicos. Particularmente, ela reduziria riscos de destruição acidental, incluindo aqueles relacionados às novas tecnologias. Mais eficaz que os humanos, uma superinteligência seria menos suscetível a cometer erros e mais facilmente reconheceria quando precauções são necessárias e, então, implementaria-las competentemente. Uma superinteligência bem construída pode, às vezes, assumir um risco, mas somente quando isso é sábio.

Seria uma grande vantagem eliminar os tipos de risco que possam ser associados a seres humanos que desenvolvem biologia sintética, nanotecnologia molecular, engenharia climática, instrumentos para o aprimoramento biomédico e manipulação neuropsicológica, ferramentas de controle social que possam facilitar o totalitarismo ou a tirania, além de outras tecnologias ainda não imaginadas. Um argumento, defende Bostrom (2016), poderia ser desenvolvido: que a chegada da superinteligência seja o quanto antes. No entanto, se os riscos da natureza e outros não relacionados com a tecnologia futura são pequenos, então esse argumento pode ser aperfeiçoado: o que importa é que a superinteligência chegue antes de outras tecnologias perigosas, como a nanotecnologia avançada. Se isso acontecer, mais cedo ou mais tarde, pode não ser tão importante, desde que a ordem da chegada seja a certa.

O motivo para preferir que a superinteligência venha antes de outras tecnologias potencialmente perigosas, como a nanotecnologia, é que a superinteligência reduziria os riscos existenciais da nanotecnologia, mas não o contrário. Assim, se a superinteligência for criada primeiro, serão enfrentados apenas os riscos existenciais associados à superinteligência. Contudo, se a nanotecnologia for desenvolvida primeiro, os humanos enfrentarão os riscos da nanotecnologia e, depois, adicionalmente, os riscos da superinteligência. Mesmo que os riscos existenciais da superinteligência sejam muito grandes, e mesmo que a superinteligência seja a mais arriscada de todas as tecnologias, poderia ser o caso de acelerar sua chegada.

A falta de controle sobre as máquinas inteligentes em *Ubik* revelam a opressão

sofrida por humanos, especialmente aqueles que não honram seus pagamentos. Ainda que as máquinas presentes no romance disponham de inteligência no mesmo nível dos humanos, as consequências são desastrosas para quem não se adapta a esta sociedade. Ao tentar comprar café em um restaurante, Joe acaba discutindo com o alto-falante do estabelecimento por não portar cartão de crédito. O diálogo se encerra com a revolta de Joe, após ser humilhado pela máquina inteligente.

— Não precisamos de gente como você – disse o alto-falante.

— Um dia desses – disse Joe com raiva – pessoas como eu vão se revoltar e destruir vocês, e será o fim da tirania das máquinas homeostáticas. O tempo dos valores humanos, da compaixão e do simples afeto retornará. E quando isso acontecer, uma pessoa como eu, que passou por uma provação e tem uma necessidade genuína de café quente para se animar e continuar funcionando quando tem que funcionar, conseguirá o café quente, tendo ela um pós-cred disponível no momento ou não. – Ergueu o jarro de creme em miniatura e o colocou de volta no balcão. Além do mais, o seu creme, ou leite, ou o que quer que seja, azedou. (DICK, 2009, p. 94).

Joe evidencia a tirania das máquinas no mundo descrito em *Ubik*, e clama pelo retorno a uma época em que a compaixão e afeto humanos tinham mais valor. Há teóricos que defendem a eliminação total das máquinas para que os interesses humanos predominem sobre os de seres dotados de Inteligência Artificial, sobretudo quando a temática é a preservação dos empregos²⁸.

Embora sejam evidenciadas as consequências negativas da relação entre humanos e Inteligência Artificial, na maioria das situações narradas entre Joe Chip e máquinas inteligentes, é possível perceber que PKD tinha ciência de que as máquinas poderiam ser amigáveis e úteis.

Ainda com o alegre pijama listrado, estilo palhaço, Joe Chip sentou-se, meio confuso, à mesa da cozinha, acendeu um cigarro e, depois de inserir uma moeda, girou o seletor de sua máquina de homeojornal, alugada recentemente. De ressaca, moveu o botão até eliminar as *notícias interplanetárias*, pairou momentaneamente sobre as notícias nacionais e então selecionou *fofocas*.

— Sim, senhor – disse a máquina num tom de entusiasmo. — Fofocas. Adivinhe o que está aprontando, neste exato momento, Stanton Mick, o solitário especulador financeiro conhecido interplanetariamente?

O mecanismo zumbiu, e um rolo de material impresso foi saindo da fenda. O papel ejetado, um documento em quatro cores, nitidamente gravado em negrito, rolou pela superfície da mesa de neoteca até bater no chão. Com a cabeça doendo, Chip o apanhou e estendeu diante de si. (DICK, 2009, p. 25).

28 Joe poderia ser considerado um neoludista por defender, através da destruição das máquinas, o fim da era tecnológica como a solução para o retorno do afeto e compaixão à humanidade. Os neoludistas são um tipo de reedição do ludismo. O ludismo foi um movimento criado na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX, pelo legendário Ned Ludd, que incitava a invasão das tecelagens e a destruição de máquinas que substituíssem operários. É provável que ocorra algo semelhante, quando, por exemplo, os motoristas profissionais forem substituídos por pilotos automáticos.

Percebe-se um clima amistoso na passagem acima, afinal Joe traça um pijama alegre e acorda querendo saber das fofocas, apesar da ressaca. A máquina alugada recentemente o atende entusiasmada. Numa tentativa de aproximação entre a situação descrita e outra similar do cotidiano, pode-se pensar nos sites especializados na vida das celebridades, bastante acessados pelas telas de *smartphones* e *tablets*. Além de não ser necessária a impressão, também não é preciso alugar esses eletrônicos, que se tornaram indispensáveis devido às inúmeras funcionalidades que eles oferecem. Contudo, não se deve esquecer que, em sociedades consumistas, novos modelos de celulares estão sempre surgindo e altos valores são cobrados para se dispor de internet veloz nesses aparelhos.

A internet, através de *smartphones*, *tablets* e computadores portáteis, contribuiu para extinção da partição conquistada no século XX entre trabalho e lazer, e, com isso, a tecnologia frustrou as expectativas de diminuição do trabalho, o que poderia contribuir para a felicidade. Ao contrário, o uso destes eletrônicos e de outras tecnologias esmaeceu as fronteiras entre o início e o fim da jornada de trabalho; com isso, o fascínio em relação às tecnologias inovadoras passou a ser acompanhado por uma decepção. As redes sociais também se incluem no *hall* de causadores da dependência de pessoas a essas tecnologias. Em recente entrevista, a socióloga americana Amber Case alerta sobre essa conjuntura e selecionamos um trecho que a resume:

A tecnologia não é ruim, mas seu uso está nos desconectando e escravizando. Chegamos a olhar o celular entre 1.000 a 2.000 vezes por dia. Temos que começar por redefinir nossa relação com a tecnologia: é uma ferramenta, muito útil, mas tem que nos tornar livres. O celular é o novo cigarro: se fico entediada, dou uma olhada nele. Não mande mensagens vazias de emoção, convide seus amigos para um jantar na sua casa. (KAYSER, 2017).

Defensor da ideia de que Inteligência Artificial tem potencial de proporcionar tanto consequências boas quanto ruins, Yudkowsky (2008) aponta que o desafio não é prever que a humanidade será atacada por um exército de robôs em marcha ou que a Inteligência Artificial vai inventar a cura do câncer. A tarefa a ser feita também não é fazer previsões a respeito do design de uma Inteligência Artificial arbitrária. Em vez disso, a tarefa é escolher a existência de um poderoso e particular processo de otimização cujos efeitos benéficos podem legitimamente ser afirmados. Resumidamente, seria bom se a humanidade soubesse como construir uma Inteligência Artificial bondosa.

A maneira pela qual uma verdadeira Inteligência Artificial possa permanecer com seus objetivos estáveis talvez passe pela combinação de inteligência humana e algoritmos de computador.

Proving a computer chip correct requires a synergy of human intelligence and computer algorithms, as currently neither suffices on its own. Perhaps a true AI could use a similar combination of abilities when modifying its own code – would have both the capability to invent large designs without being defeated by exponential explosion, and also the ability to verify its steps with extreme reliability. That is one way a true AI might remain knowably stable in its goals, even after carrying out a large number of self-modifications. (YUDKOWSKY, 2008, p. 318)

Do ponto de vista de risco existencial, um dos pontos mais críticos que envolvem Inteligência Artificial é que ela pode aumentar extremamente rápida sua inteligência. O motivo óbvio para suspeitar dessa possibilidade é o auto aperfeiçoamento recursivo, um mecanismo que inclui melhoria na tarefa de escrever as funções cognitivas internas de uma Inteligência Artificial. Desse modo, a Inteligência Artificial pode reescrever suas funções cognitivas existentes para funcionar mais eficientemente, o que a torna ainda mais inteligente, inclusive na tarefa de reescrever-se, e isso promove mais aperfeiçoamentos. Essa capacidade, conforme Yudkowsky (2008), implicaria num enorme salto em inteligência.

An Artificial Intelligence could rewrite its code from scratch – it could change the underlying dynamics of optimization. Such an optimization process would wrap around much more strongly than either evolution accumulating adaptations, or humans accumulating knowledge. The key implication for our purposes is that an AI might make a huge jump in intelligence after reaching some threshold of criticality. (YUDKOWSKY, 2008, p. 323).

A partir dessa conjuntura, Yudkowsky (2008) classifica as estratégias para mitigar os riscos provocados pela Inteligência Artificial em três tipos. O primeiro tipo aglomera aquelas que requerem cooperação unânime; o segundo tipo demanda ações majoritárias, sejam elas as legislaturas de um país ou a maioria das nações que compõe as Nações Unidas; o último grupo reúne as estratégias voltadas para a ação local: uma concentração de vontade, talento e financiamento que supera o limiar de alguma tarefa específica.

Yudkowsky (2008) acredita que as estratégias unânimes são impraticáveis, embora as pessoas não parem de propô-las. Já as estratégias majoritárias, às vezes, são executáveis, desde que se tenha bastante tempo para realizá-las, talvez décadas, pois elas exigem grandes esforços. Enquanto isso, estratégias locais são comumente as mais eficazes, visto que é mais fácil obter milhões de dólares de financiamento do que promover uma mudança na política global.

Apesar de Yudkowsky (2008) detectar que “Inteligência Artificial amigável” é um tema não apenas impopular ou sem financiamento, mas ausente da paisagem conceitual, a apreensão com a necessidade de uma ética para regular a convivência de humanos com máquinas inteligentes não é nova e já aparecia nos contos de ficção científica de Isaac Asimov. Em *I, robot* (1939), o escritor rompe com a superficialidade e antecipa a complexidade dos

seres artificiais, propondo as três leis da robótica. A primeira tentativa de introduzir regras morais na sua programação é composta pelas seguintes premissas: 1ª Lei - um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal; 2ª Lei - um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por esses seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a primeira lei; 3ª Lei - um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira ou segunda leis. No entanto, esses princípios precisam ser revistos e ampliados, pois não conseguem dar conta de exceções importantes, o que impede que sejam propagados.

Além das contribuições de Asimov e Yudkowsky para redução do risco de uma revolução das máquinas inteligentes, o filósofo Bostrom (2016) propõe dois objetivos que aparentemente atendem a todos os desejos: análise estratégica e capacidade de construção.

O que ele quer dizer com análise estratégica é a busca por considerações cruciais: ideias ou argumentos com o potencial de mudar os pontos de vista não apenas sobre a estrutura de implementação, mas sobre a topologia geral desejável. Mesmo uma única consideração crucial esquecida poderia viciar os esforços mais valentes ou torná-los tão prejudiciais quanto os de um soldado que está lutando do lado errado. A busca por considerações cruciais, que devem explorar questões normativas e descritivas, muitas vezes requerem cruzar as fronteiras entre diferentes disciplinas acadêmicas e outros campos do conhecimento. Como não existe uma metodologia estabelecida sobre como fazer esse tipo de pesquisa, é necessário um pensamento original.

Outra atividade de alto valor, que compartilha a propriedade robusta de ser benéfica em uma ampla gama de cenários com a análise estratégica, é o desenvolvimento de uma base de suporte bem constituída que leve o futuro a sério. Essa base pode fornecer recursos imediatos para pesquisa e análise. Se e quando outras prioridades se tornarem visíveis, os recursos podem ser redirecionados em conformidade com as necessidades. Uma base de suporte é, portanto, uma capacidade de propósito geral, cuja utilização pode ser guiada por novas ideais à medida que elas emergem. Bostrom (2016) esclarece como deveria ser composta a rede de doadores:

One valuable asset would be a donor network comprising individuals devoted to rational philanthropy, informed about existential risk, and discerning about the means of mitigation. It is especially desirable that the early-day founders be astute and altruistic, because they may have opportunities to shape the field's culture before the usual venal interests take up position and entrench. The focus during these opening gambits should thus be to recruit the right kinds of people into the field. [...] (BOSTROM, 2016, p. 317-318).

Por fim, após as discussões em torno do risco de se desenvolver uma Inteligência

Artificial tão ou mais inteligente que os humanos, pode-se afirmar que não faz sentido permanecer com o velho debate ético sobre se a tecnologia é intrinsecamente nociva ou se é o uso do que vem dela que deve ser discutido. Para Teixeira (2015), a tecnologia é criação artística, ou seja, é *poiesis*. São as finalidades atribuídas aos inventos que os tornam poiéticos e, concomitantemente, fora do controle humano, pois, através do uso, eles se transformam em criações coletivas sem resultados previsíveis. Ou seja, não existe um bom ou mau uso da tecnologia, pois sua utilização não é determinada por ninguém.

O que somente prevalece é o fato da Inteligência Artificial estar, apesar dos altos e baixos, cada vez mais próxima do nível de inteligência humana e que algumas estratégias precisam ser colocadas em prática para que as máquinas do futuro sejam aliadas dos humanos no enfrentamento dos riscos catastróficos existentes e dos que venham a surgir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nascimento da modernidade no século XVII foi seguido pela emergência do movimento iluminista. Centrado no domínio da natureza, na descoberta científica e na busca da excelência individual em nome do progresso humano, o Iluminismo entra em declínio no século XIX e pode-se dizer que as duas Guerras Mundiais do século XX sepultam de vez todo esse otimismo. *Ubik* é escrito em meio aos movimentos contraculturais e antimodernistas dos anos 1960, contendo traços da denominada sociedade da informação ou sociedade de consumo, conforme se demonstrou nesse trabalho.

PKD elabora uma obra que expõe uma sociedade que vive em condições de pós-modernidade, um modo muito diferente de vida que os sábios do Iluminismo e seus seguidores planejaram. As pessoas da Confederação Norte-Americana enfrentam medos, que se tornaram tarefa para toda a vida e meia-vida, como a invasão da privacidade e roubo de dados confidenciais das empresas. Os riscos, de vários tipos e interconectados, já vêm sendo retratados em obras literárias, como *Ubik*, antes de muita gente se dar conta de sua existência. Agora eles são considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana.

A partir do conceito e caracterização de ficção científica e distopia, incluindo sua relação com a utopia, demonstrou-se como uma das obras de maior qualidade de PKD, *Ubik*, suscitou alertas, ainda nos anos 1960, sobre problemas que poderiam surgir (e realmente aparecerem) em poucos anos. Antes, entretanto, o romance foi caracterizado como uma obra pertencente ao movimento pós-modernista, e relacionou-se o conceito de heterotopia e linguagem pós-estruturalista ao modo como as personagens aparecem na obra.

Discutiram-se alguns dos avisos apontados por PKD em torno de dois centros temáticos: o humano (*Homo faber* e *Homo consumens*) como gerador de risco existencial e a Inteligência Artificial também como um risco existencial. Ao longo do texto, procurou-se refletir sobre as implicações da modernidade tardia nas sociedades atuais com o intuito de demonstrar o poder de previsão das distopias. Primeiro, se analisou os riscos das transformações corporais, com o auxílio da técnica, no enfrentamento do medo da morte e no contexto de uma sociedade consumista. Em seguida, discutiu-se sobre outras ameaças relacionadas com o desenvolvimento de Inteligência Artificial com o mesmo nível de conhecimento que uma pessoa comum, tais quais as máquinas opressoras retratadas na obra.

Avanços científicos, sobretudo na área médica, alteraram a maneira das pessoas encararem a morte; a desconstrução da morte, por meio de implantes, clonagens e criogenia,

por exemplo, tornou esse evento “inevitável” ainda mais aterrorizante, em vez de amenizá-lo. Também é notável a modificação na relação humano-natureza quando se compara o início da Idade Moderna com a modernidade tardia.

Revelou-se também como o estilo de vida consumista transforma os corpos das pessoas em algo sem uma finalidade específica. Tanto na sociedade consumista de *Ubik*, quanto no mundo real, prevalece o apavorante medo da inadequação. Alterações no campo do trabalho e do capital também podem ser encontradas no cenário atual brasileiro e em outras economias liberais, semelhante às situações narradas no romance.

Ademais, evidenciou-se como as máquinas no romance servem de instrumento do capitalismo e consumismo. O desenvolvimento de Inteligência Artificial não amigável não é algo tão distante da realidade e foram indicados os inúmeros mecanismos do cotidiano que utilizam esse tipo de tecnologia. Foram apontados ainda os benefícios de se antecipar a chegada de uma Inteligência Artificial tão ou mais capaz que um humano, afinal nem tudo é motivo para lamentar e esse novo ser pode ajudar a mitigar outros riscos que assombram a modernidade tardia.

A partir das análises, é possível traçar um paralelo entre as transformações pelas quais passaram tanto a Ciência, como as Artes e a Literatura na primeira metade do século passado: rejeitaram-se a ideia de ser humano centrado e iluminado, as essências e as metanarrativas. Enquanto a ciência servia ao humano no domínio e exploração da natureza, o mundo esteve mais equilibrado. A partir do momento que o humano é seduzido e dominado pelo poder do conhecimento, aquela postura otimista em relação ao saber científico dá lugar ao pessimismo, à dúvida, ao mal-estar. Nessa época de incertezas, o humano em crise parece ter perdido seu *telos*.

Nessa perspectiva, a Ciência encontra as fronteiras de suas disciplinas fragilizadas, assim como se deu a produção deste trabalho dissertativo, quando se buscou pôr em diálogo a Literatura, o Conhecimento e Fazer Científico, a Filosofia e a Sociologia. Na execução dessa tarefa foi dificultoso o acesso aos textos que são referência na temática dos riscos catastróficos e da Inteligência Artificial, pois parte da bibliografia utilizada não está à venda em lojas brasileiras. É importante destacar ainda a escassez de trabalhos acadêmicos, em língua portuguesa, que tratem da obra de PKD, o que ressalta a necessidade de mais pesquisas sobre seu legado.

Por fim, é viável afirmar que ficção científica distópica funciona como mecanismo

a partir do qual se podem criticar os emergentes problemas da modernidade tardia. Através de uma análise interdisciplinar foi proposto um entendimento dos mecanismos de operação da sociedade. Consequente, este gênero é uma maneira de resistir à era das mudanças radicais, como observado no saudosismo de PKD ao escrever uma narrativa em que as coisas retrocederam ao ponto das máquinas voltarem ao estado em que elas não pensavam.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Edições Almedina, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 4. ed. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BACON, Francis. **History of life and death**. Disponível em: <<http://www.sirbacon.org/historylifedeath.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- BACON, Francis. **Novum Organum**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- BALDESSIN, Marcell Giglioli Stoppa. **A ficção científica como derivação da utopia: a inteligência artificial**. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000391792>>. Acesso em: 05 maio 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida a crédito: conversas com Citali Rovirosa-Madrado**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOSTROM, Nick; ČIRKOVIĆ, Milam M. Introduction. In: _____. **Global Catastrophic Risks**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 1-29.
- BOSTROM, Nick. **Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- CARRÈRE, Emmanuel. **Eu estou vivo e vocês estão mortos**. Tradução Daniel Lühmann. São Paulo: Aleph, 2016.
- CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. In: _____. **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 107-131.
- CREDIT CARD. **Encyclopedia Britannica**, London. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/credit-card>>. Acesso em: 21 nov. 2017.
- DICK, Philip K. **Ubik**. Tradução Ludimila Hashimoto. São Paulo: Aleph, 2009.
- FITTING, Peter. Utopia, dystopia and science fiction. In: CLAEYS, Gregory (Ed). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 135-153.

FLEMING, Amy. Could lab-grown fish and meat feed the world – without killing a single animal? **The Guardian**, Londres, 20 set. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2017/sep/20/lab-grown-meat-fish-feed-the-world-frankenmeat-startups>>. Acesso em: 29 set. 2017.

FROMM, Erich. Posfácio. In: ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 365-379.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo, Editora Eunesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

GRIFFIN, Andrew. Saudi Arabia grants citizenship to a robot for the first time ever. **Independent**, Londres, 26 out. 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/news/saudi-arabia-robot-sophia-citizenship-android-riyadh-citizen-passport-future-a8021601.html>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 25. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica**. Tradução: Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

KANAAN, Hanen Sarkis. **O fim da história e o último homem**. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1451/1224>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

KAYSER, Belén. Amber Case: “O celular é o novo cigarro: se fico entediada, dou uma olhada nele. Está nos escravizando”. **El País**, Madri, 08 dez. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/05/tecnologia/1512483985_320115.html>. Acesso em: 08 dez. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia geral**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. As guerras do fim do mundo. **El País**, Madri, 06 set. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/opinion/1409856348_817996.html>. Acesso em: 09 jun. 2017.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 30. ed. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 2012.

NOGUEIRA, Tânia. Fábrica de órgãos. **Super Interessante**, São Paulo, 31 jul. 2003. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/fabrica-de-orgaos>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

OLIVEIRA, Nielmar de. Endividamento das famílias cresce e atinge 58,4%. **Agência Brasil**, Brasília, 04 out 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-10/endividamento-das-familias-cresce-e-atinge-584>>. Acesso em: 23 nov 2017.

OTERO, Léo Godoy. **Introdução a uma história da ficção científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.

PEAKE, Anthony. **A vida de Philip K. Dick**: o homem que lembrava o futuro. 1. ed. Tradução: Ludimila Hashimoto . São Paulo: Seoman, 2015

RAINWATER, Steve. World Robot Declaration Issued by Japan. **Robots.net**, 26 fev. 2004. Disponível em: <<http://robots.net/article/1113.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

REES, Martin J. Foreword. In: BOSTROM, Nick; ČIRKOVIĆ, Milam M. (Ed). **Global Catastrophic Risks**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. iii-vii.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Inteligência artificial**: uma odisséia da mente. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **O cérebro e o robô**: inteligência artificial, biotecnologia e nova ética. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

VERSIGNASSI, Alexandre. O que é criogenia humana? **Mundo Estranho**, São Paulo, 18 abr. 2011. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/ciencia/o-que-e-criogenia-humana/>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

VIEIRA, Rosa Maria. **O fim da história**: de Hegel a Fukuyama. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/download/38490/37230>. Acesso em: 05 jun. 2017.

WAKEFIELD, Jane. Os usos sexuais de robôs que estão preocupando cientistas. **BBC Brasil**, São Paulo, 11 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40564247>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

YUDKOWSKY, Eliezer. Artificial Intelligence as a positive and negative factor in global risk. In: BOSTROM, Nick; ČIRKOVIĆ, Milam M. (Ed). **Global Catastrophic Risks**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 308-345.

ZATERKA, Luciana. Francis Bacon e a questão da longevidade humana. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 495-517, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v13n3/2316-8994-ss-13-03-00495.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.